

Alerta no Congresso da USL

Governo está a preparar milhares de despedimentos nas empresas públicas

Pág. 10

Entre as Canárias e a Mauritânia

Nove pescadores de Peniche desaparecidos em naufrágio

Pág. 24



Confirmada libertação de Walesa

Depois de, durante a tarde e noite de ontem, se terem sucedido notícias contraditórias a este respeito, está confirmado que o líder do sindicato polaco «Solidariedade», dissolvido há cinco semanas foi «tecnicamente libertado» por ordem do Ministério do Interior de Varsóvia às 12h55 de ontem, 11 e 55 de Lisboa. Walesa terá abandonado a casa de Arlamow, junto da fronteira soviética, onde se encontrava detido, mas ainda se ignora o seu paradeiro actual. Observadores anotam a coincidência de esta libertação ocorrer imediatamente após o falecimento de Brejnev, e de a notícia ter sido divulgada praticamente em simultâneo com a da eleição de Yuri Andropov, para o cargo de secretário-geral do PCUS. Por outro lado, e como se sabe, a tentativa de greve nacional convocada pela estrutura sindical ilegalizada para o passado dia 10 foi um fracasso, e as relações entre a Igreja e o Estado polacos estão agora a evoluir com vista à visita que o Papa João Paulo II fará à Polónia, no mês de Junho do próximo ano.

Pág. 12

Benfica-Porto na Luz

Serenata à chuva

Dizem os meteorologistas que, para amanhã, o tempo chuvoso está na cara. Dai que se imagine, para a Luz, no sensacional embate do Benfica com o FC Porto, a possibilidade de uma serenata à chuva, tantos os valores sobre o palco, tal o nível do «show» que podem interpretar. Ainda que sem o comando de Pedroto (que já está na Invicta, mas apenas de ouvido no transistor) os azuis-brancos para além da falta de Jacques, surgem com a sua melhor representação, Inácio e Gabriel incluídos. Quanto aos encarnados, lamentando a lesão de Sheu (que o impede de entrar na festa) tudo está OK: de Bento a Filipovic.

Pág. 17

Socialistas consideram-se única alternativa à AD nas próximas autárquicas



O Partido Socialista revelou-se ontem cheio de esperança nas eleições autárquicas de 12 de Dezembro, havendo até necessidade de pôr travão a algum triunfalismo das federações e das bases. As boas perspectivas divulgadas ontem no Largo do Rato, em conferência de Imprensa, serão certamente um dos suportes da tese defendida. O significado das autárquicas não se esgota a esse nível, sendo reivindicadas implicações de ordem nacional.

Pág. 5

Hoje

Sete Ponto Sete



O significado da «importância» de Milton Friedman

Silva Falcão

U M qualquer sujeito, medianamente esclarecido acerca das coordenadas ao tempo actual, esfrega os olhos pensando não estar acordado ao pensar no interesse que se atribui a uma figura que dá pelo nome de Milton Friedman, um dos corifeus do neoliberalismo económico. A TV portuguesa reflectiu esse interesse ao privilegiar com o 1.º canal a emissão de uma série de programas centrados na citada figura, um autêntico figurão, quando a evocação do «imortal» Adriano Correia de Oliveira era vergonhosamente relegada para o 2.º canal. Mas as pessoas minimamente cultas, as pessoas que se procuram informar junto de fontes sérias acerca dos acontecimentos e do seu entendimento conhecem o que é a explanação prática da estranha ideologia de Friedman, os resultados das políticas económicas, por exemplo, do Chile e da Grã-Bretanha. Porém, o lançamento maciço do exuberante economista corresponde a um objectivo bem determinado; uma construção teórica que justifique o malogro do sistema capitalista nos derradeiros anos, que sirva como balão de oxigénio na luta de sobrevivência do grande capital. Há quem acredite nessa construção. Já Winston Churchill se afirmava capaz de compreender quase tudo, mas que a economia ultrapassava o seu entendimento.

A base da argumentação dos neo-liberais é rectilínea: simples e cómoda. Mas absurda. A culpa de todos os males do capitalismo assenta na intervenção estatal.

O mercado deve ser o único regulador da vida económica. Não aceitam os neoliberais o declínio do mercado, onde o oligopólio surge como uma concorrência imperfeita que não chega a afectar o jogo do mercado. Este é alterado, isso sim, quando o Estado decide intervir. Nesta hipótese surgem então as assimetrias. As crises.

Toda a argumentação aduzida por Friedman e seus sequeiros é

falaciosa. Ignora a história do capitalismo, o papel a que foi chamado o crescente intervencionismo estatal e a essência do mercado nos tempos hodiernos. Toda a construção dos «homens de Chicago» repousa em falsos caboucos. Frisemos primeiro a situação que tornou premente a intervenção do Estado. Remontemos ao ano de 1939 quando o império capitalista se encontrava em crise com indícios de mortal. O livre jogo do mercado encaminhou a economia na senda da mais total anarquia. Como explicam os neoliberais a crise de 1929? Apenas a erróneas decisões de responsáveis governamentais, sem qualquer relação com a eficiência dos mecanismos do mercado. É falsa esta interpretação. Houve quem previu no plano teórico a profunda crise económica de 1923/29. O Instituto de Economia Mundial e de Política Mundial, da União Soviética, utilizando a teoria marxista do ciclo, largamente aplicado nos anos vinte. Foi previsto o eclodir da crise, foram previstas as suas particularidades, a partir do estudo da reprodução capitalista. Um técnico do referido Instituto, E. Varga, afirmou na altura quando se daria o relançamento da economia mundial. A grave crise verificada não resultou de meras decisões de responsáveis, como asseveram os neoliberais, resultou sim do sistema capitalista, da sua dinâmica. Hoje, transcorridos mais de meio século, com um conjunto de condições naturalmente mais complexas, ainda há quem, no reino do absurdo, pretenda lançar a humanidade numa terrível aventura. Nos anos posteriores à crise de 1929 foi precisamente a intervenção dos estados que conseguiu mais um período de equilíbrio na vida do capitalismo. A intervenção generalizada dos poderes públicos na actividade económica não surgiu como uma qualquer opção, surgiu como uma necessidade. Negar esta realidade será como negar a existência do dia e da noite.

Quanto à concepção que possuem de mercado os neoliberais, o seu engano não é de menores proporções. Eles ignoram na prática a história do capitalismo, julgando-se no tempo em que as

condições temporais justificavam um Adam Smith ou um David Ricardo. Conforme a teoria marxista, existem três fases fundamentais na história do capitalismo: a) a fase primitiva, manufatureira; b) a fase clássica, fabril e de concorrência; c) a fase imperialista ou monopolista. O mundo actual vive a última fase, a fase do imperialismo. A fase da livre concorrência sucedeu a fase do monopolismo simples, e a partir de uma certa evolução deste, uma subfase, a do capitalismo monopolista do Estado. No entanto, esta óptica não é exclusiva dos economistas marxistas. Há identidade entre esta óptica e a defendida por muitos economistas. Varia a nomenclatura empregada, mas não varia a concepção tida. Recordamos a um famoso economista americano, John Kenneth Galbraith.

Eis algumas das suas afirmações: «O desenvolvimento da grande empresa arrastou o declínio inelutável do mercado. Os preços cessam de ser confiados ao jogo impessoal da concorrência, pois a grande empresa usurpou o direito essencial de fixar os seus próprios preços. São numerosos aqueles que ainda fecham os olhos. Uma retaguarda muito conservadora, em minha opinião em perda de velocidade, recusa categoricamente esta nova imagem da sociedade económica. É a posição do Prof. Milton Friedman e dos seus discípulos, entrincheirados na sua fé incondicional na supremacia do mercado. Eles chegam ao ponto de ler nas suas estatísticas o enfraquecimento da concentração e do oligopólio.»

Milton Friedman apoia-se na sua construção teórica em duas ideias basilares erradas por desajustadas. A ideia de que o intervencionismo estatal, não só é desnecessário como se revela o motor de todos os males que atingem o sistema capitalista e a ideia de que o mercado funciona no melhor dos mundos, em concorrência perfeita, na ignorância do peso absoluto do oligopólio no mercado.

Uma ideologia que assenta em premissas inconsequentes, vazias de racionalidade, terá de ser

uma ideologia condenada ao fracasso sobretudo se essa ideologia for o suporte de uma política económica. Suponha-se o caso da formação dos preços. Para os neoliberais, que consideram modelar o funcionamento do mercado, se for extirpada qualquer intervenção estatal, os preços resultarão do livre jogo da oferta e da procura. Ora, sabe-se que as coisas não se passam assim. Com ou sem intervenção estatal, sobretudo sem intervenção, os preços são normalmente determinados pelos oligopólios. Sabe-se também que o cúmulo de inflação e desemprego verificado nos últimos tempos deriva precisamente da extraordinária irregularidade do mercado, com a consequente carência de um equilíbrio global. Voltaremos, aprofundando, a este tema.

Embora sem nexos nem lógicas, a argumentação de Friedman e seus discípulos foi acolhida entusiasticamente nos centros de decisão do imperialismo. Beneficiando dos favores dos poderosos meios de comunicação social, a sua propaganda surge-nos envolta em agradável roupagem: liberdade para escolher. Porém, que liberdade para escolher possuem milhões de pessoas por esse mundo fora? De qualquer forma uma verdade se deve salientar. Quando um sistema procura transformar em bandeira uma teoria como o neoliberalismo, que é um insulto à inteligência das pessoas, algo vai muito mal para o sistema que não adrega apresentar outras saídas para a crise. Ainda por cima o neoliberalismo favorece uma maior exploração.

E que pensar de um Milton Friedman, cuja extrema ignorância se não pode conceber. Quando um homem desconhece que no seu país cerca de duzentas grandes empresas empregam aproximadamente dois terços dos operários da indústria, que cerca de duas mil empresas fornecem mais de metade de toda a produção privada de bens e serviços dos Estados Unidos, esse homem, que é uma pessoa com especiais responsabilidades, merece uma qualificação que desnecessário se torna explicitar.

ponto a ponto



● Futscher Pereira, ministro dos Negócios Estrangeiros, representará Portugal no funeral de Leonid Brejnev, que se realiza segunda-feira, em Moscovo. O ministro será acompanhado pelo seu chefe de gabinete, Paulouro das Neves.



● Convencido da libertação de Lech Walesa, o CDS manifestou ontem o seu regozijo pela ocorrência, afirmando ser ela «um grande momento para o povo polaco». O CDS desejou também que a libertação de Walesa venha a ter «como corolário o estabelecimento da liberdade sindical, o reconhecimento do 'Solidarnosc' e a implantação da democracia social e política na Polónia».

● O coordenador e porta-voz do Conselho de Informação para a ANOP, Cândido Igrejas (PSD), vai apresentar, no próximo dia 15, na Assembleia da República, o seu pedido de demissão daquele órgão. Este acto, segundo uma fonte partidária, poderá estar relacionada com a entrevista concedida por José Alfaia a um matutino.



● Mário Soares deslocar-se-á à Madeira, entre os dias 19 e 22, para contactar com as populações. O líder socialista terá no Funchal, reuniões com o ministro da República, presidentes da Assembleia e do Governo e com o bispo do Funchal.

● Paulo Marques, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, recebeu ontem quatro deputados sul-africanos que se encontram em Portugal, desde quarta-feira passada. No encontro, no qual também participou o embaixador, em Lisboa, da África do Sul, foram focados aspectos referentes à comunidade portuguesa naquele país, tendo sido também abordado o problema da Namíbia.



● O general Melo Egidio, que hoje parte para uma visita aos Estados Unidos, deverá-se-á aí encontrar com Frank Carlucci, para tentar obter respostas quanto à ajuda militar americana a Portugal.

● Uma delegação do PSD esteve ontem à tarde na sede da Conferência Episcopal Portuguesa. Encontrando-se com o director do Secretariado-Geral do Episcopado, Nascimento Rodrigues, Vítor Crespo e Amândio de Azevedo, dirigentes do PSD, afirmaram que o seu partido nunca pretenderá tomar a iniciativa de apresentar, no Parlamento, um projecto de lei sobre o tema do aborto. Para além da declaração de intenções, os dirigentes do PSD salientaram também a influência decisiva dos votos daquele partido na reprovação do projecto do PCP.

Consumerismo e mundo de negócios

Beja Santos

A chamada legislação pró-consumidor (medidas de crédito ao consumo e habitação, normas de segurança física, etiquetagem esclarecedora nas embalagens, eliminação de produtos tóxicos, combate aos aditivos e fármacos perigosos, etc) tendo vindo a ser sistematicamente posta em causa pelo mundo de negócios. O argumento das grandes empresas industriais, dos fabricantes e prestadores de serviços é de que os benefícios para o consumidor excedem largamente os custos de investigação, fiscalização, embalagem informativa e controlo dos processos publicitários.

ALIAS, o sr. Milton Friedman, especialista do «sem rei nem roque», cita abundantemente o relatório Weisenbaun, publicado em 1977 nos EUA, como prova irrefragável que todo o controlo é prejudicial, dispendioso e desmotivador da criação de novos e úteis produtos. Depois, a CEE congelou toda a legislação e programas propostos desde o início da década de 70, sob o pretexto de que na era da incerteza, do desemprego e do refluxo de trocas o fabricar e vender «mais» é a consigna de guerra, custe o que custar; a auscultação e os demais direitos consumeristas logo se verá. A falácia obviamente que cai pela base quando pensamos que a competitividade com as indústrias japonesas tem conduzido

os complexos industriais da electrónica, química, automóvel e fotografia de toda a Europa a acompanhar e em alguns casos a superar a qualidade requerida nos padrões de segurança, a afinar as técnicas de concorrência e a diminuir as margens de erro e perigosidade por natural exigência de mercado, dado o nível de informações que o consumidor hoje dispõe ou pode facilmente fispôr na aquisição de bens duradouros e semiduradouros.

As indústrias erguem os seus cenários de lamúria e detracção consumerista utilizando os velhos chavões do costume: perseguição vexatória, superburocracia, totalitarismo administrativo, etc.

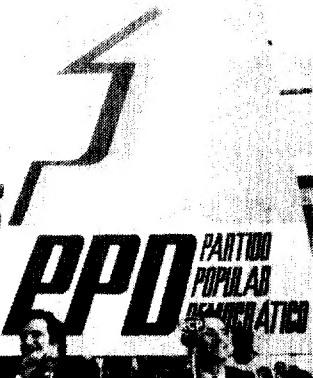
O golpismo empresarial português não foge à regra. Em

Maio de 1981, representantes de trinta associações comerciais recusaram a elaboração de legislação tendente a disciplinar a realização de saldos. Deu-se como pretexto «não se desejar que o Estado interfira na resolução de questões que dizem respeito aos comerciantes e às suas associações». Estes senhores comerciantes que bradam de sol a sol a entrada de Portugal na CEE esquecem-se de dizer a si próprios e à opinião pública que não há país da CEE onde não abunde legislação sobre prazos e concessões de autorização de saldos. Enfim, na paródia dos queixumes só embarcam os incautos.

Já em 1878 os comerciantes britânicos consideravam o decreto sobre pesos e medidas «uma das leis mais duras e mais humilhantes que jamais atormentara a vida comercial na Inglaterra». A lei celerada não pôs o comércio britânico de borco, como nos ensina a História; as responsabilidades civis do fabricante, os códigos deontológicos, os serviços após-venda, a certificação, as garantias de qualidade, constituem os verdadeiros abonos do mundo dos negócios face aos consumidores, que há muito acumulam sobejas provas de desconfiança quanto aos métodos prepotentes de venda, distribuição e estímulo para o

consumo desenfreado. Toda a gente sabe que quando se desequilibram os níveis e a pauta do consumo os pobres são os mais atingidos. O mundo dos negócios que reclamam menores gastos e menos vigilância com a política a favor do consumidor é conivente com a «estratégia da fome doce» de tantas multinacionais que vão empurrando os subdesenvolvidos para o culto da ostentação e enobrecimento através da degradação de dieta alimentar com modificações drásticas nos consumos de hortofrutícolas, batatas, leguminosas, azeite, pão de mistura, leite, substituídos por colas, refrigerantes, frituras, pós achocolatados, xaropes corados, margarinhas. Ninguém de boa-fé pode contestar a efectiva dissonância entre o sistema selvático da comercialização das multinacionais do ramo farmacêutico e agro-industrial e os rendimentos débeis das camadas populares que sofrem o impacto e a sujeição do consumismo. Não virá longe o dia em que países em estado de pré-catástrofe financeira, como Portugal, sejam obrigados (mesmo a contraposto ideológico dos conservadores) a proibir produtos socialmente inaceitáveis. A estabilização da democracia política irá passar

Continua na pág. 5





Basílio Horta anuncia "pacote agrícola"

Sá Carneiro entregou a seareiros terras que não pertenciam ao Estado

— Alterações à Reforma Agrária: debate público começa 2.^a feira

SANTARÉM, 13 — Basílio Horta prometeu ontem, nesta cidade, «correr a cortina sobre o que foi o período revolucionário no campo da agricultura». Numa maratona de várias horas, em que respondeu a perguntas de agricultores ligados à CAP, rodeado por todo o seu «STAFF» de secretários de Estado, o ministro da Agricultura, Comércio e Pescas referia-se a três diplomas em preparação, dois dos quais espera fazer publicar ainda antes do fim do ano. São eles: a lei de orientação agrícola, a lei de alteração à Reforma Agrária e o estatuto da terra.

Basílio Horta disse que a situação é extremamente confusa do ponto de vista legal no campo da Reforma Agrária, com unidades colectivas, sem estatutos, expropriados ocupando ainda os seus terrenos, terras que a Constituição exige que sejam expropriadas, além dos 500 mil hectares de «indivisos», «para os quais era necessário fazer uma nova Reforma Agrária, mas ao contrário».

Situação tão complicada, que

«o próprio Sá Carneiro — afirmou — como Primeiro-Ministro, fez so-lene entrega a seareiros de terras, que nem sequer pertenciam ao Estado» — afirmou o ministro.

Referindo-se às alterações que vão ser propostas à lei da Reforma Agrária, Basílio Horta explicou que o texto que será proposto a debate público, a partir da próxima segunda-feira, fora pessoalmente redigido por ele próprio, «sem mesmo ter havido qualquer intervenção dos serviços do Ministério».

Tornar a EPAC menos pública

No seu contacto com os agricultores, Basílio Horta apontou alguns temas fundamentais da lei que vai propor.

O actual sistema de pontuações que define a capacidade de uma propriedade ser expropriada não lhe parece lógico, entendendo que «o limite não deve ser a pontuação, mas sim o uso da terra, que constitui uma riqueza social».

Em relação a futuras expropriações previstas na lei, ainda

em vigor, o ministro entende que «o sector público já é excessivo e não se deve continuar a expropriar». Para Basílio Horta, as expropriações que não foram cumpridas ao cabo de sete anos «deveriam ser consideradas prescritas, como acontece em relação a outras leis», acrescentando que as já feitas «deveriam ser pagas».

Outro ponto fundamental da intervenção de Basílio Horta foi o referente à EPAC. O ministro pretende que a empresa pública de Abastecimento de Cereais, se «torne menos pública, rentabilizando o investimento do Estado, e passe a ser gerida com uma maior participação por parte dos produtores e da indústria».

Apesar de algumas insitências dos elementos da CAP, entre os quais o próprio secretário-geral da organização, José Manuel Casqueiro, Basílio Horta, foi peremptório ao afirmar ser «preferível uma mudança de estrutura da EPAC do que a sua extinção que poderia significar a instalação de sociedades estrangeiras, em Portugal, sem

qualquer lucro para o país». O ministro da Agricultura, mostrou-se ainda a favor da «morte do comércio do Estado, porque isto permitirá comprar a preços mais baixos».

CAP decepcionada com Governo AD

Interrogado sobre a hipótese de um aumento do preço dos ovos, para o período natalício, (o único que para os avicultores poderia dar lucro), insistiu que o regime de preços não será alterado, pois tem a ver com a política geral de combate à inflação e que, «se os preços ultrapassarem o fixado, a importação de ovos será imediata». Isto, apesar dos agricultores estarem a perder em relação à produção.

A reunião de Santarém serviu ainda para se saber que os vinhos de Torres Vedras deverão, este ano, ser cuidadosamente evitados: os agricultores informaram o ministro de que devido à abundância da produção, tinham esperado uma intervenção da Junta Nacional dos Vinhos, e

que «ninguém tinha tratado os seus produtos». A intervenção não chegou a verificar-se e os vinhos estão a entrar no curso regular.

Outro tema foi o das cevadas dísticas para a produção de cerveja. Uma campanha de produção levou a que os agricultores não conseguissem vender o seu produto ou que grande parte dele fosse recusado. Embora Portugal, até tenha possibilidades de exportação devido à qualidade do malte produzido, o facto é que as cervejeiras não conseguiram obter créditos para a sua aquisição aos produtores junto do Banco de Portugal. A hipótese proposta por Basílio Horta foi a da compra pela EPAC, directamente ao produtor, mas necessitando da mesma maneira de um financiamento bancário.

O ministro da Agricultura afirmou, também, não ser possível alterar os actuais preços dos adubos, ouvindo da parte de um dos elementos da CAP: «votamos um Governo da AD, mas a verdade é que nos sentimos decepcionados».

Jardim desejava demissão de Alfaia

«Um erro político» eis como foi classificada por Alberto João Jardim a atitude de Pinto Balsemão em não aceitar o pedido de demissão de José Alfaia. «Perdeu-se — acrescentou Jardim — a oportunidade de responsabilizar o autor de todo o imbróglio da ANOP». O presidente do governo madeirense, que regressava de uma visita a diversas capitais europeias, considerou que ao reiterar a confiança no secretário de Estado para a Comunicação Social, o Primeiro-Ministro envolveu o PSD na questão.

«No entanto — sublinhou Jardim — ainda acredito que na bancada do PSD, na Assembleia da República, prevaleça a ética, o bom-senso e a defesa dos valores da social-democracia, para que o projecto de lei de extinção da ANOP não seja aprovado». Alberto João Jardim considerou ainda que Marcelo Rebelo de Sousa «sempre teve uma posição coerente quanto ao caso da ANOP».

Por seu lado, o ministro dos Assuntos Parlamentares, em nota divulgada pelo seu gabinete, considerou que as afirmações de José Alfaia ao «Diário de Notícias» de ontem não mereciam comentários.

«Há afirmações públicas — salienta — que, pela importância do seu teor, ou da pessoa que as profere, merecem comentário. As proferidas na referida entrevista — conclui — constituem um exemplo típico das afirmações que não merecem comentário».

Na entrevista ontem publicada pelo «Diário de Notícias», José Alfaia acusa o ministro Rebelo de Sousa pela «deficiente articulação entre o Governo e a maioria nos trabalhos parlamentares». Facto que, segundo ele, «originou um hiato», tendo sido interpretado pela Oposição como «expressão de menor solidariedade da maioria e do Governo em relação à decisão em si» (de encerramento da ANOP).

Alfaia expôs ainda os motivos que o levaram a formular um pedido de demissão, que retirou depois de lhe ter sido reafirmada a confiança do Primeiro-Ministro.

Eanes na Guiné-Bissau de 3 a 6 de Dezembro

A visita de Ramalho Eanes à Guiné-Bissau será oficialmente anunciada pelos dois países na próxima segunda-feira e decorrerá de 3 a 6 de Dezembro próximo. Embora encurtada de um dia, mantém o programa de visitas e todos os contactos previstos, já que apenas foram reduzidos os períodos de repouso e tempos livres, que constavam do anteprojecto do programa.

Entretanto, ontem, regressavam já a Lisboa os elementos da presidência da República que se deslocaram a Bissau para preparar a visita presidencial. Trata-se do porta-voz Joaquim Letria, as-

essor diplomático, Almeida Ribeiro, o responsável da segurança maior Coutinho Ferreira, o oficial de telecomunicações, Almeida Cunha. Elementos do protocolo do Estado seguem amanhã para a Argélia a fim de prepararem também a visita de Eanes àquele país.

Eanes chega a Bissau ao princípio da tarde do dia 3 de Dezembro e visita no dia 4, a região de Quinara, no Sul do país, com o objectivo de conhecer o local de implantação da futura barragem do Saltinho, que poderá ser construída por empresas portuguesas.

Nesse mesmo dia deslocar-se-á ainda à ilha turística de Bubaque, no arquipélago dos Bijagós, onde visitará um complexo de pesca artesanal e locais de provável implantação de infraestruturas turísticas destinadas ao mercado internacional.

No dia 5 o Presidente da República visitará os estaleiros da Guiné-Bissau, que vão ser viabilizados através de um contrato de gestão de quatro anos assinado com a Setenave.

Eanes desloca-se ainda ao novo Liceu Nacional de Bissau, que uma empresa portuguesa

acaba de construir, visitará o centro cultural português, integrado no complexo da embaixada e terá um encontro com a comunidade portuguesa.

Ainda nesse mesmo dia colocará uma coroa de flores no mausoléu de Amílcar Cabral e concederá uma conferência de Imprensa. A comitiva do Presidente incluirá o ministro dos Negócios Estrangeiros, Vasco Furtado Pereira, o secretário de Estado da Cooperação e Desenvolvimento, Luís Fontoura e talvez outro responsável governamental.

No total acompanham Eanes à Guiné-Bissau 30 elementos da presidência, Governo, protocolo e serviços, 10 empresários e 25 enviados dos órgãos de comunicação social.

Eanes será o primeiro chefe de Estado a visitar a Guiné-Bissau após o golpe de estado de 14 de Novembro de 1980, que depôs o anterior presidente e seu amigo pessoal, Luís Cabral.

A segunda visita oficial à Guiné-Bissau, prevista para os primeiros dias de Fevereiro de 1983, será a do presidente brasileiro, João Baptista de Figueiredo.

JÁ VOLTAMOS!!!

STOP

RUA DO OURO, 260 — LISBOA

**COMPLETAMENTE REMODELADO
PARA SERVIR MELHOR**

MALHAS

PRONTO-A-VESTIR

LINGERIE

**HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO**

ANÚNCIO

Faz-se público que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o Concurso Público seguinte:

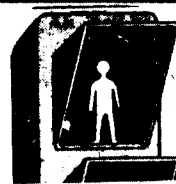
Concurso Público n.º	Aquisição de:	Caução	Abertura de propostas	
			DATA	HORA
2/83-H	Produtos para Hematologia	5 000\$00	9.12.82	10 HORAS

As propostas devem ser entregues nos Serviços de Aprovisionamento até às 9 horas e 30 minutos do mesmo dia.

O respectivo caderno de encargos pode ser consultado nestes Serviços, todos os dias úteis das 9 às 12,30 e das 14 às 17,30 horas.

Coimbra, 8 de Novembro de 1982

A Directora dos Serviços de Aprovisionamento
(Dr.^a Ana Maria Sequeira Mendes Pires Manso)



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa



As autárquicas de 12 de Dezembro

Reivindicando "implicações de ordem nacional"

PS apelida-se de "esperança" prevendo subida nas eleições

«Se o PS não é alternativa, quem é?» — interrogava-se, ao mesmo tempo que respondia, Mário Soares. A pergunta ia também no sentido de saber se o PS era alternativa e de «esquerda».

A questão principal que o Partido Socialista levava ontem à conferência de imprensa convocada para o Largo do Rato parecia ser a realização do próximo acto eleitoral. Mas as perguntas versariam outros temas, como a possibilidade de apresentação de uma moção de censura na AR ou de alianças prováveis do PS, ou de relacionamento com o Presidente da República.

A questão do voto nas eleições no dia 12 de Dezembro seria colocada numa forma pragmática. Só terá efeitos práticos o voto no PS, segundo pensam no Largo do Rato. A propósito de forma mais ou menos clara, os dirigentes do PS estão com um pé na dissolução do Parlamento que reivindicam e outro em eleições gerais antecipadas por que se batem.

A reunião com os jornalistas, numa sala maioritariamente repleta por funcionários do partido (conferência de imprensa?), seria oportunidade para divulgar números relativos às autárquicas. Nesse sentido, foi dito que o PS se apresenta ao maior número de câmaras e freguesias de sempre.

As candidaturas do PS atingem 300 Câmaras Municipais, contra as 297 de 1979; e 3042 fregue-

sias, contra as 2759 do mesmo ano, e 2511, se a comparação for com o ano de 1976.

Os números ali fornecidos deram força para que o PS se classificasse como a formação política que disputa «o maior número de eleições autárquicas em todo o País». Uma «alternativa de esperança», certamente por estarem muito presentes e frequentemente lembradas vitórias do «socialismo democrático» na Europa: Espanha, França e Grécia.

«Penso que podemos ter mais de 30 por cento» — diria Mário Soares, para recordar que um certo triunfalismo está a ser travado a nível das federações e bases do seu partido. Mas, para já, ele próprio prevê a reconquista de 15 a 20 Câmaras, a 12 de Dezembro.

As previsões ali publicadas justificam, claro, a tese de que o significado das autárquicas não se esgota a esse nível. Pelo contrário, foi dito, tem «implicações de ordem nacional» e «permitirá aferir a implantação das forças políticas».

Que alianças para o futuro?

Uma pergunta de «futurologia política», como o próprio Soares achou por bem classificá-la, abria um período de evidente irritação do secretário-geral do PS. Era, aí, a questão de saber com quem o PS viria a aliar-se, se houvesse oportunidade.

Mário Soares distinguiria duas situações, de vitória simples, ou por maioria absoluta. Em qualquer dos casos, o PS «assegurará as suas responsabilidades do Poder», tendo em mira a obtenção do consenso nacional. No caso de a maioria obtida ser relativa, o PS iria perguntar quem é que «estaria de acordo em trabalhar connosco no sentido desse amplo consenso nacional».

A relação com a política de alianças surgiria, ainda, mais tarde, quando o secretário-geral

se referia ao «bloco central», expressão de que não tem auto-ria, como foi dito. «O PS continua a ser uma força de esquerda» — assegurou o seu secretário-geral.

A irritação de Soares, secundado por Eduardo Pereira, iria ainda para uma dúvida sobre a «esperança» de que o seu partido se diz portador. E seriam explicados alguns pontos de ordem programática, da habitação aos abatecimentos, com um pequenino surto ao mundo de Abecasis. Foi Mário Soares quem se referiu ao actual presidente da Câmara, chamando-o à necessidade de responder «por não ter realizado em três anos o que agora promete fazer».

OGE: o «espelho do País»

Algumas outras questões levantadas nesta conferência de imprensa deverão ser retidas. Para quando uma moção de censura apresentada pelo PS? Almeida Santos parece achar que sim, mas que agora seria considerado eleitoralismo. E aproveitaria para se referir aos sucessivos adiamentos da discussão do Orçamento Geral do Estado, porque é «o espelho do

País». O Governo, entende, tem medo que a sua discussão «tenha reflexos negativos nas eleições».

Quando ao PR, respondendo a uma pergunta que lhe foi feita, Soares disse que acha que ele não deve renunciar, a menos que se sinta incompatibilizado com a Constituição que jurou defender. «Se pensa que não aceita a Constituição revista, não lhe resta outro caminho» — acrescentou.

O dirigente do Partido Socialista apresentou-se ainda perturbado pelos novos dados que agora terão surgido sobre o acidente de Camarate. O apoio do Conselho de Ministros a um pedido de inquérito parlamentar foi por ele considerado «de extrema levandade». Com essa e outras razões, justificou o apoio que manifesta ao andamento do inquérito.

A participação de elementos do PS em debates televisivos com prejuízo da APU, foi ainda tema de «frisson», durante a reunião no Largo do Rato. Soares levantaria mesmo a voz para um nosso camarada de redacção. Mas esse tema é tratado noutra local, nesta edição do «DL».

1983: ano de Congressos PSD em Fevereiro PS em Outubro

Fevereiro e Outubro do ano que vem são meses para Congressos partidários, à esquerda e à direita.

O PSD de Francisco Balsemão escolheu os últimos dias de Fevereiro para a sua assembleia magna, que reunirá em Faro ou, se no Algarve faltarem instalações para os dois mil congressistas, em Lisboa, num cinema.

O Congresso, já no rescaldo das eleições autárquicas, deverá em função dos resultados eleitorais, confirmar ou arredar Pinto Balsemão da direcção do partido.

Para o Partido Socialista, o problema por enquanto não é o onde mas o quando. Estatutariamente, o Congresso socialista realiza-se de dois em dois anos. Como o último foi em Maio de 81, no Coliseu, o próximo deveria cair em Maio de 83. No entanto, Soares explicou ontem na conferência de imprensa do PS que normalmente o tempo que media entre Congressos é de 25 meses.

Cairia assim o Congresso em Junho/Julho, à beira das férias. Por isso, deverá ser adiado mais uns meses, até Outubro do próximo ano.

Mas outra questão existe, esta mais política e que tem a ver com as divergências entre os socialistas. O grupo do ex-Secretariado constituiu já, integrando Guterres, Zenha e Jorge Sampaio, um grupo coordenador para liderar a sua actividade no seio do partido. Eles são centena e meia de militantes do PS.

Mantendo-se as divisões, os socialistas resolveram encará-las. E, anuncia hoje o semanário «Expresso», foi decidido constituir uma comissão para estudar as regras de conduta entre a maioria e a minoria. Fazem parte dela, pela Comissão Permanente, Jaime Gama e Almeida Santos, e pelo ex-Secretariado, António Guterres, Jorge Sampaio, Aquilino Ribeiro Machado, Manuel dos Santos e Luís Filipe Madeira.

Com capacidade para 200 crianças

APU promete implementar creche na baixa lisboeta

Uma creche na baixa lisboeta destinada aos filhos dos trabalhadores do comércio — eis o compromisso eleitoral dos candidatos pela APU à Câmara de Lisboa.

A execução daquele projecto permitirá o aproveitamento de dois andares do Centro Social dos Trabalhadores do Comércio, situado no Rossio, que actualmente estão a ser utilizados como armazéns.

A capacidade prevista para aquela creche será de cerca de duas centenas de crianças e suscitará a colaboração entre a Câmara de Lisboa (na suposição de que a APU vencerá...) e aquela organização dos trabalhadores que virão a ser beneficiados.

O interesse da iniciativa mede-se pelo conhecimento que há de centenas de mulheres que trabalham no comércio da Baixa e que, assegura um dos candidatos da APU, «Percorrem todos os dias, de manhã e à noite, muitos quilómetros para deixarem as suas crianças».

O Centro Social dos Trabalhadores do Comércio tem actualmente em funcionamento um pequeno restaurante. A concretização daquele projecto permitiria um maior e mais racional aproveitamento das instalações de que dispõe a poucos passos do local de trabalho dos principais interessados na creche.

APU promete mínimo de 3500 creches

A creche a que nos referimos é afinal apenas um dos pontos da APU no seu programa eleitoral, no que se refere a apoio a crianças de Lisboa, e respectivos pais, que enfrentam cada vez maiores dificuldades em matéria de centros de apoio.

A construção de 3500 creches em toda a Lisboa é uma das obras que a APU promete concretizar no caso de vencer as eleições de 12 de Dezembro. As freguesias que beneficiariam dessa iniciativa: Olivais, Benfica, Ajuda, Carnide, Beato, Ameixoeira e Alcântara.

O apoio às crianças seria mais extenso com a construção de jardins de infância para 2500 crianças, beneficiando freguesias que são consideradas pela

APU com o mais carenciadas. E o caso de Benfica, Marvila, Olivais, Campolide, S. João, Ameixoeira e Alcântara.

Há mais no programa da APU quanto a apoio às crianças: construção de 200 salas de aulas. As principais carencias, neste caso, fazem-se sentir em Ameixoeira, Olivais, Benfica, Alcântara e Belém.

A APU defende, paralelamente, o lançamento de um programa de recuperação, conservação, manutenção e defesa das instalações das escolas primárias já existentes e em muitos casos degradadas.

O programa daquela coligação para as escolas primárias vai mais longe. Pretende levá-las todas a regimes normais de funcionamento. A intenção justifica-se como o facto de a quase totalidade das escolas primárias da capital funcionar em regime duplo.

E, por fim, uma promessa pontual: nos Olivais será construída

uma escola definitiva, para substituição da que actualmente ostenta o n.º 25 e é provisória. É evidentemente uma solução diferente da que o actual executivo preconiza: destruição pura e simples para dar lugar a um centro cívico.

PSD de Penacova diz que cumpriu

«Os candidatos socialistas-democratas cumpriram» — é a ideia base da recandidatura do actual presidente da Câmara de Penacova. «Deste modo, o PSD vai obter novamente a presidência da Câmara» — acrescenta.

O recandidato aproveitou para fazer um depoimento divulgado pelos serviços de imprensa do seu partido. Aí se assinala que é médico e tem 42 anos. Leitão Couto, assim se chama, propõe-se continuar obras de «arruamentos, abastecimento de água, esgotos, redes eléctricas, transportes públicos, telefones, ensino, agricultura, saúde e turismo».

MDP, apoia APU em Viana do Castelo

O MDP/CDE de Viana do Castelo lançou um apelo «aos seus militantes, simpatizantes e a todos os democratas para que apoiem as candidaturas APU nas próximas eleições».

O apelo é justificado pelo MDP ao considerar que o projecto APU é o «único que serve os interesses do nosso povo». No mesmo comunicado, «entende como fundamental derrotar os

seus inimigos».

Em Viana do Castelo não foi possível, segundo diz o MDP, «ultrapassar as dificuldades surgidas na formação das listas da APU», pelo que deliberou «não indicar militantes seus para integrarem tais listas».

Cunhal foi hoje ao Baixo Mondego

Uma série de comícios e reuniões de convívio marcam a passagem de Álvaro Cunhal pelo Baixo Mondego, durante todo o dia de hoje. O secretário-geral do PCP, acompanhado por

Jaime Serra da Comissão Política, iniciou a visita às 11 horas e 30 de hoje, com um encontro na Vidreira da Fontela, em Vila Verde, Figueira da Foz.

A hora do almoço-convívio estava destinada aos agricultores, com lugar marcado para Liceia.

Às 15 e 30 concretizar-se-á um comício na Praça da República, em Montemor-o-Velho. Com intervalos de uma hora, a estada marcada mais três comícios, a partir das 16 e 30: em Formosela, Alfaiates e Soure.

O consumerismo

Continuação da pág. 3

pelo controlo dos mecanismos da distribuição ou as multinacionais sufocarão os princípios essenciais da democracia económica. Os tecnocratas que apregoam a liberdade de escolha mistificam o fenómeno da quantificação das vantagens da legislação pró-consumidor. A relação «benefício-custo» é apresentada como um ónus insuportável para as empresas em inflação nunca como um encargo essencial para o desenvolvimento de uma política de bem-estar. Depois, os exemplos desabonam a jereemiada das empresas. Se a Ford tivesse investigado convenientemente o seu modelo «Pinto» seriam evitadas mortes escusadas ou sinistros resultantes do lucro desinsofrido; se os governos tivessem um mínimo de exigência ética teriam posto cobro à negociata escandalosa dos «sprays», responsáveis pela destruição irreparável da camada de ozono, indispensável para filtrar os raios ultravioletas; sem controlo nem fiscalização, temos os iogurtes, o arroz, o café, o vinho e os leites em pó que temos. Não há escolha quando as empresas não se impõem pela confiança e idoneidade mas pela posição domi-

nante anti-social no mercado, o que é frequente entre nós. A resposta ao mundo de negócios é simples e directa: a política de satisfação das necessidades básicas, o direito à vida, a prevenção da saúde, o direito a estar informado, determinam que a Administração Pública, as organizações de consumidores procurem, com toda a economia e eficácia, obstar o dolo, as pragas alimentares e a manipulação das necessidades.

Claro está que o mundo dos negócios tem a sua «corrente esclarecida», disposta a mutações sociais. É o caso de François Dalle, presidente da Oréal, que se diz disposto a abraçar o desafio informático. O dinâmico manager reconhece que só ficará na corrida os fabricantes que souberem usar a inovação científica e a prospectiva social. Também o mundo dos negócios sabe que os assalariados não acatarão a penúria ou a pauperização salarial e se a batalha do automóvel privado é já uma batalha sem sentido industrial, aposta-se nos microprocessadores para fabricar um veículo mais económico. É a esquizofrenia total: adapta-se o progresso às estruturas do passado.

Curiosamente as multinacio-

nais não rejeitam a hipótese do artesanato tecnológico, confiando a pequenas unidades da produção descentralizadas, assistidas por micro-informática, e funcionando como uma federação de empresas. O mundo dos negócios pensa que tal descentralização incentivará o emprego pluridimensional e que os preços dos produtos serão significativamente inferiores aos praticados pela actual grande indústria. O que lhes importa é que o consumerismo não faça ideologia ou avance propostas que tendam à predeterminação das necessidades dos consumidores.

O consumerismo ideológico, por conseguinte, continua a ser o adversário implacável que os negócios não estão dispostos a tolerar.

Dai percebermos o sentido da das suas queixas e da teoria «custo-benefício» para os consumidores e empresas.

O mundo dos negócios, em pessimismo económico, sob o espectro do desemprego e da contratação fácil (dada a fragilidade sindical), pretende o maior lucro possível sem qualquer responsabilidade social com o mundo do consumo.

Por ora, o vento sopra de feição para o mundo dos negócios...

Juventude da APU tem festa na Ajuda

A Comissão da Juventude de Apoio ao Povo Unido promove esta noite, no Armadorense, na Ajuda (Rua do Cruzeiro), um espectáculo com a presença de Mário Mata.

Como atractivo original, a instalação de televisores na sala, com vídeos dos Pink Floyd, Woodstock e outros.

No final a festa prossegue com baile.

Expressamente confidencial

● **Não foi confirmado nos meios próximos da direcção do CDS que o doutor Freitas do Amaral tenha declarado que o general Eanes era o grande culpado** — pelo seu comportamento nas relações com a «maioria» — dos poderes menores que a Constituição passou a conferir-lhe. Sabemos que sobre este assunto não será publicado qualquer comunicado, nem está previsto qualquer desmentido.

● **O dr. José Alfaia está conformado, segundo consta.** O Governo AD não pode incluir no elenco mais de um «talento júnior». Nos dicionários «Talento júnior» — talento porque o pai já era, ou porque há talentos na família. O dr. Alfaia não é filho de ministro, é primo.

● **Diz-se na Rua Buenos Aires que a deputada Natália Correia abusou.** Pelo facto do processo disciplinar ter abordado, não era razão para defender a despenalização do aborto.

● **O engenheiro Angelo Correla, ministro das Polícias, aproveitou a rusga policial, em Lisboa, para fazer provas práticas.** Não se confirma, no entanto, que o brigadeiro Almeida Bruno lhe tenha dado uma nota alta.

● **Marcelo Rebelo de Sousa não está demissionário.** E está cansado. A sua viagem a Londres e Paris (quatro dias úteis) foi de arrasar. Todos os políticos de França e de Inglaterra o queriam consultar, ouvir, interrogar.

Todos queriam saber o que pensava do «eixo Lisboa-Cascais» e dos fins de tarde na Quinta da Marinha.

● **Mário Soares confiou a Eduardo Pereira a condução da Batalha de Lisboa.** Mas não terá querido privilegiar o Sport Lisboa e Benfica, incluiu nas listas Roque Lino, vice-presidente do Sporting. João Rocha não aceitou — diz-se — um convite socialista para autarca.

● **Podemos desmentir que o general Firmino Miguel tenha tido uma entrevista discreta com o dr. Francisco Balsemão.** Mas não podemos desmentir a sua colaboração com o doutor Freitas do Amaral.

● **Um semanário de Lisboa está inconsolável com a viragem de António Champalimaud.** E, segundo consta, não está afastada a hipótese de em certo negócio jornalístico estar incluída uma negociata de televisão.

● **Não é verdade que o jornal «Globo» vá publicar, em folhetim, numa versão da pena de Nuno Rocha, o texto, devidamente ilustrado, do livro: «Balsemão: O Retrato».**

● **Espera-se, a todo o momento, a publicação do extenso relatório, do engenheiro Viana Baptista, sobre a navegabilidade do rio Douro.** O prefácio é do economista João Salgueiro e versará, em concreto, o interesse económico desse grandioso empreendimento.

Livre de canto

A. Flores de Andrade

Muitos sábios deste país nos previnem frequentemente de que somos diferentes, porque latinos, porque europeus do sul ou, muito simplesmente, porque portugueses. Daí concluem alguns que tal regime não nos serve (ao limite, quem sabe, a democracia), que tal legislação é demasiado libertária (ao limite, sei lá, a lei da greve) ou que não se espere, com meios próprios, a tal recuperação económica (ao limite, talvez, o milagre alemão).

É claro que quer o teorema quer os seus possíveis corolários, desde que entendidos

«cum grano salis», não são cem por cento disparatados, visto que cada povo, mesmo à escala regional, tem as suas especificidades, ditadas tantas vezes por razões históricas, geográficas e mesmo climáticas.

O que espanta é que da teoria se faça na prática um uso incoerente. Dou dois exemplos.

O primeiro é pretender-se, como o faz o Presidente Proença de Carvalho, que o alargamento do tempo de emissão da TV não prejudica a produtividade dos portugueses, adultos e crianças, dado que tal também não sucedeu nos Estados Unidos, na Ale-

manha Ocidental ou no Japão.

(Acréscita P. de Carvalho que, além disso, não tarda que tenhamos aí dezenas de canais 24 horas por dia — supõe-se que como resultado da adesão ao Mercado Comum. Ora aí está — diria eu — mais uma boa razão para que se ponderem maduramente os inconvenientes da adesão).

O segundo exemplo é o da brutalidade inconcebível que a Polícia de Choque/C.I. vem exibindo sobre a população. Será que é obrigatório ter uma Polícia de Choque só porque a possuem aqueles países democráticos que queremos imitar?

Quanto a este ponto, o mínimo que poderia dizer-se era que não é só nos países que queremos imitar que tais Polícias existem; que nos reconcontros entre estas e as populações respectivas são normalmente os agentes da Polícia quem sai ferido ou morto, ao contrário do que cá acontece; e que talvez não tenhamos ainda um povo com um nível de instrução que permita recrutar agentes, oficiais e instrutores para uma Polícia que não confunda as praças públicas com carreiras de tiro.

Tudo razões, entre outras, para que não exista em Portugal uma Polícia de Choque. Acabe-se com ela. Já.

Trade Center lusíada

A NUNCIOU o presidente da Câmara de Lisboa o «Trade Center» Lusíada, lugar privilegiado de encontro dos povos (e economias) de expressão portuguesa.

Sim, impunha-se. Era mesmo um «must».

A Portugalidade no Mundo, a defesa da presença da língua de Camões e de Fernando («my language is my country») Pessoa, exigem-no.

Espera-se do retinto casticismo dos «free-shops» e das «conference rooms» com pipas falsas, condutas de ar condicionado disfarçadas de traves de carvalho antigo de fórmica, ramos de louro de plástico lavável, e de microfones para a tradução simultânea em forma de caneca de barro, a grande afirmação portuguesa e alfacinha no mundo do «business» internacional.

Vejo-o já, a funcionar:

— Os «muzaks» difundindo música suave de fundo (R. Guedes e J. Calvário) — mas para quem quiser, os aparelhos «Fado-o-matic» com introdução de uma moeda de dólar, darão Amália e Rodrigo nos auscultadores individuais.

— Os gabinetes e escritórios serão arranjados uns segundo o modelo de salas do «castle» de Guimarães, outros em estilo «fake Minho palace», outros como salas capitulares da Batalha; quanto ao «office» da Câmara Municipal no «Trade Center» não tenho dúvida: só pode ser a taberna do «Mal-Cozinhado», reconstituída.



— Grandes «display panels» darão a cada momento as cotações internacionais das moedas, referidas evidentemente a «carcanhóis» e «lecas» lusíadas como «accounting currency». O bargaining far-se-á de pé, junto de cavalos feitos de polyester com «telex» e terminais disfarçados nas selas, ao modo tradicional das antigas «fairs» portuguesas.

— O pessoal será a carácter: as tradutoras-intérpretes, à moda do Minho; os operadores de telex, de campinos (com pampilho «two-way transceiver»); do director do Trade Center e do seu «board» o menos que se pode esperar é que estejam de Afonso de Albuquerque, (mas em «pin-strip», jaquetão double-breasted e sapatos Gucci).

A Weltanschauung lusíada realizará no give and take da actividade económica e financeira a filosofia portuguesa, que encontrará aí a verdadeira sublimação da fenomenologia da saudade na fixação dos exchange rates, das IOD, e das promissórias. Os dealings, obviamente, não dirigirão a «futures» mas sim a «pasts».

Nada de tão lusíada, portanto, como um Trade Center, e o nome indica-o. Por sobre tudo isto resplandecerá benignamente, como sempre, o ambiente fecundo da grande «Portuguese Corporate Conservative Shit».

P. Martins Barata



**FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS
DA FUNÇÃO PÚBLICA**

federação

**TRABALHADORES DO QUADRO AUXILIAR
DEPENDENTES DA SECRETARIA DE ESTADO
DA SEGURANÇA SOCIAL**

- Se es Monitora da Infancia, Serveite de Limpeza ou Cantina, Cozinha, etc.
- Se trabalhas num estabelecimento Oficial dependente desta Secretaria de Estado (Caixas de Previdência, Centros Regionais IOS recolhimentos da Capital, Centros de Apoio Social, Jardins de Infancia, Colonias de Férias, Casa Pia, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, etc.)
- Vem a reunião, resolve os teus problemas sendo ou não socio dos Sindicatos

**DIA 15 DE NOVEMBRO EM LISBOA ÀS 18.30 HORAS
REUNIÃO NACIONAL PARA ANALISAR CARREIRAS
DO PESSOAL AUXILIAR — MEDIDAS A TOMAR**

Local da reunião — Sindicato dos Rodoviaros — Av. Visconde de Valmor, n. 34-3

- Apesar de concluído quase há 2 anos, Secretarias de Estado do Orçamento e Segurança Social bloqueiam saída do diploma
 - Impedem mudança de letras, aumento de vencimentos, definição de funções de novas carreiras profissionais
 - A situação é insuportável, basta de injustiças lutaremos pelos nossos direitos
- Lisboa, 2 11 82

O SECRETARIADO

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO

Faz-se público que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o Concurso Público seguinte:

Concurso Público n.º	Aquisição de:	Caução	Abertura das propostas	
			DATA	HORA
1/83-F	Medicamentos, Matérias-Primas, Produtos Pró-Análise, bisnagas, Invólucros, etc	5 000\$00	9.12.82	10 HORAS

As propostas devem ser entregues nos Serviços de Aprovisionamento até às 117 horas e 30 minutos do mesmo dia.

O respectivo caderno de encargos pode ser consultado nestes Serviços, todos os dias úteis das 9 às 12,30 e das 14 às 17,30 horas.

Coimbra, 8 de Novembro de 1982

A Directora dos Serviços de Aprovisionamento
Dr.ª Ana Maria Sequeira Mendes Pires Manso

comunicação social

Com 50 delegações

Não-Alinhados: "pool" de agências noticiosas

Está a decorrer na capital da Tunísia a terceira assembleia geral da "pool" das Agências Noticiosas dos Países Não-Alinhados, tendo sido a sessão de abertura presidida pelo primeiro-ministro daquele país, Mohamed Mzali.

Após a cerimónia inaugural, o director-geral da Tunis Africa Press (TAP) foi eleito como presidente do Conselho Coordenador da "pool", cargo que ocupará durante os próximos três anos.

Bechir Toual sucede ao jugoslavo Pero Ivacic, vivamente saudado pelo impulso que deu à "pool" durante o seu mandato.

Para vice-presidentes da terceira assembleia geral, foram eleitos a Jugoslávia, a Nicarágua, a Indonésia e Angola.

Angola representa o continente africano por proposta de Moçambique, segurança por Madagáscar e a Tanzânia.

Na introdução desta proposta foi referida a presente situação na África Austral e o caso concreto de Angola, em cujo território se encontram estacionadas tropas sul-africanas desde Agosto de 1981.

A título excepcional, à agência palestina Wafa foi atribuída uma das vice-presidências como expressão de apoio da "pool" dos Não-Alinhados à luta heróica do povo palestino contra a agressão sionista.

Por proposta da agência Nova Nicarágua, foi aprovada uma moção de felicitações a enviar à ANGOP, pela passa-

gem do 7.º aniversário da independência da República Popular de Angola.

Os participantes à terceira assembleia geral da "pool" observaram, durante a sessão matinal, um minuto de silêncio em memória de Leonid Brejnev.

Cerca de 50 delegações estão a participar nos trabalhos da assembleia geral, número que não é definitivo, pois ainda estão a chegar a Tunis representações nacionais pertencentes ao Movimento dos Não-Alinhados.

Moçambique está representado neste encontro através do chefe de Redacção da AIM, Fernando Lima.

Esta assembleia geral aprovou o programa de acção da "pool" para os próximos 3 anos, que engloba programas de apoio a agências noticiosas nacionais, programas de formação profissional, fornecimento de equipamentos, discussões globais sobre reduções tarifárias de telecomunicações e extensão da rede da "pool".

Eleição no Conselho de Imprensa

Efectua-se na próxima terça-feira, na sede da Associação da Imprensa Diária, pelas 16 e 30, a eleição do representante no Conselho de Imprensa dos directores de jornais diários, sendo elegíveis aqueles que não forem simultaneamente administradores das respectivas empresas.

A eleição surge na sequência da demissão de Pacheco

de Andrade, director do «Diário Popular» — e os elegíveis, entre outros, são Mário Mesquita («Diário de Notícias»), João Coito («O Dia»), Miguel Urbano Rodrigues («O diário»), Francisco Sousa Tavares («A Capital»), Vítor Cunha Rego («A Tarde»), Manuel Teixeira («O Comércio do Porto»), Pedro Feytor Pinto («O Primeiro de Janeiro») e Alberto de Carvalho («Jornal de Notícias»).

Alfaia paga a factura

Um novo semanário, «Vento Norte», apareceu à venda nas bancas portuenses.

O primeiro número do jornal, dirigido por Arlindo Magalhães, insere reportagens e entrevistas, informação local e regional, e desenvolve temas de economia e política nacional e internacional.

Editada pela Nortimprensa, cooperativa da cultura e serviços de informação constituída por jornalistas profissionais, «Vento Norte» apresenta-se como «jornal político, mas não partidário, consciente de que só em diálogo se serve a democracia».

Em editorial assinado pelo director, lê-se que o jornal «procurará ser o encontro de todas as correntes de opinião, quando democráticas, combatendo intransigentemente as posições monolíticas».

Num artigo intitulado «Alfaia paga a factura» refere-se o caso da ANOP como «um monstruoso erro político e um grosseiro atentado contra a liberdade de Informação em Portugal».

NP: uma sigla muito usada

A sigla da agência Notícias de Portugal (NP) está a causar uma grande confusão em certos organismos onde esta sigla já está registada sob a designação de Norma Portuguesa.

NP é uma sigla registada em muitos organismos internacionais e também nacionais designando nestes últimos as normas portuguesas dos diferentes produtos.

Quase diariamente, aliás, o «Diário da República» publica novas normas.

Ainda no passado dia 11 do corrente, uma portaria do secretário de Estado da Energia aprovava como norma portuguesa para gorduras, óleos, combustíveis e azeite a sigla NP.

AR: qualidade noticiosa dos debates

A questão da qualidade da cobertura noticiosa dos debates parlamentares levantada por Mário Tomé (UDP) foi objecto de algumas das primeiras intervenções (na passada quinta-feira) na Assembleia da República.

Deputados do PS, do PCP e da UEDS associaram-se para já ao protesto de Mário Tomé contra determinadas manipulações que alguns órgãos da Comunicação Social, com relevo para a RTP (único, aliás, nomeado) estão a praticar no noticiário das sessões de AR.

ensino

Secundária do Lumiar continua sem aulas

Apesar de se ter já verificado a abertura oficial do ano escolar há mais de um mês, os alunos da Escola Secundária do Lumiar continuam sem aulas, não se sabendo sequer quando irão estas começar (só as turmas do 7.º ano começaram há uma semana).

Constituída por pavilhões prefabricados construídos em 1980 e neste ano, a Escola Secundária do Lumiar tem constituído um exemplo característico das deficiências de planeamento em matéria de construção e equipamento de edifícios escolares. Em 1980, as aulas começaram, para a generalidade dos alunos, em fins de Janeiro, pois, embora o principal da construção tivesse sido completado antes do início do ano escolar (e, também, antes do acto eleitoral para a Assembleia da República...), os arranjos finais e o equipamento só ficaram prontos mais tarde.

Os mesmos alunos que então foram sacrificados, voltaram-na a ser este ano. Na verdade, apesar de os novos pavilhões que integram o conjunto escolar este-

jam prontos, os serviços competentes do Ministério não conseguiram ainda fornecer outros meios que permitam que a «fachada» se transforme numa Escola. É o caso, nomeadamente, das verbas para pagamento do pessoal auxiliar tornado necessário pelo aumento das instalações, bem como do equipamento escolar para elas (mesas, cadeiras e carteiras e, sobretudo, equipamento para as áreas de trabalhos oficinais). Por outro lado, os dois campos de jogos agora construídos são inutilizáveis por falta de balneários.

Nesta altura, a única coisa que alunos, pais e professores podem saber quanto ao início das aulas é que o concurso para o pessoal auxiliar já foi aberto. Quanto ao material escolar, sabe-se que o seu prazo de entrega pelos fabricantes só termina em Dezembro, pelo que, a menos que se encontre uma solução de recurso, os alunos que já em 1980 perderam três meses de aulas, completarão este ano um semestre de férias forçadas.

Aveiro: centro de crianças inadaptadas

Comemorando o 7.º aniversário da existência, o Centro Especial de Recuperação de Crianças Inadaptadas de Aveiro leva hoje a efeito, no Hospital Distrital daquela cidade, uma mesa-redonda com a presença de elementos da Divisão do Ensino Especial, da Equipa de Ensino Integrado (núcleo de lição), do Centro Regional de Segurança Social e da CERC-IV, subordinada ao

tema: «Apoio ao deficiente mental em idade escolar; que respostas?»

Amanhã, domingo, efectua-se o tradicional convívio dos alunos, nas novas instalações oficinais da Colónia Agrícola da Gafanha da Nazaré.

Terça-feira, as mesmas instalações encontrar-se-ão abertas ao público.

"A EFICIÊNCIA NÃO TEM FRONTEIRAS"

PORTUGAL PARA TODOS carro e hotel, só por 755\$00/dia

Alugue o seu automóvel na interRent, marque o seu hotel e... respeite o seu dinheiro!

Preços especiais, entre 1 de Novembro e 31 de Março de 1983, que incluem carro, quilometragem ilimitada e hotel com pequeno-almoço.

Grande variedade de hotéis — são 28 unidades hoteleiras, entre 3 e 5 estrelas — do Minho ao Algarve.

Um sem-número de opções!

Com a interRent, Portugal está mais perto.

E é mais acessível. É Portugal para todos.

Boa viagem!



em colaboração com Caves do Barroco, Lda



interRent

Organização Internacional de automóveis de aluguer

Informações e Reservas:

Lisboa 65 89 21 / 68 91 74 / 5 / 6 • Porto 38 19 64 • Coimbra 33 46 0 • Faro 24 7 63 / 4

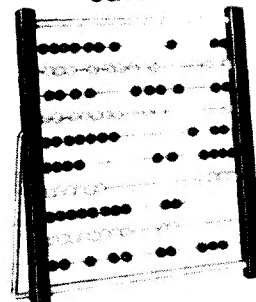
Consulte o seu Agente de Viagens



Até 31 de Dezembro

WROOQUE

a sua velha calculadora

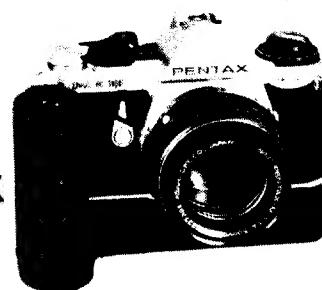


por um dos modernos modelos científicos da

CASIO.

EGANHIE

um conjunto PENTAX



ou uma máquina de filmar

eumig®



INFORME-SE EM QUALQUER REVENDEDOR OFICIAL

CASIO.

A calculadora que pensa como Você

2 anos de garantia

BELTRÃO COELHO, Lda

de ontem para hoje

Dezoito famílias a desalojar na Amadora

NUM prédio começado a construir em 1958 e que problemas económicos do construtor levaram a que nunca fosse concluído começaram a instalar-se algumas famílias, na sua maioria residente em barracas. O edifício situa-se no centro da Amadora, mais precisamente no Largo Dr. Dário Gândara Nunes, e a ocupação começou em 1975, por sugestão do MES (Movimento da Esquerda Socialista) e desde então o facto tem sido pacífico. A obra encontra-se, porém, hipotecada e os credores accionaram uma acção de despejo judicial a executar em breve, dependente apenas da formalização de algumas notificações. Como se trata de casa particular, a Câmara não pode intervir.

Pistoleiros desarmados no Algarve

A PSP algarvia deteve três indivíduos já com largo passado criminal, responsáveis por inúmeros assaltos praticados naquela zona balnear durante o Verão. Para além de um autêntico armazém de ar-

tigos vários no valor de alguns milhares de contos, tinham em seu poder três revólveres e uma grande quantidade de munições. Não vai ser fácil determinar dentro dos prazos legais a tal atividade ilícita do trio.

Liamba da África do Sul

Os serviços aduaneiros do aeroporto da Portela de Sacavém detectaram duas malas provenientes de Joanesburgo aparentemente abandonadas na secção de bagagens. Segundo as primeiras averiguações fariam parte da bagagem de uma passageira do avião dos TAP, que vinda, daquela cidade sul-africana aterrará em Lisboa no dia 1 do corrente pelas 4 horas e 40 minutos. Alertada a Judiciária foram as malas abertas na presença de agentes desta Polícia, verificando-se conter 43 quilos e quinhentos gramas de liamba. A preços de retalho renderia 4350 contos, segundo os últimos valores da «bolsa» lisboeta de droga. A passageira em nome de quem transitavam as malas, Elisabeth Gontelas, não foi ainda localizada e ignora-se o motivo por que não as levantou.

A taxa de 25\$00 mantém-se

Apesar de declarada inconstitucional a taxa moderadora que onerava todos os medicamentos comprados pelos beneficiários da Previdência e a mesma vai subsistir em virtude de uma espediteza pouco ética do ministro dos Assuntos Sociais, Luís Bar-

bosa. Na impossibilidade de aplicar taxas, determinou em portaria que à mesma se chamasse **compensação fixa** e se mantivesse a cobrança. A CGTP insurgiu-se contra a forma como o Governo «torpedeou» a ilegalização da anterior portaria.

Desalojados em Câmara de Lobos

Autoridades policiais entrevistaram ontem, na vila piscatória de Câmara de Lobos, a cerca de 9 quilómetros do Funchal, para desalojar 20 pessoas que haviam ocupado residências vagas na zona conhecida por «Ilhéu». Este local possui habitações absolutamente degradadas. 15 a 20 pessoas numa só residência, locatários esses que recentemente foram transferidos para o Bairro da Palmeira, construído pelo Executivo madeirense. A flagrante crise de habitações levou a que pessoas de outras zonas fossem ocupar as casas vagas de «Ilhéus»; tão velhas que começam já a cair. Entretanto, as 20 pessoas agora desalojadas permanecem ao relento e recusam-se a sair enquanto as autoridades não lhes indicarem outras habitações.

Acidentes de viação

Três mortos e 50 feridos, é o balanço dos 65 acidentes de viação registados nas últimas 24 horas em todo o País, com excepção das regiões autó-

nomas. De acordo com a informação da Brigada de Trânsito da GNR, 18 dos feridos encontram-se em estado grave.

Perigo cancerígeno na Régua

Os fumos provocados pela queima de lixo na Régua «têm acção cancerígena devido à combustão de plásticos», denunciou o técnico sanitário, Henrique Ribeiro. Acrescentou ainda: esta acção é muito perigosa porque não há dispersão dos ventos e o microclima da Régua sofre o efeito do vale. Na opinião de Henrique Ribeiro: «a solução será fazer um aterro sanitário ou uma estação de tratamento de lixos, bastante longe da captação da água para abastecimento da vila, indicando como melhor hipótese para a referida captação a Albufeira de Bagauste, à esquerda do local já poluído, onde desagua o rio Gorgo e nunca depois dos esgotos.

Assalto com «spray» no Bairro Alto

Um funcionário duma empresa distribuidora de jornais, a VASP, António Ferreira Soares, de 55 anos, foi ontem de manhã assaltado na Rua João Pereira da Rosa, por dois desconhecidos, mais tarde auxi-

liados por outros dois que se transportavam numa moto. Para além de o terem atingido com o «spray» nos olhos que o deixaram sem visibilidade, agrediram-no e roubaram um pacote de 230 contos que ia depositar.

As praças, os Largos e os Monumentos

Resumiremos, seguidamente, considerações gerais sobre este tema, particularizando, no entanto, a noção de monumento quando colocado em praças ou largos públicos, isto é, espaços urbanos. Lembraremos que monumento, na acepção em que presentemente nos situamos, é obrigatoriamente obra de arte (de arquitectura e/ou escultura), memorial, destinado, pois, a perpetuar (i.e. ao longo do tempo futuro, pressuposto infinito, por isso construído de pedra, de bronze ou de aço inoxidável) acontecimentos notáveis e personalidades eminentes. Da vida real ou imaginária, ou lendária, neste caso, por exemplo, São Cristóvão.

QUANTO a nós, por observação que temos dedicado à apreciação de monumentos nas condições referidas, verificámos que arquitectónica e escultoricamente, esses monumentos, em relação ao seu significado, simbolismo e alcance histórico que consubstanciam, digamos assim, se apresentam concebidos, projectados e construídos para serem contemplados de todos os lados. Isto é, de todos os quadrantes do espaço em que se encontram implantados, iamos a dizer definitivamente. Do Arco de Triunfo, na Praça Charles de Gaulle (ex-Étoile) de Paris, diz Paul Gilson (in «Paris tel qu'on l'aime», col. «Le Monde» en Couleurs, pág. 325): «O Arco de Triunfo acolhe os admiradores, que dele se acercam por doze avenidas e de todos os pontos da rosa-dos-ventos.»

É claro que, um dos lados, quando o monumento é de base quadrangular ou rectangular, ou curva, definida por dois eixos, em oval (o de D. José, no Terreiro do Paço, em Lisboa e precisamente Lisboa, porque há outro Terreiro do Paço em Vila Viçosa, com monumento a D. João IV, estátua equestre como aquela), um dos lados dizíamos, constituiria a sua frente ou lado principal. Fácil identificar, quando pessoas representadas ou animais. No entanto, como os monumentos de que tratamos podem (e devem) ser contemplados e meditados de todos os lados (da rosa-dos-ventos!) daí que inscrições e grupos escultóricos decoram com a mesma ou equivalente importância toda a superfície, ou superfícies, envolvente(s) do monumento.

A frente do obelisco dos Restauradores, está virada para o Sul, como se sabe, mas nem por isso qualquer das outras três faces perde em preciosismo decorativo, significativo ou expressivo. Poderíamos, então, dizer, que certos monumentos, ou muitos deles, tal como se encontram implantados se devem, por isso, considerar orientados.

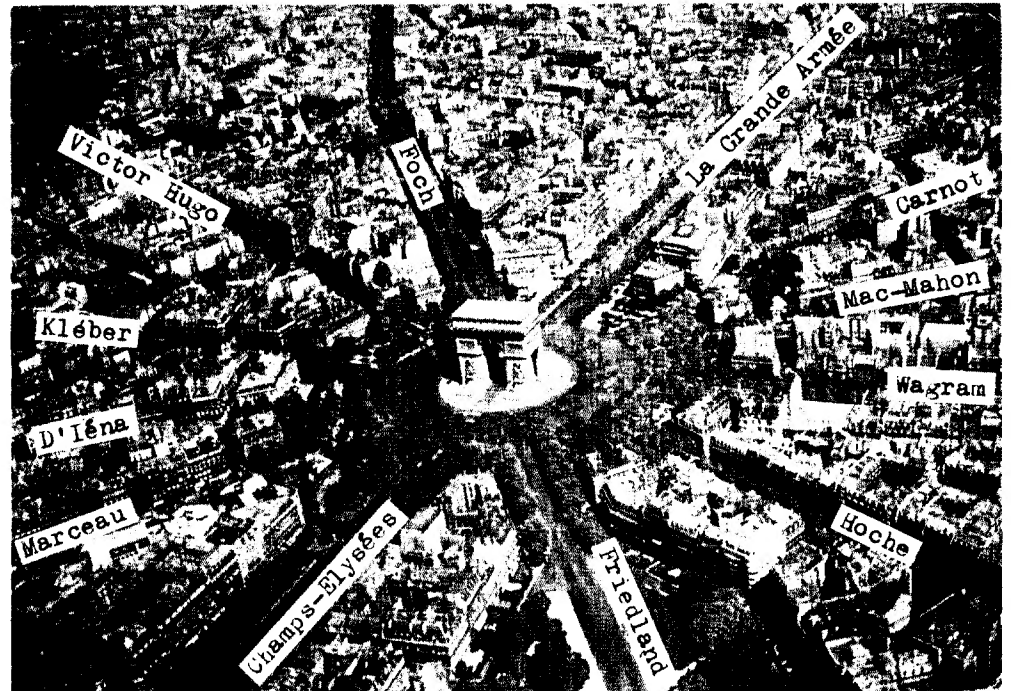
Chegado aqui, permitir-nos-íamos afirmar que se é assim, se tem ou deve admitir como evidente que numa praça regularmente geométrica, quadrangular, rectangular ou circular, monumento que nela se coloque, deve obrigatoriamente ocupar o seu centro geométrico, respeitando cânones urbanísticos consagrados. Porque, repare-se, se o monumento é concebido para ser admirado de todos os lados, é a equidistância de conjuntos de diversos pontos de vista (conceito de lugar geométrico aqui associado e o de democracia também, embora longiquamente!) que determina que se não dê a um dos lados do monumento, ou mais a uns do que a outros, preferência de proximidade ou de distanciamento de apreciação. As inscrições e os pormenores escultóricos serão apreciados de perto, rodando em torno do monumento, concentricamente se quadrangular ou circular. O efeito geral, panorâmico, digamos assim, do monumento como um todo — Arco de Triunfo, Marquês de Pombal, Duque de Saldanha, Guerra Peninsular — é obtido das avenidas ou das entradas delas nas praças.

Temos ainda presente na memória, a imagem dominadora do Arco de Triunfo. E dessa ima-

Abecasis e a excentricidade...

equestre, o cavalo e o rei, de junto das paredes das arcadas, cerca da Estação do Correio Central, por exemplo. Observa-se, então, o cavalo, olhando pelo intervalo de um dos arcos das arcadas, colocado, na perspectiva, acima do alinhamento da crista do telhado do edifício da arcada fronteira. Perfeitamente, também, recortado sobre o pano de fundo do céu ou do espaço vazio. Para se alcançarem estes objectivos, não menores nem dignos de patos-bravos, a altura

vel, identicamente, como se verá e de que todos nos recordamos. Também com a sua justificação estética, e não de utilidade prática ou de interesse material consumista. Prova concludente, admitimos, das considerações e conclusões expostas, com brevidade suficiente, neste artigo. Muito embora esse monumento, se situe, em relação ao centro do espaço urbano, pronunciadamente deslocado, mas, de facto, criteriosa e artisticamente orientado.



O Arco de Triunfo, em Paris, e a Étoile (hoje Praça Charles de Gaulle). Monumento construído (decreto de 1806) segundo plano de Jean Chalgrin (arquitecto, nascido em Paris, 1739/1819) e inaugurado em 1836. Quando também se inaugurou o monumento do Obelisco de Luxor (mede 23 m, pesa 500 ton.) central da Praça da Concórdia. Estes dois monumentos, centrados, pois, nas Praças, limitam a Av. dos Campos Elíseos (morada das almas dos heróis e das das homens virtuosos) visão e antecipação de 1667 de André Le Nôtre (desenhador de jardins, Vaux-le-Vicomte, Versailles, etc., e arquitecto, nascido em Paris, 1613/1700). Rigorosamente, esta avenida de 1880 m, prolongando-se pela Grande Armée, numa perspectiva recta de 6 km, começa na porta, ou entrada, definida pelos dois cavalos de Marly (esculturas provenientes do castelo de Louis XIV, de Marly-le-Roi) do escultor Guillaume Costou (nascido em Lyon, 1677/1716)

gem guardámos instantâneo fotográfico, quando em Maio de 1958 nos hospedámos, por três apressados dias, no Hotel Royal Monceau, da Av. Hoche, localizada sensivelmente onde, na foto, aplicámos o distico indetificador deste arruamento radial da praça, apontando como os demais ao seu centro. Logo à saída do hotel, virando à esquerda, bem ainda dentro da avenida arborizada, divisava-se, não inteiramente liberto das folhagens das árvores, mas perfilado sensivelmente a 3/4, o belo monumento mandado construir por Napoleão I Bonaparte. Outro exemplo notável de Paris, de monumento no centro do espaço público, é a coluna de 44 m da Grande Armée (1810), na acolhedora Place Vendôme, e de que o bronze proveio de 1200 canhões apreendidos ao inimigo. Os exemplos multiplicam-se, e em Lisboa as mesmas directrizes urbanísticas e paisagísticas se impuseram aos planificadores.

Mas, há excepções, notáveis também. O Terreiro do Paço em Lisboa é uma delas. A estátua equestre de D. José também ocupa, aparentemente, o centro da praça. Mas, este centro que, afinal, não é outra coisa, não é geométrico, é óptico. Expliquemo-nos. O monumento foi intencionalmente colocado, pelos reconstrutores da Baixa Pombalina, de forma a que fosse sempre visto perfeitamente recortado sobre o espaço vazio, isto é, sobre o céu como pano de fundo. Para poder ter esse efeito quem, por exemplo, se acercasse da praça vindo da Rua da Alfândega ou da do Arsenal. Já que da Rua Augusta, ao longo dela, é visto emoldurado pelo Arco dessa rua. Das ruas do Ouro e da Prata, mais interiores, no campo de visão, que as duas primeiras laterais referidas, também é visto recortado e liberto de interferências visuais, ao chegar-se à praça.

Particularidade saliente ainda, o de poder apreciar-se a estátua

em que sobre o plinto do monumento se apoia a estátua equestre foi premeditadamente calculada, assim como a do plinto, evidentemente. E o centro do monumento, em relação ao centro geométrico da praça, foi avançado em direcção ao rio, do número de metros paisagisticamente necessários a atingirem-se as determinantes estéticas, suportadas pelas respectiva regras panorâmicas, sempre pressupostas nestas coisas.

A estátua do Duque de Saldanha deslocada do centro da praça, como se encontra projectado, irá afrontar incomodamente, com a sua presença próxima, os inquilinos dos prédios de que se acercará. Assim, tão violenta e indiscretamente. Por outro lado, pela escandalosamente excessiva proximidade, em relação à dimensão da praça, virando, malcriadamente, as costas a esses inquilinos, o Marquês Duque de Saldanha certamente muito se desgostaria. Se na vida real, teria uma palavra e desculpou-se-ia da certamente momentânea atitude. Se para a posteridade, imensamente estranharia a decisão autoritária de terem-no «removido» de onde durante décadas havia acolhido, em perfeita igualdade de visão e de contemplação, todos os admiradores da sua estátua. Porventura, também, os legítimos apreciadores do seu papel histórico de chefe militar, e a certa altura pretendidamente político, de um período convulsivo da história de Portugal.

Haverá ainda tempo e disposição mental, para se reconsiderar em relação à posição ridícula, a todos os títulos, em que se pretende recolocar a estátua daquele de quem, por parte de certa oposição, se diagnosticaram motivos para que pudesse ter sido cognominado de D. João VII?

Deixaremos para próximo artigo, a menção de outro exemplo de monumento deslocado do centro do espaço geométrico em que se implanta. Exemplo notá-

Acerca de (ou da) corrupção

Recordamos do semanário «Tempo», de 4. Nov., com a devida vénia, a «saborosa», permita-se-nos, «boutade» do presidente Abecasis de que «se existe corrupção na Câmara de Lisboa, não é significativa». A expressão, permita-se-nos ainda, tem para nós, irresistivelmente, o travo tragicómico daquela notícia de jornal que relatava: «no violento choque de comboios, felizmente só morreram passageiros de 3.ª classe». Mas, a corrupção, já o disse o major Vasco Lourenço, do ex-Conselho da Revolução, assume diversos aspectos ou formas. A mais vulgarizada interpretação do termo, residirá, provavelmente, quando nas operações, nas trocas, nos negócios, nos despachos, nos concursos, nas decisões se envolvem dinheiros ou privilégios, estes imediatos ou remotos, mas sempre convertíveis naqueles. Ao termo corrupção, associam-se, cf. António de Moraes Silva, Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, os seguintes: corrompedor, corrompido(-se), corrompidamente, corrompido, corrompimento, corruptamente, corruptela, corruptibilidade, corruptível, corruptivo, corrupto¹, corrupto², corruptor¹, corruptor². A este imenso conjunto de termos, todos filiados aparentemente na mesma raiz, estão ligadas, no seu uso diversificado e múltiplo, literário ou coloquial, personalidades como: Francisco de Moraes, Camilo, Xavier Marques, Jacinto Freire de Andrade, João Xavier de Matos, Camões, Machado de Assis, Latino Coelho, Duarte Barbosa, Rui Barbosa, Manuel Ribeiro, Ricardo Jorge, Fr. José de Santa Rita Durão, P. João de Lucena, D. Francisco Manuel de Melo, Fr. Domingos Vieira, Gaspar Correia, Hercúlio, Guerra Junqueiro, Damião de Góis, Manuel Bernardes,

das estátuas

Mário Barreto, Amador Arrais, António Vieira, Franklin Távora, Sampaio Bruno, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro. Deste último, como se esperava, um exemplo: «E favas contadas, o corruptor arrancou-lhes o mais que puderam dar», in «Os avós dos nossos avós».

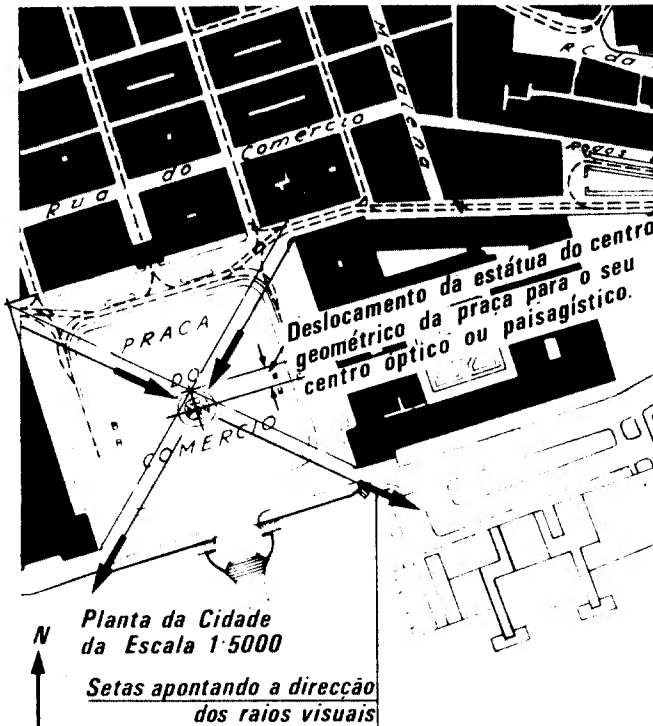


Daqui que, para nós, como para os lexicógrafos e os puristas, corromper, além de peitar (procurar corromper com dâvidas, subornar), é perverter, estragar, alterar, adulterar, abusar, modificar, estropiar. Assim, poder-se-á talvez concluir,

desde já, que descentrar estátuas, como nos exemplos que demos, seria alterar, adulterando ou estropiando (relevem-se-nos dos termos a dureza e o vernáculo), formas urbanísticas que se consagraram. E que seria irrespeitoso ou corrupto (idem, idem) legar aos vindouros, essas novas formas, mas irreconhecíveis ou enfraquecidas do significado criativo primário e do alcance heróico ou virtuoso, ou outro, que simbolizam.

Por exemplo, ainda neste domínio de considerações e salvo o devido respeito, como conceber, em termos de ética política democrática, o aparecimento de cartazes de propaganda eleitoral autárquica em Setembro passado, com a respectiva campanha a começar apenas em 30 de Novembro? E, se não são cartazes de campanha eleitoral, não teria sido preferível, desportivamente, evitar que se tivessem aplicado? Deste modo impedindo que se formulassem juízos apressados ou não inocentes?

Ainda sobre estátuas. Na actual posição, com a primeira «remodelação» da Praça, o «du-

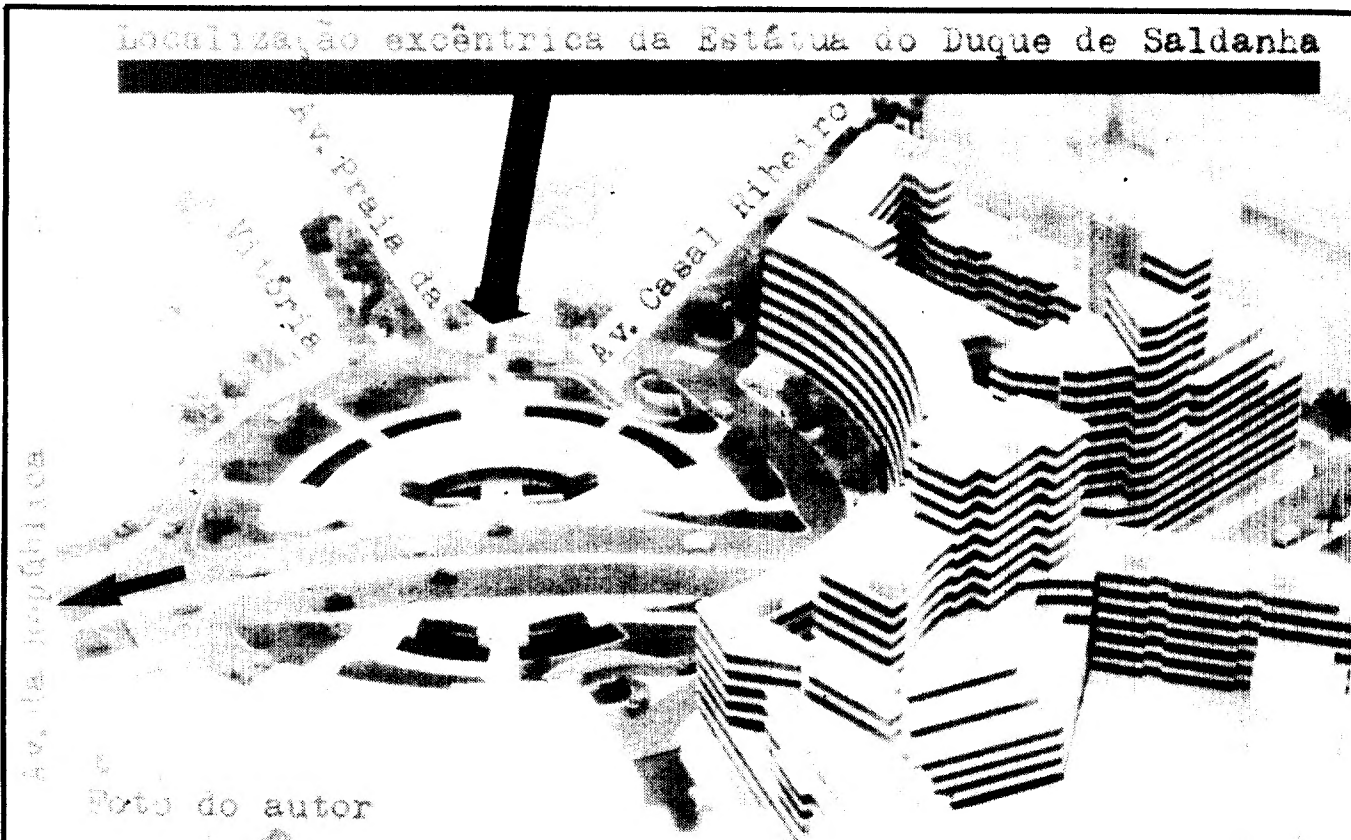


Parte da carta componente da carta geral da cidade, evidenciando o referido no texto relativamente ao monumento-estátua equestre de D. José, em Lisboa

que de Saldanha» parece um sinal, como o afirmou algures o arquitecto Tudela da CML, se não estamos em erro. Na futura, parece que irremediável, posi-

ção, em que se converterá? Pois sinal, não deve poder ali sê-lo, com vantagem.

R. Toulson A. Leite



Descentrar a estátua, implicaria ainda ter de se explicar e justificar que orientação (em relação aos eixos para que foi concebida como criação original) se lhe vai dar. Isto é (no mínimo e sem ter em atenção todos os aspectos escultóricos e de enquadramento urbano, condicionantes da sua implantação projectada) para onde ficará a apontar o braço e o dedo indicador do militar - general aos 27 anos e sucessivamente conde-marquês-duque de Saldanha? Apontará para algum supermercado? Será para os «renovadores e mastodónticos» blocos de cimento às listas? Será para o local do futuramente demolido prédio n.º 1 da Praça, onde, com mágoa antecipadamente nostálgica, declarou ter vivido toda a sua vida o presidente Abecasis? Ou ficará a apontar para algum aspecto mais saliente da Lisboa irreconhecível e megalómana sonhada pelo presidente Abecasis?

Em artigo publicado por "El País"

Rogério Martins analisa relações luso-espanholas

As relações luso-espanholas são o tema de um artigo de opinião publicado ontem pelo diário «El País» de Madrid e assinado por Rogério Martins, membro do PSD e ex-assessor político de Francisco Sá Carneiro.

Considerando que as relações entre Espanha e Portugal são fundamentais para o futuro dos dois países, Rogério Martins, que preside ao gabinete de estudos de Lisboa do PSD, afirma ser necessária «uma mudança de atitude» e propõe a abertura de um debate público para que «sectores cada vez maiores de nossos dos povos tomem consciência da necessidade de medidas concretas e práticas».

«A Imprensa - diz Rogério Martins - deve jogar um papel

essencial, senão motor, para ajudar-nos a dar o salto freudiano na profundidade dos nossos subconscientes colectivos» e permitir que os problemas «sejam considerados, discutidos, analisados, pelos intelectuais, os clubes de opinião, os empresários, os sindicatos, os políticos», dos dois países.

«Não podemos continuar escondendo a cabeça como as avestruzes, não podemos ignorar os factores» - afirma o antigo conselheiro de Sá Carneiro, que refere existir «um monte de preconceitos e um oceano de ignorância recíproca que separa as classes políticas e pensantes», de Espanha e Portugal.

Rogério Martins lembra o apelo feito em 1970, quando era secretário de Estado da Indústria

do governo de Marcelo Caetano, conjuntamente com os seus colegas espanhóis da época, para a imediata criação de uma zona de comércio livre entre Espanha e Portugal.

Diz que a proposta encontrou a «oposição feroz da direita» e foi «acolhida com surpresa e sem ânimo pelos demais meios políticos e informativos» e pergunta-se: «Será por esta razão que não somos capazes, ainda hoje, de fazer funcionar entre nós o acordo EFTA.»

O autor do artigo comenta as mudanças estruturais no mundo de hoje, sobretudo no campo económico, tecnológico, economia de mercado, para concluir que «as nações do velho continente devem proceder rapidamente à adaptação de suas es-

truturas e de seus comportamentos económicos.

«Aqueles que ficarem prisioneiras de seus demónios históricos e não se adaptem, ou o façam com demasiada lentidão, estarão condenadas a perder inexoravelmente terreno em relação a todas as outras».

Rogério Martins analisa depois a correlação entre os dois países a nível de produto nacional bruto: «um país pobre ao lado de um país rico».

Comenta diversos aspectos das relações entre os dois países. No âmbito da complementaridade de mercados, comunicações terrestres, aéreas, ferroviárias, barreiras administrativas e alfandegárias.

Pilhas Philips



AS PILHAS SUPERIORES
PARA TODOS OS REGIMES
DE UTILIZAÇÃO

Service PHILIPS



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA

Rua Francisco de Andrade, 22

2800 Almada

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para a realização de trabalhos nas instalações desta empresa, no próximo domingo, 14 de Novembro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA: Alto do Índio (Alto do Índio) das 11H00M às 13H00M, Sobreda (Horizonte, recanto, pelácio, convívio, Sobreda de Caparica), Vale Figueira (Qt.ª das Chitas, Vale Figueira), Lázarim (Areiro) das 7H00m às 1H30M

CONCELHO DE SEIXAL: Torre da Marinha (Torre da Marinha) das 8H30M às 12H00M, Cruz de Pau (Qt.ª da Atalaia, Inglesinhas, S. Tomé, Vito, Monte São, Comuda, Preciosa), Amora (Branca Saraiva, Borja, Brigadeiro, Amora) das 8H45M às 13H00M, Corroios (Qt.ª da Água, Santarém, Caia Torres, Corroios, Pinheirada, Sousa, Lobito, Guerreiro), Alto do Moinho (Alto do Moinho, Berta), Vale Milhaços (Equipamento, Portugal, Reconversão, Vale Milhaços) das 9H00M às 10H30M Vale Milhaços (Pinhal do Vidal, Vilela) das 7H00M às 8H30M

CONCELHO DE SESIMBRA: Cotovia (Duas Irmãs) das 7H00M às 16H00M

Almada, 9 de Novembro de 1982

Centro de Distribuição Almada
José P. R. Nascimento

Sindicatos de Lisboa em Congresso

Independência não significa apatia política

— sublinhou Florival Lança da USL

Teve início esta manhã, no Pavilhão do Sacavenense, o 1.º Congresso da União dos Sindicatos de Lisboa (USL). Da agenda de trabalhos, que terminam amanhã, fazem parte a discussão e aprovação do Programa de Acção, a Plataforma Reivindicativa, um Manifesto Eleitoral bem como a eleição do novo secretariado.

O congresso é participado por 600 delegados que representam mais de meio milhão de trabalhadores do distrito, distribuídos por 55 sindicatos, 19 dos quais não filiados naquela estrutura sindical. Estarão igualmente presentes sete delegações sindicais de importantes capitais de países europeus.

«A realização do 1.º Congresso da União dos Sindicatos de Lisboa ocorre num momento particularmente grave e complexo da vida portuguesa. Numa das fases mais graves porque tem passado a nossa democracia ao longo do processo revolucionário iniciado no 25 de Abril de 1974», afirmou Florival Lança, coordenador do secretariado da USL, ao apresentar o relatório daquela estrutura sindical.

Para os sindicalistas, a revisão da Constituição, recentemente promulgada, encerra sérios perigos para a manutenção do regime democrático e o agravamento da crise económica, financeira e social, atingiu o seu ponto mais alto.

Criticada a política econó-

mica do primeiro Governo AD que se caracterizou pelo ataque aos direitos e interesses dos trabalhadores, de novos e mais violentos ataques às empresas nacionalizadas e à Reforma Agrária, maior protecção aos interesses do grande capital, dos agrários e intermediários, Florival Lança fez questão de salientar a inversão táctica de demagogia que, com a aproximação das legislativas de Outubro de 1980 se produziu na actuação governamental. Por isso, na ocasião, perante um conjunto de reivindicações de carácter social e económico formuladas pelo Movimento Sindical e cuja satisfação há muito vinha sendo exigida, o Governo AD resolveu, só

então, satisfazer algumas delas, para demagogicamente e sem o mínimo de vergonha as apresentar como de sua própria iniciativa.

Eleitoralismo

Para a USL, também a política de preços então adoptada teve um carácter nitidamente eleitoralista. Desta forma, prosseguiu o coordenador da USL, «verificou-se até Novembro (recorde-se que as legislativas se realizaram em Outubro de 1980) um grande esforço em conter a inflação e evitar a subida de preços, o que foi feito à custa do desequilíbrio das empresas públicas, da ruína dos pequenos produtores e da utilização maciça de fundos públicos para subsidiar fundamentalmente os intermediários. Só assim terá sido possível que os preços ao consumidor tenham, entre Junho e Novembro, apenas aumentados de 3,8 por cento. Mas em idêntico período de cinco meses após as eleições, isto é, de Novembro desse ano a Abril de 1981, os preços subiram 11,8 por cento, ou seja mais do que o triplo.

O dirigente da USL acusou ainda os divisionistas da UGT, a quem cabem pesadas responsabilidades pela actual situação.

E isto pela ajuda que deram ao Governo confundindo muitos trabalhadores de serviços e quadros técnicos ao fazê-los acreditar que os seus interesses de classe eram contrários aos dos restantes trabalhadores, impedindo assim a unidade e a defesa conjunta dos interesses que são afinal comuns.

Florival Lança, no prosseguimento da sua intervenção sobre o relatório de actividades e no capítulo das condições de vida e de trabalho, salientou a inoperância dos tribunais de trabalho e a indiferença da Inspecção Geral do Trabalho face às ameaças e violações constantes contra os direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores, quer por parte do patronato quer do próprio Governo AD. «O novo Código do Processo de Trabalho foi considerado como imbuído em parte de um espírito corporativista e enquadrado na ofensiva contra

os direitos dos trabalhadores, pelo seu esvaziamento, através das demoras prolongadas dos processos nos tribunais».

Relativamente ao sector nacionalizado, denunciou o ataque cerrado, organizado e global do Governo contra as empresas do sector e adiantou que estão em preparação milhares de despedimentos, mas os trabalhadores têm-se oposto e continuarão a opor-se a estas manobras do Governo, defendendo os seus postos de trabalho e os interesses da economia nacional.

Finalizando este ponto da sua intervenção, Florival Lança afirmou-se convicto de que os trabalhadores continuarão a lutar e que os seus objectivos a curto prazo serão alcançados, designadamente o afastamento da AD da área do poder e a realização de eleições antecipadas.

«Independência não significa apatia política. Os trabalhadores do distrito irão esforçar-se para que os resultados das próximas eleições autárquicas sejam condizentes com os seus interesses de trabalhadores e moradores nos vários concelhos de Lisboa» — disse.

Associações patronais do Vestuário romperam negociações para o CCT

A Federação dos Sindicatos Têxteis anunciou ontem que as associações patronais do vestuário romperam as negociações do contrato colectivo de trabalho (CCT) para o sector, que se encontravam na fase de conciliação.

Em comunicado distribuído, a federação afirma que as associações patronais «pretendem obrigar os trabalhadores a reconhecer o acordo feito em 1981 e põem em causa dezenas e dezenas de direitos e regalias conquistadas».

A federação decidiu convocar reuniões de delegados sindicais em todo o País para «discutir as tomadas de posição convenientes» e convocar um plenário de sindicatos para dia 17 para «tomar as medidas necessárias».

A federação sindical dos têxteis exige ao Ministério do Trabalho que «tome posição imediata no sentido de salvaguardar a liberdade de negociação e conduzir a resolução do conflito».

Trabalhadores da CP em plenário

A Federação dos Sindicatos Ferroviários promove hoje a realização de um plenário nacional de trabalhadores da CP que terá lugar no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, a fim de analisar a situação laboral naquela empresa nacionalizada.

O plenário, que, segundo aquela estrutura sindical, reunirá milhares de trabalhadores, deverá também aprovar a proposta de revisão do clausulado e a tabela salarial do acordo colectivo de trabalho a apresentar brevemente ao conselho de gerência.

Coordenadora dos transportes

Também a Comissão Coordenadora sindical do sector de transportes convocou para o próximo dia 27 a realização do II Encontro das Organizações Representativas dos trabalhadores das empresas nacionalizadas e participadas do sector.

O encontro está marcado para o auditório do Sindicato do Comércio e Serviços — Rua Almirante Barroso, n.º 3, em Lisboa — e tem como principal ponto da agenda de trabalhos a análise da situação do sector, designadamente, a ofensiva do Governo contra empresas.

O I Encontro ocorreu em Abril do ano passado.

Em Setembro

Duzentos mil trabalhadores efectuaram paralisações

Durante o mês de Setembro, cerca de 200 mil trabalhadores de dois sectores e 20 empresas efectuaram paralisações, do que resultou a perda de mais de 4,7 milhões de horas de trabalho.

Estes números baseiam-se em dados recolhidos pela ANOP, geralmente de fonte sindical, não tendo em conta percentagens de adesão à greve nem situações em que a paralisação da produção é superior ao número de horas de greve.

Paralisaram o sector metalúrgico, em defesa de reivindicações contratuais, e os pescadores de Matosinhos para exigirem às autoridades que pusessem termo à pesca à bomba.

Na origem das greves nas empresas sobressai a luta contra despedimentos, suspensões e processos disciplinares assim

como a exigência de pagamento de salários atrasados e reposição de regalias retiradas.

A greve da Cimpor e da Secil, em defesa das reivindicações sindicais no âmbito da negociação do acordo colectivo de trabalho, provocou quebras no abastecimento regular de cimento ao País, prejudicando indústrias a jusante, nomeadamente a construção civil.

A greve da Cambournac, pelo pagamento de salários em atraso, entrou em Setembro no seu décimo mês.

A greve dos ferroviários de estação filiados no Sinafe foi particularmente sentida, porque provocou a interrupção do tráfego ferroviário nalgumas vias e desorganização noutras.

A greve dos trabalhadores da EDP, que acusam o Governo de

pretender dismantlar aquela empresa pública, levou à interrupção do fornecimento de energia a várias zonas do País no dia 14 de Setembro.

Os trabalhadores do Hotel Baía estiveram em greve até ao dia 26 de Setembro em defesa da autogestão da empresa. A greve foi suspensa após um acordo entre a Secretaria de Estado do Turismo e os sindicatos.

Os operários da Lisnave paralisaram os estaleiros mantendo-se em plenários permanentes e concentrados nos dias 15 e 17. Aquela forma de luta incluiu o impedimento de saídas e entradas, nomeadamente dos administradores e directores da empresa. O objectivo era a reposição das regalias retiradas pela administração da Lisnave e o pagamento pontual de

salários.

Também pelo pagamento de salários em atraso ou contra a retirada de regalias estiveram em greve sete outras empresas.

Os trabalhadores da fábrica de máquinas de escrever Messa, que exigem a viabilidade da empresa e a defesa dos postos de trabalho, efectuaram greves com concentrações em frente a vários Ministérios e Presidência do Conselho de Ministros.

Em cinco empresas, as paralisações tiveram como objectivo a luta contra despedimentos ou suspensões.

Em várias empresas as lutas passaram por concentrações de trabalhadores e/ou população local.

Foram desconvocadas algumas greves por os trabalhadores terem visto satisfeitas as suas

reivindicações.

Por outro lado, mais de um milhão de trabalhadores estiveram envolvidos em situações de conflito laboral no mês de Setembro — de acordo com dados divulgados pela CGTP/Intersindical.

Aquela central sindical assinala que, nos sectores envolvidos, a causa determinante dos conflitos foi a contratação colectiva, enquanto nas empresas as razões mais frequentes foram a defesa do sector público, a estabilidade de emprego, a representação interna e o pagamento de salários em atraso.

Além dos casos em que houve recurso à greve, a luta processou-se noutras empresas e sectores através de concentrações e manifestações, plenários de empresa e constituição de piquetes de vigilância.

ANDARES

PARA VENDA PRONTO A HABITAR

C/área total 140 m2 c/arrecadação e lareira

URBANIZAÇÃO COM CENTRO COMERCIAL

PINHAL NOVO

(A 9 km de Setúbal e a 25 km de Lisboa)

CONSTRUÇÕES DOVARI, LD.^a

Rua Almeida Garrett, 11 • Telef.; 2361165

(Atendemos aos sábados e domingos)

PINHAL NOVO

Segundo a CP

Fenda no túnel do Rossio não afecta segurança da circulação ferroviária

A CP confirmou ontem a existência de uma fenda longitudinal na abóbada de uma zona do túnel do Rossio, anunciando, no entanto, que existiam «condições de inteira segurança» na circulação ferroviária naquele túnel.

A descoberta recente da fenda ocorreu, segundo a Companhia, no âmbito das observações sistemáticas que a CP afirma efectuar «há bastantes anos», tendo sido «reforçado, lo-

calmente o dispositivo de controlo».

Conforme o «DL» ontem noticiou, a fenda do túnel do Rossio foi alvo de um requerimento da APU, já apresentado ao Governo, através do Ministério dos Transportes, Obras Públicas e Habitação. Entretanto, a CP informou também que «sendo o túnel uma obra extensa (2600 metros) e centenária, não é de estranhar o aparecimento pontual de situações análogas».

Ano lectivo começou na Escola Naval do Alfeite

O chefe de Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, presidiu ontem à abertura solene do ano lectivo da Escola Naval do Alfeite. Na cerimónia, o comandante da escola salientou o decréscimo do número de jovens que ultimamente se têm candidatado às escolas militares, adiantando que tal se deve ao facto de o jovem de hoje não ser capaz de

«aderir a propostas de servir».

A origem da Escola Naval remonta a 14 de Dezembro de 1782, data de um decreto de D. Maria I, que cria a Companhia de Guardas Marinhas. No entanto, só em 1845, no reinado de D. Maria II, é que a Escola Naval é criada, funcionando, desde 1937, nas suas actuais instalações.

Representantes militares portugueses na OTAN reuniram em Lisboa

Terminou ontem, no Estado-Maior General das Forças Armadas, a reunião anual entre os representantes militares portugueses na NATO e adidos militares dos países membros da Aliança. A reunião, presidida pelo general Melo Eglidio, teve como ponto

dominante aspectos militares decorrentes da presença de Portugal na NATO. À sessão final do encontro, iniciado no passado dia 8, assistiu o secretário de Estado da Defesa em representação de Freitas do Amaral, ausente no estrangeiro.

em duas palavras

• Beiras e judeias: a sua história

Moncorvo será palco, em 4 e 5 de mês que vem, de um encontro sobre a História das Beiras e dos Judeus promovido pela Associação de Amizade Portugal-Israel (AAPI). A iniciativa, que se realiza pela segunda vez, destina-se a «aprofundar o estudo da vida judaica em Portugal» e a divulgar os valores judaicos (portugueses) nos domínios da cultura, ciência, história e técnica. Participam no encontro professores das Universidades portuguesas e de Zamora (Espanha), autarcas e jornalistas. Esta actividade tem o apoio do Instituto Central de Relações Culturais Israel-Portugal, de Jerusalém (Israel), da Embaixada de Israel em Lisboa, da Universidade Livre do Porto e da Câmara Municipal de Moncorvo.

• Câmaras dos Açores: 617 mil contos

Os seis municípios da ilha de São Miguel cobraram há dois anos 617 mil contos de receitas, segundo um estudo do Departamento Regional de Estudos e Planeamento dos Açores. O mesmo documento adianta que a Câmara de Ponta Delgada cobrou 54 por cento do total das receitas, ou seja 322 milhões de escudos. Os municípios da Ribeira Grande, Vila Franca do Campo, Lagoa, Povoação e Nordeste arrecadaram, respectivamente, cerca de 99, 61, 51, 45 e 29 milhões de escudos. As seis Câmaras de São Miguel gastaram naquele período 603 milhões de escudos, menos 13,7 milhões do que o cobrado.

• Leiria distribui por freguesias

A Câmara Municipal de Leiria votou por unanimidade, na sua última reunião, a concessão de subsídios no valor de mais de 3500 contos destinados a várias Juntas de Freguesia do concelho para obras diversas. Entre estas obras contam-se participações para reparações em escolas e para a construção de vias de comunicação, de um pavilhão ginnodesportivo e de uma escola pré-primária. Na mesma reunião a Câmara atribuiu um subsídio ao Teatro Experimental de Leiria no valor de 120 mil escudos.

• Planeamento familiar em Espinho

O ministro Luís Barbosa inaugura dia 18 em Espinho as II jornadas Nacionais de Planeamento Familiar. Iniciativa da Associação Portuguesa para o Planeamento Familiar, o encontro, que decorre até dia 20, conta com a participação de cerca de 150 médicos, assistentes sociais, técnicos de saúde e enfermeiros nacionais e estrangeiros. Principais temas a debater: adolescência na sociedade, contracepção em situações especiais médicas e sociais e planeamento de saúde pública.

• Palácio Vidigal em restauração

O histórico Palácio do Vidigal, propriedade da Fundação da Casa de Bragança, situado próximo de Vendas Novas (Évora), está a sofrer obras de restauração. Uma fonte próxima daquela fundação disse que será instalado, futuramente, no referido palácio, um depósito nacional de espécies de interesse museológico, iniciativa do Instituto Português do Património Cultural.

• Médicos «aéreos» falaram de voos

Questões ligadas ao transporte em avião de doentes e deficientes motores e ao repouso, após voos em período nocturno, foram debatidas na reunião de médicos das companhias aéreas da IATA, que ontem terminou na Horta (Faial).

O encontro, promovido pela TAP/Air Portugal e Governo Regional dos Açores, começou quinta-feira e debateu, também, problemas ligados à fadiga dos pilotos na segurança dos voos.

Na reunião participaram companhias aéreas da França, Itália, Suíça, Escócia, Filândia, Irlanda, Holanda, Jugoslávia e Bélgica.

• Barata quer agências e turismo na RPA

O industrial de hotelaria Fernando Barata propôs ao VIII Congresso Nacional das Agências de Viagens e Turismo que decorre em Macau que o X Congresso se efectue em Angola. A proposta do dinâmico hotelheiro algarvio refere que, por ser ponto assente que o IX se efectue em Viana do Castelo, seja estudado pelas congressistas a hipótese do seguinte decorrer na RPA, «País a que tantos (e não poucas obrigações) laços Portugal está e estará ligado».

• Concelebração de Cristo Rei

O arcebispo de Évora (D. Maurício de Gouveia) preside dia 21, na Sé Catedral da cidade à concelebração eucarística da solenidade de Cristo Rei. Uma fonte da arquidiocese disse que nesse dia não haverá missas nas paróquias a essa hora, para que sacerdotes e os fiéis possam celebrar a eucaristia com o seu bispo em sinal de unidade na aclamação da realeza de Cristo».

• Reunião em Évora de educadores

Encerrou ontem a sua primeira fase o Seminário para Formadores de Educadores de Adultos, na Universidade de Évora. A primeira fase do seminário, que ocorreu nas instalações da Universidade em Valverde, em Évora, foi subordinada ao tema genérico «introdução problemática da educação de adultos». Da segunda fase do curso, que terá início em Castelo de Vide, (Portalegre), em 22 de Novembro, consta a formação específica que incidirá sobre as áreas da língua, do cálculo e da produção de materiais, abordadas numa perspectiva integrada.

Ainda Évora: o reitor da Universidade (Mário Lobo Azevedo) estará presente no Simpósio Internacional «Amílcar Cabral», a realizar em Janeiro, na Cidade da Praia — anunciou ontem a Universidade eborense.

O Simpósio que terá lugar de 17 a 20 de Janeiro, conta com a participação de diversas personalidades mundiais conhecedoras da obra de Amílcar Cabral.

• Aristides Pereira vai a Roma

O presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira, desloca-se a Roma na dia 21 para falar na Assembleia Geral Anual da FAO — soube a ANOP de fontes oficiais da Praia.

Aristides Pereira falará na qualidade de presidente do Comité Inter-Estados para a Luta Contra a Seca. Fontes diplomáticas da capital cabo-verdiana disseram que Aristides Pereira poderá vir a ser recebido pelo Papa durante esta sua visita a Roma.



RN

RODOVIARIA NACIONAL

EXPRESSO

FARO — LISBOA — FARO

SERVIÇO DIRECTO DIÁRIO COM TEMPO

TOTAL DE VIAGEM DE 4,30 HORAS

Autocarros de grande turismo com ar condicionado, bancos reclináveis, música gravada e seleccionada e refeição a bordo.

Paragem no Marquês de Pombal (no sentido sul-norte) para desembarque de passageiros.

Paragem em Ferreiras para embarque e desembarque de passageiros.

HORÁRIO

FARO	LISBOA	LISBOA	FARO
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8.00	12.30	8.00	12.30
15.00	19.30	19.30	24.00

Partidas de Faro — Estação RN — Av. da República — Ed.º Hotel Eva

Partidas de Lisboa — Av. Santos Dumond, 57

FARO — RN — Av. da República — Ed.º Hotel Eva — Tel. 23023

* RN TOURS — Telef. 25746 — 25747

e Agências de Viagens

Informações e Vendas LISBOA — RN Av. Santos Dumond, 57 — Telef. 775245

RN Av. Casal Ribeiro, 18 — Telef. 577715

RN Av. 5 de Outubro, 75 — Telef. 559214/559217

* RNTOURS Av. F. Pereira de Melo, 33 — Telef. 560015/560016



RN

* Com serviço complementar de marcação de hotéis e de aluguer de automóveis sem condutor ou qualquer outro serviço de Agência de Viagem.

Para mais informações — telefones 540079 540129

(dias úteis das 8.30 às 19.00 horas)

FAÇA UM INVESTIMENTO DE CONFIANÇA

E EXIJA UMA VIATURA DE TRABALHO.

O QUILOMETRO MAIS BARATO COM O PRESTÍGIO PEUGEOT DIESEL



504 4x4 TODO-O TERRENO

Cilindrada: 2112 cc ou 2304 cc
Peso bruto: 2600 Kgs
Carga útil: 1050 Kgs

504 RENFORCE MERCADORIAS

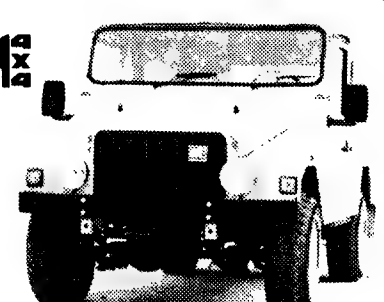
Cilindrada: 2304 cc
Peso bruto: 2520 Kgs
Carga útil: 1100 Kgs

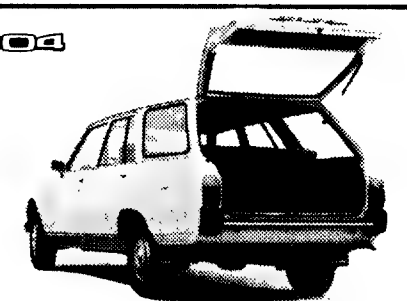
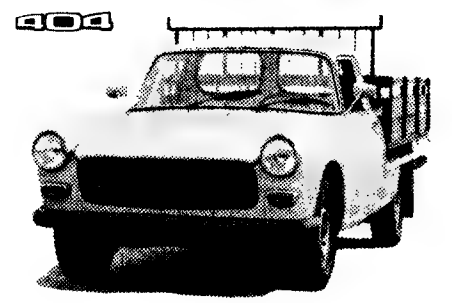
504 RENFORCE TRANSFORMADA PARA 7 PESSOAS

Cilindrada: 2304 cc
Peso bruto: 2520 Kgs

404 CHASSIS CABINE

Cilindrada: 1946 cc
Peso bruto: 2410 Kgs
Carga útil: 1300 Kgs sem caixa



MOCAR, SARL.

• Av. António Augusto de Aguiar, 19-A
Telef. 53 91 31

• Av. Duque d'Avila, 66-B
Telef. 54 73 78 LISBOA

VISITE O SEU AGENTE PEUGEOT

PEUGEOT • O LEÃO DA FORÇA DIESEL



Leonel Brizola: do exílio para o poder?

Eleições no Brasil

Campanha terminou em "estilo" de carnaval

Tambores, samba, bombinhas: fechando os olhos, um estrangeiro acabado de chegar ao Rio de Janeiro poderia acreditar estar em pleno Carnaval, organizado com mais de três meses de avanço.

Durante os últimos dias da campanha eleitoral, que ontem terminou em todo o território brasileiro, os cinco partidos que disputam entre si 58,5 milhões de votos lançaram todas as suas forças na batalha, tendo à frente os cantores populares e os profissionais do samba.

O candidato ao Governo do Estado do Rio de Janeiro pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), a principal força de oposição, Miro Teixeira, contou com grandes nomes da MPB (Música Popular Brasileira): Chico Buarque, Simone, Clara Nunes, Moraes Moreira, Francis Hime, Nara Leão e com as caras mais conhecidas das "telenovelas".

Dispondo de meios financeiros e técnicos muito importantes,

os dois grandes partidos — o PMDB e o PDS (Partido Democrático Social, governamental) — organizaram comícios — espectáculo reunindo entre 50.000 e 200.000 pessoas, com projecção de diapositivos em «ecrãs» gigantes, com fundo de música de Carnaval.

No entanto, esses comícios, que eram chamados por exemplo «Há MPB no PMDB», não impressionaram os eleitores, que se preparam para escolher para governador o antigo exilado Leonel Brizola (Partido Trabalhista Brasileiro), a fazer fé nas sondagens. Com meios financeiros limitados, Leonel Brizola conseguiu reunir ontem várias dezenas de milhares de pessoas no centro do Rio de Janeiro.

Para dissimular a ausência de música (apesar do partido contar entre os seus candidatos com o cantor popular Timoteo) muitas bandeiras vermelhas e brancas, muitos cravos vermelhos e, so-

bretudo, a presença de Leonel Brizola, que levantou o entusiasmo do povo ao dizer, com uma voz calma e firme: «extraio/ a minha legitimidade do povo e governarei com ele». Milhares de pessoas fazendo o «V» da vitória respondem-lhe então: «Brizola, presidente do Brasil». Os tambores põem-se a rufar e algumas pessoas esboçam passos de samba.

Na cidade, as camionetas munidas de altifalantes andam de um lado para o outro continuamente, difundindo alternadamente música e os nomes e números dos candidatos. O Rio de Janeiro está em festa e as imitações de boletim de voto «prontos a copiar» chovem permanentemente dos arranha-céus da cidade.

Depois de uma trégua de alguns dias, os «cariocas» ou, pelo menos, uma parte deles, retornarão a sua mais bela festa, para celebrarem a vitória.

Ministro egípcio defende negociação EUA-OLP

Kamal Hassan Ali vice-primeiro-ministro e ministro egípcio dos negócios estrangeiros, salientou ontem a «necessidade» de os Estados Unidos lançarem um diálogo directo com a OLP para conseguirem uma solução para o problema palestino.

«A OLP tem um papel essencial nas próximas discussões», disse Hassan Ali no final das suas conversações com o secretário de Estado americano, George Schultz, sobre a situação no próximo Oriente.

O chefe da diplomacia egípcia, que tinha tido antes uma breve reunião com o presidente Reagan, acrescentou que abordaria «a possibilidade de ver como encorajar os palestinianos a participarem nas próximas negociações», no sábado, ao encontrar-se com Philip Habib, enviado especial de Reagan ao próximo Oriente.

Begin em Los Angeles

O primeiro-ministro israelita Menahem Begin, chegou ontem a Los Angeles, primeira escala duma visita particular de seis dias à Califórnia e ao Texas.

Begin, que será recebido em

19 de Novembro próximo pelo presidente Ronald Reagan, sublinhou à sua chegada a Los Angeles, estar «plenamente confiante» de que as suas conversações em Washington lhe permitirão «resolver certos problemas que surgiram ultimamente entre os Estados Unidos e Israel».

Begin aludia ao sério difrendo israelo-americano a propósito da implantação de colónias judaicas nos territórios árabes ocupados.

O departamento de Estado denunciou, recorda-se em termos de rara dureza, há alguns dias, a decisão israelita de construir mais cinco colónias na Cisjordânia. O departamento indicou em particular que a política de implantações do Governo Begin é contrária ao espírito dos acordos de Camp David.

Certos responsáveis americanos evocaram até, em privado, a possibilidade duma redução do auxílio económico e militar que os Estados Unidos concedessem ao Estado hebreu.

Por outro lado, um alto funcionário israelita que viajava a bordo do avião de Begin declarou-se muito satisfeito por o presidente Reagan haver arreado qualquer possibilidade de

sanções económicas americanas contra Israel, na sua conferência de imprensa de quinta-feira.

Pelo seu lado, o embaixador de Israel nos Estados Unidos, Moshe Arens, desmentiu ontem categoricamente em Los Angeles que os seus interlocutores americanos hajam em algum momento evocado «a utilização do auxílio económico e militar como alavanca política».

Na roda do chefe do Governo israelita admitia-se, porém, que o encontro Begin/Reagan de sexta-feira, próxima poderia ser bastante difícil.

A rejeição por Begin do plano de paz americano, anunciado em 1 de Setembro, passado pelo chefe do executivo, e os obstáculos levantados por Israel à abertura de discussões com o governo libanês, acerca da retirada das forças estrangeiras do Líbano, causaram também tensões entre Washington e Jerusalém.

Durante a sua estada em Los Angeles, e depois em Dalas, Begin avistará-se com ps principais representantes das judias californianas e texanas. Deve além disso, conferenciar com Jerry Falwell, fundador do movimento cristão ultraconservador «Maiorita Moral».

Consequência do diálogo Igreja-Estado

Walesa "tecnicamente lib"

Lei Marcial poderá ser levantada antes do fim

Cinco semanas após a ilegalização do «Solidariedade» e um dia antes de completar onze meses de internamento, o dirigente sindical Lech Walesa terá sido ontem «tecnicamente libertado», segundo a expressão utilizada pelo Ministério polaco do Interior. Contudo, o seu paradeiro ainda não é conhecido, circulando notícias contraditórias sobre o local exacto onde se encontra. No entanto, as autoridades polacas reafirmaram, por diversas vezes, a intenção de libertar Walesa, o que se poderá inscrever num conjunto de medidas tendentes a normalizar a situação na Polónia.

Lech Walesa, líder do sindicato clandestino polaco «Solidariedade», encontra-se «tecnicamente livre» — informou ontem a agência espanhola EFE, citando o Ministério polaco do Interior.

O comandante regional da Polícia de Gdansk, na costa do Báltico, ordenou a libertação de Walesa no seguimento de uma determinação do ministro do Interior, general Czeslaw Kiszczak.

Até ao momento, a Polícia não indicou onde se encontra actualmente Walesa.

Insistentes rumores que circulam em Varsóvia indicam que o líder do «Solidariedade», internado desde a declaração da lei marcial, em 13 de Dezembro, estaria já na capital polaca ou a chegar.

A mesma versão assinala que Walesa, antes de ir para Gdansk onde se juntará à família, passará por Varsóvia para saudar o primaz polaco, arcebispo Josef Glemp.

Outras fontes afirmam que Walesa se dirigiu para Czeszochowa, onde se encontra o santuário de Jasna Goras, a Virgem Negra, patrona da Polónia, e da qual é um fervoroso devoto.

Interrogado a este respeito, o Ministério do Interior disse que «se ele abandonou ou não o local onde se encontrava, em Arlamow, trata-se de uma questão que se liga à sua vida privada».

A notícia foi difundida pela televisão no decurso de uma emissão semanal intitulada «Tribuna do Governo» e essencialmente consagrada às actividades do executivo.

A televisão não deu qualquer esclarecimento acerca das condições em que o dirigente do «Solidariedade» tinha deixado Arlamow.

Entretanto, em Madrid um dos delegados de Varsóvia à Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, indicou que, depois da libertação, Walesa se encontrará com o primeiro-ministro polaco, general Jaruzelski. O embaixador Wlodzimierz acrescentou que a lei marcial instaurada no seu país será levantada antes das festas do Ano Novo, uma vez que houve uma melhoria na situação económica e so-

cial, pressupostos que estiveram na sua origem.

No entanto, em Varsóvia, e respondendo às perguntas de um jornalista da agência «AFP», o porta-voz adjunto do Governo polaco, Henryk Konopacki, declarou não poder confirmar ou desmentir «formalmente» qualquer das declarações. No entanto, sublinhou que, ao princípio da tarde de ontem Lech Walesa não tinha sido ainda libertado, e considerou como pouco provável um encontro entre o dirigente sindical do «Solidariedade» e o primeiro-ministro do Governo de Varsóvia.

Entre a esperança e o silêncio

As reacções à anunciada libertação de Lech Walesa foram recebidas em Washington e no Vaticano como sinais de «esperança» para uma rápida normalização da situação na Polónia.

Um funcionário da Casa Branca declarou ontem que o Governo norte-americano confia em que a anunciada libertação do líder do Solidariedade

dade, Lech Walesa, seja «um indicio de reconciliação entre o Governo e o povo polaco».

Acrescentou que tal reconciliação exige também a suspensão da lei marcial e que outros detidos sejam postos em liberdade.

O funcionário da Casa Branca sublinhou que os Estados Unidos não pensam que a libertação de Walesa estej relaciona com a morte do presidente soviético, Leonid Brejnev, «não vemos qualquer ligação imediata» — acentuou.

Por outro lado, a mesma fonte recusou-se a comentar os efeitos que tal medida poderá ter sobre as sanções decretadas pelos Estados Unidos contra Varsóvia, com a suspensão, há um mês, do estatuto de «nação mais favorecida».

No Vaticano, a notícia da libertação de Walesa foi ontem recebida com satisfação.

Círculos próximos do Papa João Paulo II, contactados pela EFE, declararam que se trata «indubitavelmente de um sinal de boa vontade», devendo contudo aguardar-se as condições dessa libertação.

Contrastando com as opiniões emitidas por Washington e pelo Vaticano, e que encontraram eco na imprensa ocidental, em Moscovo a imprensa soviética observava hoje o maior mutismo sobre a libertação de Walesa.

Com efeito, a Rádio, a Televisão e os jornais da URSS consagraram a quase totalidade das suas informações à morte de Leonid Brejnev e à



Jaruzelski com Glemp: um diálogo difícil

Segue com êxito a missão da

Foi com o impressionante fundo sonoro da música do filme «2001, Odisseia no Espaço», de Stanley Kubrick, que o satélite canadiano «ANIK C-3» subiu ontem lentamente do porão da nave «Columbia».

A tripulação tinha levado uma gravação que transmitiu para o centro espacial de Houston quando filmava a subida do satélite que se guindou pouco tempo depois para uma órbita geostacionária de 36.000 kms de altitude.

«Isto correu bem...sabíamos todos que isto ia correr bem. Dois satélites lançados um atrás do outro...é belo, não é verdade?», rejubilavam os quatro tripulantes

da «Columbia».

«Vocês deram-nos um espectáculo inesquecível. Foi um trabalho perfeito. Vamos beber um copo à vossa saúde», respondia o centro de controlo de Houston.

Os responsáveis da «NASA», consideravam que não tinham qualquer razão de dar o triunfo como modesto. Segundo disse, acabavam de provar ao Mundo por duas vezes seguidas em 24 horas, que a «NASA» estava pronta para assegurar um serviço comercial, regular, fiável e rentável. Na quinta-feira, a «Columbia» já tinha largado um primeiro satélite americano — o «SBS-3» — que se dirige actualmente para uma órbita geoesta-

cionária.

Os meios oficiais da «NASA» esfregavam as mãos de contentamento: acabavam de facturar cerca de 9 milhões de dólares a cada cliente pelo lançamento dos satélites que valem, cada um à volta de 30 milhões de dólares. «Entregamos a mercadoria como combinado. Merecemos ser pagos. Tivemos muitas dores de cabeça por causa disto», repetiam, com um sorriso de vitória nos lábios.

As receitas foram modestas nesta primeira operação comercial. Enquanto um voo da «Columbia» é avaliado em cerca de 250 milhões de dólares. No entanto, os lucros psicológicos

bertado” o fim do ano

um nomeação de Yuri Andropov para o cargo de secretário-geral do PC soviético, bem assim como às mensagens de condolências e às reacções internacionais.

Diálogo Igreja-Estado

A libertação de Walesa deve ser encarada, à luz dos elementos de que se dispõe, como uma consequência do aprofundamento do diálogo entre a Igreja e o Estado polacos. Particularmente difícil, este diálogo, parece que se implementou nas últimas semanas.

Factos indicadores são a marcação da data da visita do Papa João Paulo II à Polónia — Junho do próximo ano de 1983 — bem como as referências de monsenhor Josef Glomp à greve decretada pela estrutura clandestina do Solidariedade para o passado dia 10 de Novembro.

Com efeito, no preciso dia em que três padres eram condenados à prisão por colaborar com o Solidariedade, o primaz polaco demarcou-se da greve convocada dizendo explicitamente que a Igreja «não pode participar num jogo político».

Tudo indica, pois, que, o falhanço da jornada de luta convocada pelo Solidariedade e o aprofundamento do diálogo entre as autoridades eclesásticas e o Poder de Varsóvia estão na base da libertação de Walesa, primeiro passo para a normalização da situação na Polónia.



cl mas frutuoso

a Columbia

foram enormes para o moral dos dirigentes da «NASA», que esperavam este dia desde há cerca de onze anos.

A tripulação será recompensada depois de dois dias de trabalho intenso: terá hoje direito a um dia muito pouco ocupado, em vez de proceder a fastidiosas contagens decrescentes para o lançamento das cargas úteis, transportadas pela nave. Os quatro astronautas poderão fazer turismo e desfrutar o prazer de olhar a Terra lá do alto.

Amanhã os dois especialistas da missão, Joseph Allen e William Leonoir, sairão para o espaço durante mais de três horas.



Breznev no seu leito de morte (Telefoto ANOP/«DL»)

Reacções entre as felicitações e a expectativa

A República Democrática da Alemanha felicitou ontem o novo secretário-geral do Partido Comunista Soviético, Yuri Andropov, enquanto nos outros países de Leste se sucediam as mensagens de condolências pela morte do seu antecessor, Brejnev.

Erich Honecker, chefe do Estado e do partido da RDA, enviou um telegrama a Andropov em que reconhece o «papel dirigente» da União Soviética no movimento comunista mundial e exprime ao novo líder «o alto apreço» em que é tido, como «reconhecido internacionalista» e amigo da Alemanha Democrática.

A agência oficial da RDA, ADN, distribuiu a biografia oficial de Andropov e os textos integrais dos seus discursos e dos de Konstantin Tchernenko, perante o comité central que elegeu o sucessor de Brejnev na chefia do partido soviético.

Na Checoslováquia, a agência noticiosa oficial CTK incluiu, no seu serviço, um resumo do discurso de Andropov, realçando que a sua eleição foi proposta por Tchernenko. «Sabemos muito bem que não é possível pedir a paz aos imperialistas» — é a frase de Andropov que inicia o resumo distribuído pela CTK.

Em Bucareste, a Assembleia Nacional reuniu-se, ontem, para prestar homenagem póstuma ao dirigente soviético desaparecido, e o chefe do Estado romeno, Nicolae Ceausescu, presidiu ontem à noite a uma reunião extraordinária do comité executivo do Partido Comunista.

Ceausescu foi o primeiro dirigente do Leste a anunciar a presença no funeral de Brejnev, ao mesmo tempo que decretava três dias de luto oficial, de 12 a 15 de Novembro, na Roménia.

Em Budapeste, reuniu-se ontem, o Conselho de Ministros e decidiu-se declarar segunda-feira «dia de luto nacional», à semelhança do que aconteceu

na RDA.

Além de Ceausescu, na Europa de Leste confirmaram a sua ida a Moscovo, para assistir ao funeral de Brejnev, o chefe do Estado checoslovaco, Gustav Husak, e o chefe do Governo da Polónia, general Jaruzelski.

Por seu lado, o presidente Ronald Reagan disse ontem, que a transição da direcção da URSS foi efectuada «rapidamente no interesse da ordem».

No decorrer de uma breve troca de palavras com jornalistas, Reagan afirmou que a nomeação de Yuri Andropov para a chefia do partido soviético não foi «grande surpresa para ninguém». «Penso que eles efectuaram uma transição rápida no interesse da ordem», acrescentou.

Como lhe erguntassem se poderia trabalhar com Andropov, respondeu: «Estou seguro que nós poderemos fazê-lo».

A China anunciou ontem a nomeação de Yuri Andropov para a chefia do Partido Comunista da União Soviética, sublinhando as suas declarações em favor da continuação da política do antigo presidente Leonid Brejnev.

Manifestando uma rapidez não habitual, como já acontecera para o anúncio da morte de Brejnev, a agência Nova China relatou a eleição de Andropov apenas algumas horas depois do anúncio oficial em Moscovo.

Em Roma, Enrico Berlinguer, secretário-geral do Partido Comunista Italiano fez votos para que Andropov possa «dar uma contribuição para a causa da Paz no mundo, para o bem estar dos povos da União Soviética e para o desenvolvimento do socialismo», numa mensagem de felicitações.

Em Amã, o rei Hussein da Jordânia sublinhou, em telegrama de felicitações a Andropov, a vontade do seu país em reforçar as relações com a URSS, indica-se de fonte oficial.

Rapidez na eleição de Andropov indica que a sucessão estava estudada

— consideram fontes ocidentais de Moscovo

A rapidez da eleição de Yuri Andropov para o cargo de secretário-geral do PCUS, a próxima sessão do Soviete Supremo, com data marcada para 23 de Novembro, constituem, a par com as reacções internacionais à sucessão de Leonid Brejnev, os principais pontos de análise dos últimos acontecimentos na União Soviética.

A eleição, por unanimidade e sob proposta de Konstantin Tchernenko, de Yuri Andropov, pela sua rapidez, quarenta e oito horas após a morte de Leonid Brejnev, surge aos olhos dos observadores ocidentais em Moscovo, como a confirmação de que a sucessão de Brejnev se encontrava, em vias de regularização, antes do seu desaparecimento.

No entanto, e segundo as mesmas fontes, a recomposição dos cargos de direcção do partido e do Estado soviéticos, será ainda completada pela designação do chefe de Estado, na próxima sessão prevista para 23 de Novembro. Os observadores admitem como provável a eleição de Tchernenko, no que constituiria uma «partilha do poder», apenas temporária, até que um único dirigente acumule as funções de chefe de Estado e do partido, funções desempenhadas por Brejnev.

A confirmar que a sucessão estava já estudada, os observadores referem-se à recente eleição de Andropov para o cargo de secretário do comité central, em 24 de Maio de 1982, como o primeiro indicio do mecanismo de transição. Em relação a uma direcção do Estado e do Partido repartida por vários homens, não se trata, com efeito, de uma solução original, pois em 1971, Brejnev, Podgorny e Kossygin, desempenharam essas funções.

A moderação e a reforma

A moderação e a reforma são dois atributos recentemente conferidos a Andropov, após 15 anos à frente dos serviços de segurança do Estado (KGB). Ainda neste aspecto, e quando da sua eleição para secretário do Comité Central do PCUS, meios informados de Moscovo, incluindo jornalistas da Imprensa soviética, fizeram saber que Andropov se considerava mais vocacionado para um cargo de direcção política, do que para o desempenho de funções de direcção da KGB.

É então que a moderação e a reforma começam a ser referidas. Casos considerados polémicos, como a sua permanência

à frente da Embaixada soviética na Hungria, em 1956, é encarada por comentadores soviéticos como nada tendo a ver com os acontecimentos de Budapeste. As mesmas fontes asseguram que Andropov foi censurado por não ter pressentido os acontecimentos.

No entanto, e apesar de se mostrar adepto do sistema de reformas económicas da Hungria, Andropov é, para a opinião ocidental, o homem que esteve à frente dos serviços de segurança soviéticos durante 15 anos, e a sua atitude em Budapeste é encarada de forma diversa.

Felicitações e expectativa

A eleição de Yuri Andropov recolheu dois tipos de reacção: as felicitações dos Estados socialistas do Leste europeu, e uma certa expectativa pelos países ocidentais.

No seu primeiro discurso, perante o plenário do Comité Central que o acabara de eleger, Andropov, depois de homenagear a acção de Brejnev, referiu-se explicitamente a importantes questões, como a política externa, na linha defendida pelo seu antecessor. A defesa da paz, mediante a implementação do «potencial indestrutível das forças armadas soviéticas a que



Andropov

o dirigente do partido e presidente do Conselho Nacional e de Defesa (Brejnev) dedicava uma permanente atenção no sentido de manter a capacidade de defesa do país ao mais moderno nível», foi defendida por Andropov. Assim, círculos políticos ocidentais não consideram provável qualquer alteração substancial na política externa da União Soviética.

As suas últimas palavras foram particularmente importantes e revelam que, apesar de algumas medidas inovadoras, aliás no seguimento das soluções apontadas pelo 26.º Congresso do PCUS (desenvolvimento económico, social e cultural), Andropov vai seguir a mesma linha de rumo mantida até agora. «O nosso plenário reuniu-se, hoje, para prestar homenagem à memória de Leonid Brejnev e assegurar o prosseguimento da causa à qual ele dedicou a sua vida», concluiu Andropov.

A 'experiência húngara'

A «experiência húngara» que segundo consta suscitou o interesse de Yuri Andropov, ontem eleito secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, caracteriza-se em primeiro lugar pela concretização da mais profunda reforma económica jamais empreendida num país socialista.

Pequeno país de tradição agrícola e sem recursos importantes em matérias-primas, a Hungria escolheu orientar a sua economia para o comércio externo, adaptando as suas unidades agrícolas e industriais às necessidades da economia mundial.

Reforma dos preços, autonomia das empresas, privatização do pequeno comércio, adesão em 1982 ao Fundo Monetário Internacional são outras tantas provas da modificação da economia húngara.

A Hungria que faz metade do seu comércio externo com o Ocidente, tem que pagar as repercussões da crise mundial e aplicar uma política de austeridade. Embora a população húngara seja uma das mais bem abastecidas dos países socialistas, alta dos preços e baixa de poder de compra tornaram-se também para ela um problema diário.

Por outro lado, e a nível político, a dissidência é um fenómeno marginal pela utilização do diálogo e concertação entre as autoridades de Budapeste e círculos contestatários dos meios intelectuais.

Um barqueiro do Volga no Kremlin

Andropov nasceu em 15 de Junho de 1914, em Stravropol, no Cáucaso, filho de um maquinista dos caminhos-de-ferro.

Na sua juventude foi empregado dos telégrafos e barqueiro no Volga.

Depois de ter sido um activo militante da Juventude Comunista, ao mesmo tempo que frequentava a Universidade de Petrozavodsk, ingressou no Partido em 1939.

Dirigiu a Liga da Juventude Comunista, de 1936 a 1944, na região de Yaroslavl e na República Karelo-Finlandesa.

Foi conselheiro e depois embaixador da União Soviética na

Hungria, de 1953 a 1957.

Responsável pelas relações do Partido Comunista da União Soviética com os outros países comunistas, entre 1957 e 1962, foi eleito membro do Comité Central em 1961 e, no ano seguinte, membro do secretariado do Comité Central.

Em 1967, Andropov foi nomeado director do KGB, ao mesmo tempo que era eleito candidato ao politburo do Comité Central, o que constitui uma importante inovação na política soviética.

Ao colocar na direcção do KGB um dirigente político de alto nível, o Partido garantiu a sua

autoridade sobre o aparelho policial.

Em contrapartida, o KGB passou a estar representado no politburo, situação que não se verificava desde a morte de Beria.

A autoridade de Andropov sobre o KGB foi ainda reforçada pelo facto de ter sido também promovido a general do Exército.

A designação de Andropov para a direcção do KGB respondeu à necessidade de restituir prestígio a uma instituição que perdera grande parte do seu crédito quando foram revelados os crimes do estalinismo e que

enfrentava, pela primeira vez, uma vigorosa contestação por parte dos intelectuais dissidentes.

Eleito membro efectivo do politburo em 1973, abandonou o ano passado a direcção do KGB, para integrar o bureau político e o secretariado do Comité Central.

Andropov é geralmente considerado como um dirigente liberal, moderado e pragmático, que prosseguirá certamente a orientação política definida por Brejnev, bem como um profundo conhecedor dos problemas da política internacional.

Novo "round" de negociações com a CEE

Nulo progresso nas reuniões de ontem sobre Agricultura e Assuntos Sociais

Não registaram qualquer progresso, na sexta-feira, em Bruxelas, as negociações de adesão de Portugal à CEE, nos sectores da Agricultura e dos Assuntos Sociais, durante a reunião CEE/Portugal a nível de suplentes informaram fontes do mercado comum.

Do lado português era perceptível uma certa decepção, após o êxito da última reunião ministerial, a 21 de Setembro passado, ter provocado uma vaga de optimismo. Nessa reunião, recorda-se, fora conseguido acordo sobre o regime de autolimitação das exportações portuguesas de têxteis.

Quanto à Agricultura e aos

Assuntos Sociais, a CEE não pode apresentar uma posição comum. No «dossier» sobre Assuntos Sociais, nomeadamente quanto a problema da duração da limitação imposta à livre circulação dos trabalhadores portugueses na CEE, existem os pontos mais quentes das negociações, para os próximos meses.

Segundo meios comunitários, não é, inclusive, certo que a próxima reunião ministerial, prevista para o dia 22 de Novembro, se mantenha nesta data devido à falta de documentos de negociação do lado dos «Dez».

A comunidade ainda não definiu a sua posição sobre a integra-

ção da agricultura portuguesa na política agrícola comum, tanto mais que os 10 continuam a não chegar a acordo sobre a reforma da sua política em matéria de produtos mediterrânicos.

O reequilíbrio das políticas entre o Norte e o Sul da CEE, a protecção dos produtos mediterrânicos e a prevenção dos excedentes, para estes mesmos produtos, são aliás, objecto de um «inventário» do Comissário Europeu, Lorenzo Natali, que devia ser adoptado pela Comissão Europeia nos próximos dias. Este documento sobre o alargamento será discutido pelos chefes de Estado e Governo da CEE na sua próxima cimeira, a 3 e 4 de De-

zembro, em Copenhague.

Portugal, em contrapartida, apresentou um documento sobre a agricultura que refere as preocupações de Lisboa em relação a uma integração demasiado rápida na política agrícola comum, por razões que são inversas às dificuldades encontradas pelos espanhóis, no seu processo de integração.

Portugal, recorda-se, é importador de produtos agrícolas, uma parte importante dos quais provém de países que não são da CEE, e poderia encontrar-se em posição de contribuinte para o orçamento comunitário devido ao jogo das taxas.

Diz revista económica francesa

Milhares de retalhistas portugueses não aguentarão a concorrência provocada pela adesão à CEE

Portugal é particularmente afectado pela crise económica mundial por ter saído de um período de estagnação só em 1974, afirma o semanário económico «MOC» (Moniteur du Commerce International), editado pelo centro francês do comércio exterior.

A agricultura portuguesa tem estruturas arcaicas e continua à espera de uma verdadeira reestruturação, o equipamento industrial é antigo, frequentemente obsoleto, e a produtividade corresponde a um terço da média europeia, refere Frank Gescaud, em reportagem sobre Portugal publicada na edição de ontem daquele semanário.

«Só as grandes empresas, como a Mague ou a Sorefame, poderão suportar um acréscimo da concorrência nos próximos anos, porque a maioria das pequenas e médias empresas não modernizaram os seus equipamentos», sublinha.

Depois de recordar que em 1980, sem contar com as empresas públicas, havia 1311 empresas com participação do Estado. Frank Gescaud diz que o Governo português pretende reprivatizar algumas indústrias e racionalizar alguns sectores,

acrescentando que «os resultados ainda não são visíveis, o que não admira dado o tempo necessário para a concretização das novas soluções».

O «Moniteur du Commerce International» refere, também, que «os circuitos de distribuição possuem estruturas vetustas, atomizadas, demasiado numerosas e pouco organizadas», o que leva à existência de uma multidão de lojas de venda a retalho de bens de consumo corrente.

Acrescenta que Portugal possui 85 mil retalhistas e nove mil grossistas, havendo só no sector de venda de produtos alimentares cerca de 40 mil postos de venda, enquanto a Bélgica, com uma população equivalente, conta com apenas 25 mil.

Depois de evocar os principais indicadores económicos e de prever que o investimento pouco progredirá nos próximos meses, Gescaud afirma que Portugal continua, no entanto, «a beneficiar da confiança dos Bancos estrangeiros, porque efectua pontualmente os seus pagamentos e porque dispõe de importantes reservas de ouro».

Ao referir os pedidos de adesão ao Mercado Comum por

parte de Portugal e da Espanha, diz que Lisboa e Madrid se encontram já empenhadas numa verdadeira guerra económica.

«Pouco protegido face a uma Espanha bem protegida, Portugal regista um desequilíbrio substancial nas trocas. Assim, Portugal recusa conceder licenças de importação para os produtos espanhóis enquanto os bancos espanhóis levaram a cabo uma desvalorização forçada do escudo», escreve Gescaud.

O semanário refere que os investimentos estrangeiros em Portugal atingem o montante de 882 milhões de dólares, 15 por cento dos quais, no valor de 136 milhões de dólares, são investimentos franceses.

Depois de referir os condicionamentos ao investimento estrangeiro e de afirmar que o mercado português permanece aberto, apesar das restrições devidas ao défice da balança comercial, Gescaud conclui que «a indústria portuguesa exige um esforço particular no domínio do investimento, que pode ser rendível em numerosos sectores, para os investidores estrangeiros».

Prioridade à produção nacional defendida por Vítor Constâncio

«A contenção da despesa interna e dos movimentos especulativos e a prioridade ao consumo de bens de produção nacional são saídas possíveis para a crise, disse, em Coimbra, a cerca de 50 empresários das Beiras o economista Vítor Constâncio.

Este antigo ministro das Finanças e dirigente do Partido Socialista falava no primeiro de uma série de encontros sobre problemas sectoriais, presidido por Mendes Silva, candidato do PS à presidência da Câmara de Coimbra.

Na perspectiva do desenvolvimento de Portugal, Vítor Constâncio garantiu que os agentes económicos, incluindo os empresários devem tentar ultrapassar as dificuldades dos próximos tempos evitando regimes de conflito procurando a via do consenso.

Sem anunciar nenhuma situação catastrófica, Vítor Constâncio previu que os dois próximos anos vão exigir a diminuição da dívida externa, «para o que não existe grande margem de manobra».

Melhores condições de crédito para Moçambique

Portugal vai melhorar as condições de utilização e amortização duma linha de crédito de 125 milhões de dólares, aberta há cerca de um ano a favor de Moçambique, disseram à ANOP fontes financeiras locais do Maputo.

O assunto será discutido a partir do dia 22 na capital moçambicana por uma missão chefiada por um dos vice-governadores do Banco de Portugal, Vaz Pinto, e de que também faz parte o presidente do Instituto do Comércio Externo, Leite de Araújo.

As conversações com as autoridades moçambicanas serão alargadas a outros assuntos das relações económicas entre os dois países, nomeadamente o projecto de criação de uma empresa mista «trading».

Primeira reunião

depois do Congresso Extraordinário

Resolução do Comité Central aponta para a planificação

O mais importante documento produzido após o golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980 (ou «Movimento Regenerador», na terminologia local) foi a Resolução da primeira reunião do Comité Central, eleito no Congresso Extraordinário do PAIGC que elegeu Nino Vieira como secretário-geral e Vasco Cabral como secretário permanente do Comité Central.

Nessa reunião foi constituída a Comissão Económica do partido, que tem o Primeiro-Ministro, Vítor Saúde Maria, como presidente, Vasco Cabral como vice-presidente, e, como membros, Paulo Correia, Samba Lamine Mané, Carlos Correia, Manuel dos Santos, Vítor Monteiro e Luis Sanca.

O ponto IV da Resolução Geral aborda os problemas económicos, na óptica da economia planificada, decidindo o que segue:

«Considerando que a planificação é a pedra angular para a construção de uma economia nacional independente, para o desenvolvimento harmonioso dos nossos recursos e melhor aproveitamento das nossas potencialidades materiais e humanas; considerando que está já em elaboração, o 1.º Plano Quadrienal de Desenvolvimento 1983/86; o Comité Central apela a todos os órgãos dirigentes do partido, aos seus responsáveis e militantes, aos organismos do Estado e à população em geral para que se conjuguem os esforços no sentido da realização com sucesso do nosso 1.º Plano Quadrienal de Desenvolvimento.»

Comércio e agricultura

Atendendo a que a melhoria das condições de vida do nosso povo é um objectivo prioritário, e particularmente a das massas camponesas, de modo a que se chegue a uma cada vez mais justa e salutar distribuição dos rendimentos e à satisfação gradual das suas necessidades essenciais, o Comité Central recomenda à sua Comissão Económica o estudo dos seguintes problemas:

— Reestruturação do sector comercial de forma a retribuir ao camponês a sua produção, em mercadorias e serviços, para que haja uma efectiva dinamização do sector agro-pecuário em que a componente comercialização está ainda muito abaixo do mínimo necessário;

— A melhor forma de utilização dos investimentos no sector agrícola, incluindo as possibilidades de desenvolvimento da agricultura privada, sobretudo no domínio da pequena e média exploração, com vista a um alargamento e melhoria do mercado interno e para que as culturas de exportação daí resultantes possam atingir padrões de qualidade necessários ao comércio internacional;

— Criação de um sistema de crédito agrícola que beneficie altamente o camponês e que facilite o aumento da produção e a sua diversificação.

Situação sectorial

● AGRICULTURA

Produção baixíssima proveniente quase exclusivamente da agricultura popular, especialmente cereais para consumo interno e oleaginosas para exportação. Ao mesmo tempo, pode-se constatar um nível também muito baixo na recolha de outros produtos agrícolas, como o coconote, cera real, etc., também exportáveis.

● COMÉRCIO

Este sector constitui seguramente o elo mais fraco na cadeia do nosso desenvolvimento agrícola, já que a comercialização dos produtos hortícolas, como factor de dinamização da produção agrícola, falhou rotundamente. Deve-se dizer que uma parte apreciável dos produtos importados pelo País não são utilizados nos devidos circuitos de comercialização com as consequências nefastas para a nossa economia que todos conhecem. Além disso, acresce que compramos caro, que nem sempre vendemos ao melhor preço, que uma parte da nossa produção exportável é penalizada pela sua má qualidade (problemas de stocagem e outros).

● PESCA

A situação neste sector, que poderia ser um dos principais, senão o principal angariador de divisas do País, encontra-se de facto num estado lamentável; a pesca industrial não tem contribuído em nada para a balança comercial e no mercado interno não há peixe, num país como o nosso, rico em recursos haliéuticos. Os projectos de pesca artesanal ainda não atingiram dimensões que pesem no quadro económico do País.

● RECURSOS NATURAIS

A Guiné possui boas possibilidades, mas parece-nos muito optimista contar com esses recursos a curto prazo, não nos parecendo possível apontar para horizontes aquém dos próximos cinco anos, no sentido de contar com os nossos recursos naturais como geradores de capitais para o desenvolvimento e mesmo de divisas destinadas ao consumo imediato.

● BALANÇA DE PAGAMENTOS

Cronicamente deficitária em vários milhões de dólares. A não se tomarem providências imediatas, ver-nos-emos confrontados a breve trecho com sérias dificuldades para salvar os nossos compromissos financeiros no que diz respeito à dívida externa.

● ORÇAMENTO

Orçamento deficitário em cerca de 50%. O défice orçamental tem sido coberto com emissões de moeda com todas as consequências negativas que daí decorrem. É de notar que as despesas actuais do Estado são dificilmente (diríamos quase impossível) comprimíveis.

(Passagens do Relatório do Presidente Nino Vieira à reunião do Conselho Económico)

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO ANÚNCIO

Faz-se público que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o Concurso Público seguinte:

Concurso Público n.º	Aquisição de:	Caução	Abertura de propostas	
			DATA	HORA
3/82-L	Reagentes e Produtos p.a. L.A.C.	5 000\$00	9.12.82	10 HORAS

As propostas devem ser entregues nos Serviços de Aprovisionamento até às 9 horas e 30 minutos do mesmo dia.

O respectivo caderno de encargos pode ser consultado nestes Serviços, todos os dias úteis das 9 às 12,30 e das 14 às 17,30 horas.

Coimbra, 8 de Novembro de 1982

A Directora dos Serviços de Aprovisionamento
(Dr.ª Ana Maria Sequeira Mendes Pires Manso)

Guiné-Bissau: dois anos depois do Golpe

Quadro sombrio mas não irreparável

«Chegámos ao momento em que, ou fazemos as reformas necessárias ou caminharemos para o desastre total e a nossa geração carregará a pesada responsabilidade histórica de fazer fracassar a obra de Cabral» — disse o presidente da Guiné-Bissau, Nino Vieira, no encerramento da reunião do Conselho Económico, que aprovou um Programa de Estabilização da Economia e deu o impulso final ao Plano Quadrienal de Desenvolvimento para o período 1983/86, o primeiro a ser aplicado na Guiné-Bissau.

Esta é a perspectiva oferecida aos responsáveis políticos e económicos da Guiné-Bissau, dois anos depois do golpe de Estado (designado oficialmente como «Movimento Regenerador») e cujo segundo aniversário se comemora amanhã.

O presidente guineense já tinha caracterizado a situação no Congresso Extraordinário do PAIGC como um «quadro muito sombrio mas não irreparável». Mais recentemente, ao encerrar o Conselho Económico, em 6 de Outubro último, fez um duro retrato da realidade, que só foi publicado pelo único jornal local, o «Nô Pintcha» a 23 de Outubro e disse que a agricultura continua a caracterizar-se «por um nível muito baixo de produção e recolha de produtos», o comércio «falhou redondamente no seu papel de dinamizador da produção agrícola» e que as pescas, de onde poderia resultar uma boa fonte de divisas se encontram «num estado lamentável».

Com efeito, o Movimento de 14 de Novembro criou, pelo menos, novas condições para o desbloqueamento da situação, sobretudo para a discussão aberta das políticas necessárias para sair do impasse a que uma errada política económica conduziu o país, depois da independência e sob o leme de Luís Cabral.

Os erros depois da independência

Entre os principais erros económicos cometidos depois da independência conta-se a implantação de infra-estruturas, industriais desadequadas ao país e sem rentabilidade assegurada, o desenvolvimento das zonas urbanas em detrimento do sector primário agrícola, com os consequentes êxodos populacionais para as cidades, o nepotismo na superestrutura do comércio e das principais empresas, com os cargos mais importantes e remuneradores entregues a familiares directos ou indirectos do presidente deposto pelo golpe. Eles foram, na altura, considerados como razão objectiva para o descontentamento dos militares e da população.

O apoio generalizado de praticamente todos os sectores sociais a Nino Vieira foi, assim, contestável. Mas por razões de ordem interna — como a necessidade de refazer a estrutura agri-

O Plano Quadrienal de Desenvolvimento (já em preparação no consulado de Luís Cabral) entra em fase final de elaboração com aplicação prevista para 1983/86. Execução da política económica controlada por Vítor Freire Monteiro (ministro das Finanças e do Plano), Vasco Cabral detém apenas a supervisão através do seu cargo no partido (vice-presidente da Comissão Económica).

Nino Vieira, actual presidente guineense

cola e industrial quase de novo — e de ordem externa, como as subidas do preço do petróleo, dos juros dos empréstimos internacionais e a degradação dos termos de troca que atingem em cheio o Terceiro Mundo produtor de matérias-primas, as condições económicas globais, assim como o nível de vida e os abastecimentos não melhoraram e o país continua a atravessar um período extremamente difícil.

A indefinição do poder político atrasou também o processo de reestruturação económica só



começando a situação a esclarecer-se com a formação do Governo chefiado por Vítor Saude Maria e cuja característica principal assenta na exclusão de Vasco Cabral, que passou a tempo inteiro para o aparelho do Partido, onde é secretário permanente do Comité Central e vice-presidente da Comissão Económica.

O superministro das Finanças e do Plano é agora Vítor Freire Monteiro que na altura do golpe de Estado era governador do banco central.

Traçadas as regras para a economia

Foi no mês de Julho deste ano que se começaram a conhecer as primeiras pistas, com alguma base teórica, sobre as intenções dos novos governantes e a estratégia de desenvolvimento da nova correlação de forças saída do golpe de Estado. Só então (de 30 de Junho a 6 de Julho) reuniu pela primeira vez o Comité Central eleito no Congresso Extraordinário do PAIGC, vindo a ser aprovado um documento normativo sobre a preparação do I Plano Quadrienal de Desenvolvimento e votada uma resolução que considerou «a planificação como pedra angular para a construção de uma economia nacional independente e para o desenvolvimento harmonioso e o aproveitamento dos recursos naturais».

A preparação do Plano, cujos trabalhos haviam sido iniciados ainda durante a presidência de Luís Cabral, foi a partir daí acelerada para entrar em vigor no ini-

cio do próximo ano e com período fixado de aplicação até 1986.

Também em função das resoluções do Comité Central se reuniu o Conselho Económico, formado pelos principais ministérios ligados à produção e ao comércio pelas empresas públicas e técnicos dos diversos domínios da economia e das finanças. Essa reunião decorreu de 29 de Setembro a 6 de Outubro, e aprovou um Programa de Estabilização Económica em que são fixadas as regras para o funcionamento das empresas, para o investimento estrangeiro, a política orçamental, monetária e cambial, a política salarial e avançou com orientações para ser renegociada a dívida externa, atrair a ajuda internacional e fazer participar os principais parceiros da Guiné no desenvolvimento do país, nomeadamente pela formação de empresas mistas.

Maior aproximação económica a Portugal

Quer durante este Conselho Económico, quer depois durante a visita de Luís Fontoura, secretário de Estado para a Cooperação, resultou uma nítida vontade dos responsáveis guineenses para uma mais íntima aproximação a Portugal, especialmente, nos sectores económicos em que os dois países possam vir a tirar recíprocas vantagens.

O perdão da dívida actual, ou a sua renegociação para prazos mais dilatados de pagamento, foram claramente colocados a Luís Fontoura sendo provável que voltem a ser discutidos quando o próprio chefe do Executivo, Francisco Balsemão, se deslocar a Bissau em visita oficial para que já foi convidado.

Com a marcação da visita do Presidente Eanes à Guiné-Bissau, a segunda depois da independência daquela antiga colónia, para o princípio de Dezembro, é crível que este desejo de relações económicas mais estreitas entre Portugal e a Guiné-Bissau conheça novas forças para se transformar em realidade.

Para já de que se tenha conhecimento, foi proposto ao nosso país a participação em empresas mistas de pesca e numa empresa de produção, tratamento e exportação de caju, que teria como parceiros portugueses as cervejeiras já associadas na única fábrica de cerveja existente no país.

Daniel Reis



As regras do comércio

O Estado continua a cobrir as áreas exclusivas do comércio externo (importação e exportação), grossista e armazenagem central e regional.

... Ao comércio privado só foi aberto o acesso à rede secundária de comercialização, a partir dos armazéns regionais, para circulação e distribuição de mercadorias até ao consumidor e condução da produção agrícola até aos armazéns regionais.

... O comércio externo deverá ser assegurado por uma empresa pública (trading) de importação e exportação.

... Os Armazéns do Povo não foram destruídos: continuam como empresa pública de comércio interno, constituindo a estrutura primária de comercialização.

... No início da campanha agrícola prevê-se a entrega rateada de produtos importados ao comércio privado, proporcional à recolha da produção agrícola para exportação realizada por cada comerciante.

... O comércio privado poderá ser autorizado a exportar produtos não tradicionais atribuindo-se-lhe uma quota de importação proporcional às divisas garantidas por essas exportações.

Pedido a Portugal

Perdão da dívida e ajuda maciça em bens de consumo

«Pensamos que Portugal pode e deve fazer mais para a Guiné-Bissau: a própria história aponta para isso» — escrevia o jornal «Nô Pintcha», no passado dia 23 de Outubro, em editorial que reclama o esquecimento das dívidas guineenses ao nosso país e a ajuda maciça em bens de consumo e bens intermeditários.

O referido artigo, publicado no jornal oficial do Ministério da Informação, quando da visita de Luís Fontoura, alude ainda, embora vagamente, à possibilidade da constituição de uma «zona escudo» susceptível de fazer frente à zona do franco que abrange praticamente toda a África Ocidental, de língua francesa.

Pelo interesse que nos parece ressaltar desta posição oficiosa

guineense, transcrevemos as partes substanciais do artigo do jornal «Nô Pintcha»:

«Se é certo dizer que a independência não se resume ao içar da Bandeira Nacional, também é justo frisar que a descolonização não termina com o arrear da bandeira do ocupante. Portugal tem responsabilidades históricas perante o desenvolvimento socioeconómico da Guiné-Bissau. A posição dos dois parceiros perante a herança colonial é diferente. Por ironia da história, nós que nada beneficiamos com o colonialismo, (pelo contrário), somos condenados geográfica e socialmente a ter que arcar com o peso das consequências coloniais. Por outro lado, Portugal que tudo beneficiou (única justificação real da presença

colonial) pode dar-se no luxo de esquecer esse passado. Estamos esperançados que a classe política portuguesa não se deixará cair nessa armadilha. Isto quer dizer que a Guiné-Bissau não pode ser vista pelos governantes portugueses como mais um país a cooperar. As relações têm que ser preferenciais e como é lógico dado a diferença abismal entre as duas economias, o benefício de momento terá que pender para o nosso lado. O benefício mútuo e em pé de igualdade, a ser aplicado, redundará neste caso em autêntica injustiça.

A nossa economia necessita, para sair da situação difícil em que se encontra, duma ajuda maciça que permita investir em vários sectores

duma forma rentável e criar assim infra-estruturas necessárias a uma dinâmica desenvolvimentista. Portugal, apesar dos seus problemas tem condições para nos ajudar. Mas terá que ser uma ajuda com reembolso a longo prazo, caso contrário será difícil o processo de acumulação.

Essa ajuda deverá recair sobretudo no sector comercial, isto é, no envio de bens de consumo e intermeditários, de modo a podermos reconstituir os stocks comerciais.

Não esqueçamos que no nosso país os bens de consumo exercem o papel de bens de investimento. A reposição do stock irá incentivar a produção agrícola, aumentando deste modo a nossa exportação, já que a fuga para os países limítrofes (zona franco)

sofreria uma grande quebra. O aumento de exportação de matérias-primas e semi-acabados exercerá de certo o papel de arrasto na nossa economia.

Portugueses bem-vindos

Em termos práticos, o que se propõe é muito menos aquilo que a França dá aos seus parceiros africanos cobrindo-lhes monetariamente. Confundir essa forma de ajuda com o neocolonialismo é um erro de miopia histórica.

Em conclusão, Portugal terá que fazer uma análise realista «esquecendo» de momento as nossas dívidas e decidir a ajudar-nos maciçamente de modo a permitir a criação duma dinâmica económica que decerto irá aumentar o

mercado do produto português evitando o estrangulamento previsível das pequenas unidades fabris portuguesas que poucas hipóteses têm frente aos colossos monopolistas ou oligopolistas do Mercado Comum Europeu.

Após a última reunião do Conselho Económico, Guiné-Bissau encontra-se mais aberta a investimentos do capital estrangeiro em áreas onde será possível valorizar a nossa matéria-prima, tornando-a exportável. Aquilo igualmente a presença portuguesa é bem-vinda.

Que pensarão os portugueses de tudo isso? Será o limiar duma zona escudo à semelhança da zona franco, o nosso grande e verdadeiro adversário?

exclusivo

Insurreição cultural

□ António Marques

■ G.S.A.L.

NICARÁGUA (3)



INSURREIÇÃO é já palavra do património cultural do povo nicaraguense. Depois da insurreição armada, continua hoje a insurreição cultural. Falar com um nicaraguense, qualquer que seja a sua situação social, é quase sempre falar da sua experiência na luta, falar da sua participação em projectos colectivos, das suas memórias — é inevitável a referência à Campanha Nacional de Alfabetização — CNA. Naturalmente as grandes agências de informação não nos deram a verdadeira dimensão da campanha, não fosse a doença contagiosa alastrar por toda a América Latina, pelo Terceiro Mundo («como na guerra, o povo ensinou o povo, libertou o povo»).

No passado 7 de Setembro — Dia Internacional da Alfabetização — dizia o director-geral da Educação de Adultos, Mercier Marques, que em Portugal só 59 por cento das verbas previstas para o período 80/83 tinham sido concedidas, que a nossa taxa de analfabetismo ultrapassa os 20%.

É evidente que as comparações entre Portugal e a Nicarágua não são possíveis, mas não devemos esquecer estes dados para melhor reconhecer o esforço da Revolução Popular Sandinista em levar a efeito esta realização num país empobrecido, saqueado e destruído — nunca é demais lembrá-lo — pela ditadura somozista. Cito um extracto do muito que se escreveu na Nicarágua sobre a CNA, também conhecida como a Segunda Guerra de Libertação: «Em 24 de Março de 1980, uma enorme quantidade de jovens subiram as montanhas da Nicarágua, espalharam-se pelos campos, chegaram às localidades. Nos bairros mobilizaram-se as donas de casa e os trabalhadores. Iam alfabetizar — cumpriam o mandato do herói nacional Carlos Fonseca Amador, comandante em chefe da Revolução e fundador

da FSLN.»

Cinco meses depois, a 23 de Agosto de 1980 mais de 500 mil nicaraguenses recebiam em Manágua, com entusiasmo e alegria, os 95 mil combatentes do novo exército vencedor — os alfabetizadores. Nestes 150 dias combateu-se a ignorância de séculos — 406.056 nicaraguenses tinham aprendido a ler e a escrever. A taxa de analfabetismo desceu, de 50,35% para 12,96% — uma das mais baixas da América Latina. Um ano antes, todo o povo estava unido na insurreição contra o tirano Somoza, durante a CNA havia uma só vontade: «Heróis e Mártires pela libertação da Nicarágua.»

A CNA

Mas o regresso dos alfabetizadores não significou o fim da CNA. Alguns dos membros da Juventude Sandinista ficaram entre os recém-alfabetizados, para, numa segunda etapa, lhes criarem hábitos de leitura e a vontade de continuarem a estudar. Antes de se retirarem, deixaram formados os C.E.P. — Colectivos de Educação Popular — com um promotor e um coordenador pedagógico, que passaram a dar apoio a milhares de camponeses recém-alfabetizados. Consolidou-se uma escola permanente, um país em permanente revolução. Os CEP são verdadeiros focos de irradiação cultural — o alfabetizado de hoje é o alfabetizador de amanhã, a garantia de que o povo continua a ensinar o povo.

Matagalpa foi um dos municípios que visitei durante o passado mês de Agosto no 2.º aniversário da CNA. Aí pude verificar o avanço político e pedagógico conseguido com o apoio de promotores e coordenadores, apesar das dificuldades — que não escondem, sobretudo devido ao baixo nível de escolaridade — mas que a pouco e pouco vão sendo superadas.

No 1.º semestre de 1981 lan-

çou-se o primeiro nível em que, a par da alfabetização permanente, se começa a dar um apoio sistemático ao alfabetizador na área pedagógica. O programa vai-se desenvolvendo, e o 2.º nível é atingido no 2.º semestre de 1982 — quando nasce uma nova modalidade de organização — os CEP mistos, onde pas-

sam a ser atendidos os dois níveis, foi sobretudo a escassez de coordenadores e a existência de poucos alunos de determinado nível, e, em alguns casos, as grandes distâncias a percorrer — onde só o barco ou o burro funcionam como meios de transporte — que levaram a criação destes CEP mistos.

	1978	79-80	80-81	82	
EDUC. PRÉ-ESCOLAR	9 000	18 292	30 524	41 215	
EDUC. PRIMÁRIA	369 640	430 865	503 497	530 000	
EDUC. MÉDIA	98 874	104 741	139 743	151 012	
EDUC. SUPERIOR	23 791	22 653	34 710	33 702	
EDUC. ESPECIAL	355	1 539	1 430	1 587	
TOTAIS	501 660	678 090	877 756	1 000 103	
EDUCAÇÃO ADULTOS					
TAXA DE ANALFABET.		1979	1980	1981	82
N.º DE ALFABETIZADOS	50,35%		12,96%	12,07%	
N.º DE ALFABETIZADORES	100 000		406 056	105 827	101 271
			90 000		613 154

Mas Alfabetização e Educação Popular não foram nem são, para o Governo, sinónimos de só ensinar a ler e a escrever. De entre os objectivos da cruzada podem destacar-se:

1. Levar o povo a conhecer a sua história, a sua realidade, para mais conscientemente participar no processo revolucionário.

2. A participação dos jovens, tal como durante a insurreição, permite-lhes viver a dura realidade dos camponeses, o que faz deles homens e mulheres preparados para a transformação das condições socioeconómicas em que o povo vive.

3. Fazer a recuperação da história oral da guerra de libertação, recolha de lendas e canções populares, fazer escavações arqueológicas e transmissões de conceitos básicos de saúde e medicina preventiva.

4. Unir a Costa Atlântica com a do Pacífico, zonas tradicionalmente separadas. A cruzada fez-se também nas línguas misto, sumo e inglês. Foram alfabetizados 12.500 habitantes da Costa Atlântica nos respectivos idiomas.

Mas alfabetizar foi o primeiro passo de todo um processo de transformação de valores culturais. «Depois do primeiro passo, jamais pararemos de andar» — Diz o ministro da Cultura e poeta, padre Ernesto Cardenal, na conferência mundial sobre políticas culturais, realizada no México em Agosto de 1982: «Falando de democracia cultural, não podemos deixar de falar daquilo para onde ela se encaminha: a criação do homem novo... E para nós o homem novo são também as crianças, não existirá um homem novo sem crianças novas. Revo-

lução é imaginação e criatividade. Com a imaginação está no poder — que é onde deve estar... Uma vez vários batalhões de Somoza crivaram uma casa de balas, durante várias horas lutaram contra o que pensavam ser um grupo de guerrilheiros... era apenas um guerrilheiro que morreu serenamente. Agora as crianças crivaram a mesma casa mas de flores. Gloriosa marcha de 8 mil homens foi bombardeada por Somoza. Agora jovens e crianças fizeram o mesmo percurso — os aviões bombardearam com flores...»

Mas se a transformação do homem não é traduzível em números, é-o a expansão escolar. Estes são os números, sem comentários, fornecidos pelo ME em Julho de 1982.

É evidente que o ensino passou a ser gratuito e foram construídas escolas sobretudo fora dos centros urbanos. Mas a insurreição cultural chegou a vários campos, as raízes alastraram: foram criados 24 Centros Populares de Cultura (CPC), que impulsionam o desenvolvimento artístico e cultural do país. Estes CPC contam com 41 instrutores e 46 promotores culturais. O Instituto de Cinema, para além da elaboração de vários documentários e um filme de longa metragem, impulsionou o cinema móvel. Há uma carrinha que viaja pelo país e as películas são apresentadas gratuitamente.

A cerca de 9000 exhibições assistiram 2.247.251 espectadores.

As bibliotecas populares, as escolas de música e dança, as artes, as escolas de artesanato e o desporto são outras actividades por onde passa a insurreição cultural...



A campanha de alfabetização

DESPORTO

ponça esquerda



Gomes: «certamente vão rectificar a classificação»

Gomes esquecido no "France Football"

O semanário «France Football», que atribui anualmente a «Bota de Ouro» ao melhor goleador do futebol europeu, ignorou esta semana pela segunda vez consecutiva os melhores marcadores do campeonato português. Na lista dos 57 principais goleadores desta temporada, o semanário francês não incluiu nenhum futebolista português, apesar de Gomes (FC Porto) e Nhabela (Rio Ave) terem marcado golos suficientes para ocuparem posições de destaque. Gomes, autor de dez golos em oito jogos, deveria ser o 19.º colocado, à frente de um grupo de 11 futebolistas também com dez tentos, mas em maior número de partidas. A Nhabela corresponderia a 31.ª posição, como primeiro dos 11 jogadores que já apontaram esta temporada nove golos.

A corrida à «Bota de Ouro» (como lhe chama o «France Football») — é comandada pelo dinamarquês Jacques (Vejle), com 20 golos em 29 jogos, seguido dos seus compatriotas Francker (B 93) com 16-29 e Laudrup (Brøndby) com 15-29. O holandês Wim Kieft (Ajax de Amsterdão), que esta semana recebeu em Paris a «Bota de Ouro-82» por ter sido o melhor goleador europeu na época anterior, também não se encontra entre os melhores 57 jogadores desta temporada.

Eusébio (por duas vezes) e o argentino Yazalde (quando representava o Sporting) têm os seus nomes na lista dos vencedores deste prémio.

A presença de 12 futebolistas dinamarqueses, noruegueses e suecos entre os 15 primeiros da lista justifica-se pelo facto de os campeonatos nacionais nórdicos se encontrarem na fase final, ou mesmo já concluídos como acontece na Suécia.

O primeiro dos goleadores dos restantes países europeus é um avançado do Dynamo de Berlim (Riediger) em 8.º lugar, com 14 tentos em dez partidas, tendo ascendido a essa posição no último fim-de-semana ao apontar três dos quatro golos da vitória do líder do campeonato da RDA sobre o Bohemien. Seguem-se o holandês Koelhof (PSV), em 10.º com 13 golos em 13 jogos, e o romeno Grosu (Aradea) em 15.º com 12-14.

O holandês Peter Houtman (que, em 1981, esteve quase a ingressar no Benfica e joga agora no Feyenoord) é o 3.º entre os goleadores não nórdicos (com 11-13) seguido do «internacional» polaco Szarmach, que representa o Auxerre (França), com 11-14. Gomes e Nhabela, se fizessem parte da lista, seriam (além de Riediger) os únicos com média superior a um golo por jogo. Koelhof (13-13) e Andrich (Vorwaerts, RDA) com 10-10 têm média de um tento por partida.

Entretanto, no prémio atribuído pelo «France Football» à «melhor equipa europeia do ano», regista-se a presença do Benfica no grupo dos 10.ºs classificados, com quatro pontos contra sete do comandante isolado, o Bayern de Munique (RFA). O Benfica, que conquistou esta semana mais um ponto por ter-se qualificado na «Taça UEFA», ante o Lokeren, com uma vitória (2-1), é uma das cinco equipas que averbaram apenas êxitos nas quatro jornadas europeias da temporada, tal como o Waterschei (Bélgica), na «Taça das Taças» e Servette de Genebra (Suíça), o Spartak de Moscovo (URSS) e o Kaiserslautern (RFA), na «Taça UEFA».

O FC Zurique (adversário do Benfica na próxima eliminatória da «Taça UEFA») também mereceu um ponto pela sua boa semana com triunfos sobre o Farense (1-0), na sua competição, e sobre o Neuchâtel (3-2), no campeonato.

O Bayern, que obteve dois pontos pelos triunfos sobre o Tottenham (4-1) e Hertha de Berlim (3-1), comanda a classificação com um ponto de vantagem sobre o Hamburgo (também da RFA), e o Bordeus (França). O Liverpool, comandante do campeonato inglês e vencedor deste prémio na temporada anterior, comanda o grupo dos quartos classificados (cinco pontos) que inclui Standard de Liège (Bélgica), Celtic (Escócia), Paris Saint Germain (França), Grasshoppers (Suíça) e Juventus (Itália). Do grupo do Benfica (com 4 pontos), fazem parte o Aberdeen (Escócia), Real Madrid e Barcelona (Espanha), Nantes (França), Manchester United (Inglaterra), Roda (Holanda) e Roma (Itália).

Rui Abreu: saudade coimbrã

Rui Abreu, o nadador português recentemente falecido nos Estados Unidos, vai ter uma placa de homenagem a título póstumo nas piscinas municipais de Coimbra, terra onde viveu durante alguns anos e teve momentos de glória. A iniciativa é da edilidade coimbrã, cujo executivo aprovou por unanimidade uma proposta do vereador Santos Martins. Durante a reunião foi ainda aprovado que se formulasse à família um voto de pesar pelo trágico acontecimento.

Colômbia: renúncia oficial ao Mundial de Futebol

A Federação Colombiana de Futebol comunicou oficialmente a sua recusa em organizar a fase final do campeonato do Mundo de futebol de 1986. O presidente da Federação (Leon Londono) em telegrama endereçado à FIFA, afirmou que a decisão se prende com a recusa do governo colombiano em apoiar a organização.

Benfica-Porto empolgante

Luz: serenata à chuva

Prosseguem os torneios nacionais de futebol, neste fim-de-semana que promete água e, muito especialmente para o Estádio da Luz, para o Benfica — Porto, quase garante uma serenata à chuva.

Para o escalão principal já hoje se disputam dois jogos: Boavista — Portimonense (15 horas) e Estoril — Rio Ave (15 e 30). Para amanhã, pelas 15, os restantes: Guimarães — Marítimo, Salgueiros — Amora, Setúbal — Alcobaca, Varzim — Braga e os sensacionais Espinho — Sporting (no palco de S. João da Madeira) e Benfica — Porto.

Por seu lado, roda também a jornada sete do torneio da 2.ª divisão, com os seguintes jogos nortenhos: Gil Vicente — Feirense; Riopele — Sanjoanense; Chaves — Valonguense; Penafiel — Leça; P. Ferreira — Lourosa; Leixões — Valdevez; Vizela — Bragança e Oliveirense — Famacão.

Zona Centro: Estarreja — Agueda; Nazarenos — Anadia; Académico — Torreense; U. Leiria — B.C. Branco; A. Viseu — Rio Maior; O Bairro — U. Coimbra; Beira-Mar — E. Portalegre e Covilhã — Peniche. Zona Sul: Atlético — U. Madeira; V. Gama — Juventude; Farense — Odivelas; Qui-

migal — Sacavenense; Cova da Piedade — Barreirense; Lusitano — Olhanense; Nacional — «O Elvas» e Sesimbra — Belenenses.

No que diz respeito à divisão 3, a quinta jornada começa hoje, com a realização dos encontros: Coelima — Cabeceirense (Série A) e Estrela da Amadora — Santa Clara (ambos às 15 horas) e Olivais e Moscavide — Tires (Série) às 15 e 30 e e Campinense — Quarteirense (Série F), às 15 horas. Para amanhã, às 15 horas, na série A: Macedo de Cavaleiros; Moreirense, Ponte da Barca — Merelinense, Neves — Valenciano, São Martinho — Aves, Monção — Limianos, Fafe — Vianense, Coelima — Cabeceirense e Felgueiras — Mirandela. Série B: Esmoriz — Ribeirão, Lamego — Paredes, Tirsense — Lixa, União de Lamas — Valadares, Amarante — José Alves, Vilanovaense — Marco, Infesta — Vila Real e Ermesinde — Paços de Brandão. Série C: Naval 1.º de Maio — Poiares, Seia — Tondela, Esperança — Mangualde, Guarda — Viseu e Benfica, Mealhada — Lusitana de Vildemoinhos, Penalva do Castelo — Barco, Ovarense — São Romão e Alcains — Quaios. Série D: Portalegrense — Atouguense, Caldas — Pombal, Marinha — União de Tomar, Almeirim

— Marinhais, Torres Novas — União de Santarém, Alferrarede — Marinhense, Alvaiázere — Bombarralense e Cartaxo — Nisa.

Série E: Campomaiorense — Cacém, Oliveirense — Lusitânia, Coruchense — Vilafranquense, Pêro Pinheiro — Sintrense, Vialonga — Olivais, Oriental — Montijo, Amadora — Santa Clara e Olivais e Moscavide — Tires. Série F: Louletano — Esperança de Lagos, Alvorense — Silves, Seixal — Pescadores, Estrela — Almada, Trafaria — Desportar, Santiago de Cacém — Comércio e Indústria, Campinense — Quarteirense e Moitense — Lusitano de Vila Real de Santo António.

Pedroto voltou

José Maria Pedroto voltou de Londres e já está a convalescer na sua vivenda no Porto. Não vai à Luz ver o embate de amanhã, mas (conforme acentua) ficará «ouvidos colados ao transistor».

Luz na Luz

Festa preparada para 1 de Dezembro Benfica-PSV (Novo sistema de luz eléctrica no Estádio da Luz).

Itália-Cecoslováquia

A Itália (campeã do mundo em futebol), defronta hoje, em Milão, a selecção da Checoslováquia, em encontro do Grupo V do Campeonato da Europa; primeiro confronto oficial dos italianos após a conquista do título em Espanha, mas o segundo, na presente temporada, que disputa a equipa orientada por Enzo Bearzot. Na partida de preparação os transalpinos não estiveram muito inspirados, pois foram derrotados (1-0), em Roma, pela Suíça, tendo a exibição desagradado aos «tifios». Incluídas no mesmo grupo europeu estão também as selecções da Roménia, Suécia e Chipre, tendo-se já efectuado três encontros, cujos resultados foram os seguintes: Roménia — Chipre, 3-1; Roménia — Suécia, 2-0; Checoslováquia — Suécia, 2-2.

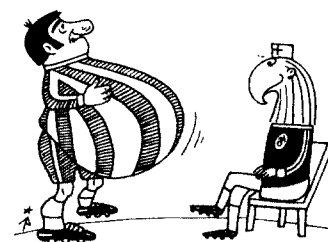


Alvaro, Alves pronto último

Em relação à formação que derrotou a Alemanha Federal, na final do Espanha-82, Enzo Bearzot fará alterações: Orioli e Cabrin, (lesionados) não defrontarão os checoslovacos, sendo o primeiro substituído por Marini. Bergomi ocupará agora o lugar de Cabrin, enquanto Antognoni regressa à equipa. A selecção italiana deverá apresentar, inicialmente a seguinte formação: Zoff (Juventus); Gentile (Juventus); Scirea (Juventus); Collovati (Inter) E Bergomi (Inter); Marini (Inter), Antognoni (Fiorentina), Tardelli (Juventus), Conti (Roma); Rossi (Juventus) e Graziani (Fiorentina).

No jogo de esperanças, realizado em Praga, a Checoslováquia venceu a Itália por 2-1, Plavik (Checoslováquia) e Monelli (Itália) foram os autores dos tentos.

Traço de Pargana



O Porto vem dar à Luz



Porto: em força na Luz

“Taça” a 12 de Dezembro: Varzim recebe Portimonense

Varzim — Portimonense será o único confronto entre equipas da 1.ª divisão nos 32 avos da «Taça de Portugal» de futebol, determinou o sorteio realizado em Lisboa. O Sporting (detentor do troféu) recebe no Estádio de Alvalade o Trofense, do campeonato regional do Porto. Benfica e FC Porto (1.º e 2.º do actual campeonato da divisão maior, respectivamente, dos campos do Atlético e do União de Coimbra, ambos

da 2.ª Divisão.

Outros jogos também marcados para 12 de Dezembro: Espinho — vencedor do jogo Aves — Almada; Académico de Coimbra — Rio Ave; Estrela de Portalegre — Sintrense; Torreense — Comércio e Indústria; Peniche — Venc. do jogo Tires — Atouguense; Cova da Piedade — Quimigal; Silves — Almeirim; Cinfães — Venc. do jogo Penalva do Castelo/Louletano;

Venc. do jogo Vilanovense — Alverca — Lusitano de Évora; Limianos — Moreirense; Valdevez — Nacional da Madeira; Coelima — Leça; Marítimo — Riopele; Farense — Oriental; Gil Vicente — Oliveirense; Sanjoanense — V. Guimarães; Barreirense — Poiares; Marinhais — Venc. do jogo Naval/Estarreja; Alcobaca — Venc. do jogo Nazarenos/União da Madeira; Esperança de Lagos — Venc. do jogo Esmoriz/Viseu e

Benfica; Sp. Braga — Vizela; Venc. do jogo Elvas/Moitense; Fafe; Penafiel — Estoril; Venc. do

jogo Guarda — Académico de Viseu — Paços de Ferreira; Vialonga — Venc. do jogo Famacão/Odivelas; Vila Real —

Leixões; Venc. do jogo José Alves/Valonguense — Venc. do jogo S. Martinho/Sta Clara e Venc. do jogo Infesta/Boavista — Belenenses.

Placard

Hóquei: «Taça»

Com os jogos referentes à segunda «mão» dos oitavos-de-final prossegue hoje a Taça de Portugal de hóquei em patins, efectuando-se os seguintes encontros: Grundig-FC Porto (1-9), Infante de Sagres — Sporting (3-13); Paço de Arcos — Hóquei de Barcelos (6-4), Sanjoanense — Campo de Ourique (5-4), Académica da Amadora — Queluz (5-1), Famalicense — Benfica (2-6), Parede-Sesimbra (2-6) e Belenenses — Turquel (5-2). Os jogos realizam-se às 21 e 30, excepto o Infante de Sagres — Sporting, marcado para as 17 e 30.

Andebol: torneio benfiquista

O Benfica promove este fim-de-semana um torneio de andebol dedicado ao escalão de juvenis masculinos, que decor-

rerá no pavilhão «Borges Coutinho», na Luz, com a participação das equipas do Benfica, Sporting, Almada e Niagara (Odiveiras).

Hoje, Benfica — Niagara, às 17 horas e Sporting — Almada, às 18 horas. Amanhã: jogo de apuramento dos 3.º e 4.º lugares, às 16 horas, e final do torneio, às 17 horas. Antes do primeiro encontro desta segunda jornada, realiza-se um jogo de iniciados masculinos, entre as equipas do Benfica e do Liceu de S. João do Estoril.

Leixonenenses em Telavive

A equipa feminina de voleibol do Leixões está em Israel para disputar hoje, em Telavive, o jogo da segunda «mão» da eliminatória inicial da Taça dos Campeões Europeus, com o Merhav, sob a arbitragem do cipriota Stylianides e do israelita Gabriel

Kraus. As leixonenenses ganharam por 3-0 em Matosinhos e se passarão à eliminatória seguinte, como parece provável, terão a seguir como adversárias as italianas do Olimpia de Raverna.

Correr na Nazaré

A oitava edição da Meia-Maranhã da Nazaré, realiza-se amanhã. Dos 150 participantes na edição inaugural (1975), subiu-se para 2522 no ano passado, ainda que 1979 mantenha o «record» com o total de 2624.

Boxe: título mundial

O norte-americano Aaron Prior conserva o seu título de campeão do Mundo do «super leves» ao bater o nicaraguense Alexis Arguello por KO, ao 14.º «assalto», num combate realizado em Miami (EUA).

Brasileiro vem pedalar na «Makko»

Está completa (e va apresentar-se publicamente dentro de uma semana, em Trofa) a turma ciclista da «Makko Jeanes», dirigida por João Faria e Anibal Fernando, com José António no sector de relações públicas. Eis a formação velocipedica: Marco Chagas, Manuel Zé ferino, Eduardo Correia e José Amaro (ex-integrantes do FC Porto), António Pinto e Isidro Miranda (ex-Coelima), Jacinto Paulino (que pertencia ao Távira) e Manuel Augusto Gomes (que alinhava na Rodovil). Espera-se ainda a colaboração de um brasileiro (Sérgio Lenir, vindo da Portuguesa de S. Paulo). A responsabilidade técnica está entregues a Marco Chagas e o massagista é o ainda recente portista Silva.

DESPORTO

Verdade ou ficção?

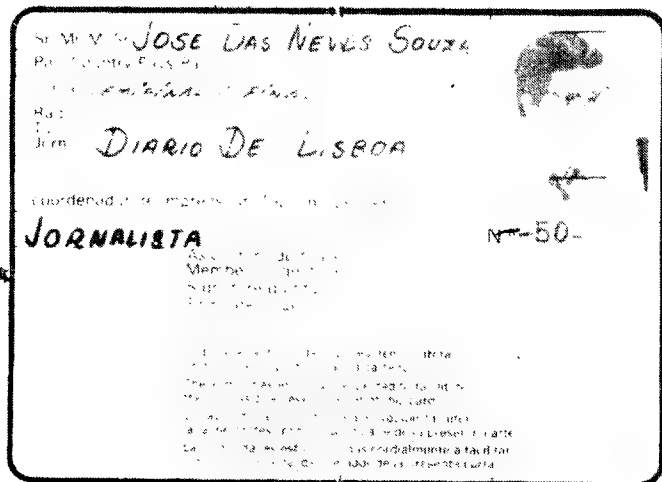


Será verdade que, para participar num colóquio comemorativo dos 71 anos do Lusitano Ginásio Clube de Évora, ao lado de jornalistas e do árbitro António Garrido, o técnico Otto Glória endereçou a proposta a um empresário para fazer o preço da sua presença?

Será verdade que foi verdadeiramente desanimadora a assembleia geral do União de Leiria, ontem processada? Que o clube deve milhares de contos, não tem direcção nem associados que pretendam assumir

grandes responsabilidades, que está a um (triste) passo de fechar os tapais e que, para cúmulo, até o presidente da assembleia geral (Carlos dos Santos Pimenta) abdicou esta madrugada do cargo?

Será verdade que a Federação de Futebol recusou uma solicitação do Benfica para que, amanhã, antes do jogo entre os «encarnados» e os portistas, fosse guardado um momento de silêncio pela morte do nadador olímpico Rui Abreu, que defendeu as cores do clube da Luz?



Ricardo Serran: o adeus

É o nosso amigo Duda Guennes, companheiro de escritas, quem evoca nas páginas de «A Bola» a figura de um grande jornalista brasileiro, Ricardo Serran, que faleceu à porta de completar 70 anos. Serran foi, na «Minicopa» de 1972, o anfitrião superior da turma de jornalistas portugueses que esteve junto da formação portuguesa, então dirigida por José Augusto: e, desde Carlos Pinhão a Rui Pimenta, de Nuno Ferrari e Mário Zambujal até ao enviado do «Diário de Lisboa», foi ele quem caprichou em firmar as credenciações, providenciando no sentido de que nada faltasse para o nosso labor se desenrolar normalmente. Mais que um companheiro de lides, era o amigo folgazão e sempre de braços abertos, que muitas vezes nos facultava as suas crónicas ainda antes delas seguirem para o prelo. Várias vezes comandou o Departamento de Imprensa Desportiva da Associação Brasileira de Imprensa, esteve em diversos campeonatos mundiais, mas em Espanha, já alquebrado, praticamente surgiu a despedir-se de todos nós. Eis o autógrafo do grande jornalista do país irmão: uma lembrança que não perderemos.

Uma bandeira chamada mulher

Não posso jurar, mas vou adiantar que talvez seja Portugal o único país do mundo que, a partir de agora, conta com uma mulher como juiz de canoagem: a jovem Maria da Conceição Gomes, natural de Crestuma (Vila Nova de Gaia) que, naturalmente, impulsionada para os desportos náuticos pelo facto de morar bem perto de uma das nossas poucas barragens, aderiu à canoagem e fica já com o nome inscrito na história de uma modalidade por ora quase confidencial, nestas terras adentro.

Não nos deveríamos surpreender muito com esta entrada de uma senhora pelas ondas adiante. Estamos no ano de Rosa Mota, na temporada em que as meninas que, diletantemente, dão uns pontapés na bola numa dezena de clubes, resolveram constituir-se em selecção nacional, treinar um nadinha mais sério e, dentro da sua fraqueza, da sua tremenda falta de hábito e (vamos lá) também sob o olhar mais que céptico das grandes plateias e dos maiores órgãos de Comunicação Social, entrar na louca e desprevenida aventura de um campeonato europeu, ainda que isso apenas possa resultar (em termos positivos) de mais duas dúzias de passaportes emitidos, alguns sonhos de viagemzinha concretizados e a possibilidade de um maromito fora do pátrio lar. No restante, tudo vai acabar em marasmo, porque ninguém pode levar a sério acções esporádicas, de raparigas mais ou menos cheias de boas intenções. A menos que o caso suba à Assembleia da República e, deste ano de sofreguidão, entre a moralização e o desconchavo, ainda saia uma lei obrigando (por decreto) a mais humilde das nossas desportistas a transformar-se, à pressão, em outra Rosa Mota. Para assim, pelo menos durante uns meses, haver desculpa para certos devaneios, algumas eleições e muito dinheiro esbanjado, à custa de uma bandeira chamada mulher.

Neves de Sousa

Basquetebol: cimeira em perigo

O FC do Porto e o Barreirense, líderes «A» (por Sangalhos e Queluz contarem um jogo em atraso) irão ter as suas posições em perigo nas duas jornadas deste fim-de-semana do nacional da 1.ª Divisão de basquetebol. Os portistas deslocam-se, para defrontar o Olivais (com mais ambições do que nunca na prova) e o Ginásio (Tradicionalmente difícil e até com uma «contabilidade» favorável quando visitado pelos portistas).

O duo da região centro já fez a vida cara ao Barreirense (no Barreiro) nas duas primeiras jornadas, sendo muito possível que contrarie o maior favoritismo que (em nossa opinião) é de conceder ao FC do Porto.

Barreirense em Queluz será o cartaz da jornada de amanhã. Os queluzenses vão apresentar um naipe de «vedetas» que quando bem entrosados, será um caso sério de bem jogar basquetebol. De um lote de 14 jogadores, o técnico José Alberto vai dispor

de dez muito bons, onde encontrará problemas de escolha. Equipa que dispõe de um excelente americano (Dean Rossin) e de «internacionais» da actualidade como são Rui Pinheiro, Carlos Lisboa e Augusto Baganha do («sepultado» em vida) Sporting e ainda de Pratas, Alcarva e Bernardeco. Adquiriu realmente «material» para ombrear a todos os níveis com as restantes formações nacionais. cremos que o Barreirense, ainda aquém do valor que lhe possibilitou erguer a Taça de Portugal, a época passada, não resistirá ao basquetebol espalhado pelos talentosos jogadores queluzenses. O Sangalhos, visitante do Benfica e do Atlético, será também um opositor relativamente difícil.

De assinalar que na dupla jornada deste fim-de-semana todas as equipas de Lisboa actuam no seu reduto, sendo de esperar delas (excepção feita ao CDUL, visitado pelo Barreirense)

um pequeno «salto» na classificação.

Jogos para hoje (3.ª jornada): Benfica - Sangalhos (17 e 30), Atlético - Sanjoanense (21), Olivais - Ovarense (17 e 30), Ginásio - FC do Porto (21 e 30) e Queluz - Barreirense (21 e 30) nos recintos dos primeiros. Folga o CDUL.

hoje (4.ª jornada): CDUL - Barreirense (16), Atlético - Sangalhos, Benfica - Sanjoanense, Ginásio - Ovarense e Olivais - FC do Porto (os quatro às 17 e 30) nos recintos dos primeiros. Folga o Queluz.

Hélder Silva no Atlético

Os jogadores que representam o Sporting estão a procurar novo clube para continuar a praticar a modalidade. Depois de Lisboa e de Baganha, terem ido para Queluz, sabe-se que Hélder Silva representará o Atlético.

Distinções

A União Soviética, que totaliza 31 medalhas de ouro, das 57 que até ao presente foram atribuídas, está à frente no 43.º Campeonato do Mundo de Tiro que se disputa em Caracas (Venezuela). A tabela de medalhas é a seguinte:

Países	O	P	B	T
URSS	31	14	12	57
E. Unidos	3	7	6	6
RDA	3	1	3	7
RFA	2	3	3	8
Noruega	1	2	4	7
Grã-Bretanha	1	2	3	6
Hungria	1	3	1	5
Suécia	1	1	2	4
Itália	1	1	2	4
Espanha	1	1	0	2
Austrália	1	1	0	2
Finlândia	1	0	2	3
Suíça	0	5	0	5
França	0	2	2	4
China	0	1	5	6
Polónia	0	1	1	2
Roménia	0	1	0	1
Canadá	0	1	0	1
Áustria	0	0	1	1
Total	47	47	47	141



Sporting e Benfica na UNICEF

Iniciativa bonita e ambiciosa a da RDP, ao promover (dia 19, no oliseu dos Recreios) um festival de luxo com receita a reverter para as crianças protegidas pela UNICEF. Numa organização a que presidem os nomes de Maria Leonor, António Fortuna e Nunes Forte, vários são os desportistas cativados: as equipas de futebol do Benfica e do Sporting, tal como o juiz António Garrido investido em funções de «APRESENTADOR», são alguns dos atractivos de um «show» que envolve passagens de modelos, equilibristas, ventríloquos, palhaços, flocloro, fado e canção, tudo a contribuir para se desejar uma bela renda em proveito de muitas crianças desamparadas.

A palavra com o leitor

Poema para um ex-olímpico

Reiniciamos hoje a publicação de uma fatia escolhida da correspondência remetida pelos nossos leitores à secção desportiva do «Diário de Lisboa», tanto quanto possível aproveitando temas que possam mobilizar o interesse geral ou digam respeito a momentos actuais. Hoje, cremos que ineditamente, abrimos a porta a um poema rubricado por João Vasco (treinador de andebol do Clube Recreativo Bairro Janeiro) em que se recorda a figura de Rui Abreu, o nadador agora tragicamente desaparecido do nosso convívio. Eis os versos:

Em cada dia que passava
O outro lado da piscina estava mais perto
Erás forte no tempo e na vontade
E braço a braço do nada foste campeão.

Partiste um dia com esperança,
Quando este povo cansado de lutar
E já acomodado
Em nada te podia ajudar na conquista
Que muito justamente querias alcançar.
Eras um bravo lutador,
Não compreendias este País resignado.

Triste país o nosso
Que expulsa os seus filhos mais queridos
Uns para França, outros para a Alemanha
Quase todos por pão e dinheiro
E tu por uma meta:
«cada vez mais rápido!»

Por isso escolhes-te a América
Terra onde tudo é muito rápido,
Excessivamente rápido...

Parecia que tudo ia bem
Afinal, português, já eras campeão lá do burgo
Demonstrava que a nossa massa era igual
Só o país diferente.

Lá tudo é fácil... dizem
O emprego, os estudos, o dinheiro,
O amor, o êxtase, numa palavra
O triunfo!
E tu estavas triunfando.

Subitamente a notícia chegou:
Suicidaste-te!

Porquê? Diz-nos? Exigimos-te
Porque nos deixas-te?
Contigo cá
Tantas crianças te tinham seguido
Tantos amigos te tinham admirado
Alguns, como eu, anonimamente.
Porque te foste para sempre?

Afinal que te faltou?
Que te faltou nesse grande país que tinhas cá?
Que te dávamos nós que eles não tinham?
Se cá nadaste cada vez mais rápido
Para o outro lado da piscina
Porque lá foste ainda mais rápido
Para o fim da vida?

Porquê Rui?
Que faltou lá na grande América
Que ainda resta em Portugal

1/Nov/82

João Vasco,
(Treinador de andebol do Clube Recreativo Bairro Janeiro)

colunáveis



Profundas remodelações estão à bica de acontecerem a alto nível, dentro da orgânica da Direcção-Geral dos Desportos. Enquanto o prof. Duarte Leal será o novo director do Instituto Nacional dos Desportos e o colega Orlando Azinhalis ficará como responsável pelo controlo anti-«doping», o sector de Alta Competição (que estava sob comando de Mário Moniz Pereira) transita para Teotónio Lima, dentro de um esquema de descentralização de sectores que foi planeado pelo prof. Lopes Marques.



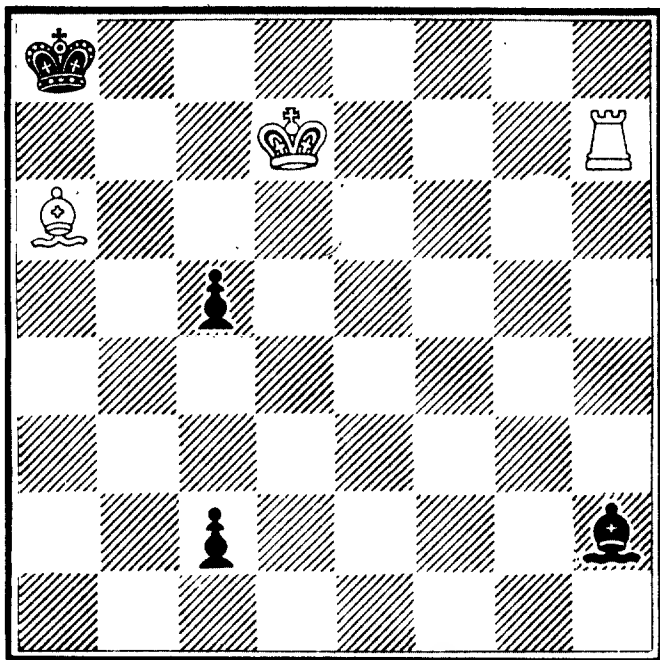
Valentim Loureiro sai hoje à estacada (em «A Bola») retalhando de alto a baixo a personalidade do dr. António Marques, que dirige o areópago arbitral do futebol. O presidente boavisteiro não tem papas na língua: o dr. A.M. é autoritário, revela desprezo pela democracia e tende para uma administração tipo colonial (...). foi durante o seu mandato como presidente federativo que entrou para o anedotário nacional (...) aplicou a lei da «rolha» a árbitros (...) é recalçado e complexado.



Um texto assinado pelo dr. Silva Resende (no nosso colega «Gazeta dos Desportos») foi imediatamente alvo de comunicado público emanado de uma assembleia geral extraordinária da Associação Portuguesa de Árbitros, que repudia, energicamente, os termos extremamente indignos com que aquele membro da direcção da FPF se refere aos árbitros, pede que o visado responda nos órgãos disciplinares da FPF e propõe-se apresentar queixa judicial contra Silva Resende.

Problemas de Xadrez

É impossível parar o Pc2 que será promovido a D. Mas a posição de mate em que ficará o R preto salva as brancas.



O. J. Carisson
«La Prensa» 1967
(As brancas empatam)

SOLUÇÃO
1. Rcb8, c1=D2, Bb6, Dh1 (única) 3. Tc7, Bx7, A, Bc8+ Dxc8.

Fabricante de Caixas de Cartão Canelado e Embalagens, aceita colaborador p/ vendas à comissão, em Lisboa e arredores.

Resposta a este jornal ao n.º 13111, indicando «curriculum vitae».

NOTARIADO PORTUGUÊS

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA DA GLÓRIA SAMPAIO FILIPE DE SOUSA

Certifico, que a presente é fotocópia, que fiz extrair, para efeitos de publicação, da escritura de constituição da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «Avelino Ferreira, Limitada», com sede em Lisboa, lavrada em um de Outubro de mil novecentos e oitenta e dois, de folhas setenta e quatro a folhas setenta e cinco, do livro número cento e trinta e seis-C, para escrituras diversas, deste cartório, a qual vai conforme o original, sociedade esta, constituída entre os senhores: Avelino Ferreira, Carlos Alberto Ribeiro Serrano.

Lisboa, doze de Outubro de mil novecentos e oitenta e dois.

O Ajudante do 18.º Cart.º Not. DE LX.

Mário Augusto Nunes

Primeiro: A sociedade adopta a firma «Avelino Ferreira, Limitada»; fica com a sua sede em Lisboa, na Travessa do Taruço, J. F. dois; e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

Segundo: O objecto social é a indústria da construção civil, por conta própria e empreitada, ou qualquer outra actividade em que os sócios acordem explorar.

Terceiro: O capital social é de cem mil escudos, integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma de duas cotas de cinquenta mil escudos, uma de cada sócio.

Quarto: A cessão de cotas a estranhos carece do consentimento da sociedade. Quinto: A gerência da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertencem, com dispensa de caução, a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

Parágrafo Primeiro: Qualquer dos sócios gerentes poderá delegar os seus poderes de gerência, uma e mais vezes, no todo ou em parte.

Parágrafo Segundo: A sociedade obriga-se pelas assinaturas, em conjunto, de dois sócios gerentes; ou, pela assinatura de um sócio gerente em conjunto com a de um procurador de outro sócio gerente.

Parágrafo Terceiro: Fica expressamente vedado aos gerentes e procuradores obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

Sexto: As assembleias gerais serão convocadas, quando a lei não estabelecer outras formalidades, por cartas registadas, expedidas com a antecedência mínima de oito dias.

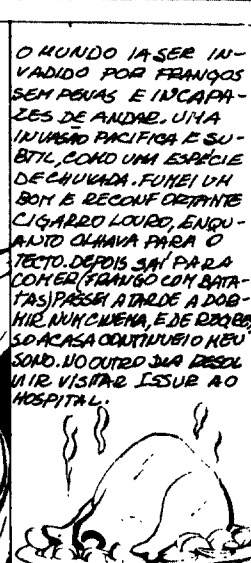
Sétimo: Em caso de falecimento de um sócio, os seus herdeiros ou representantes nomearão de entre si um que a todos represente na sociedade, enquanto a respectiva cota se mantiver indivisa.

Alack Sinner



Banda Desenhada
de Muñoz e Sampaio

99



© COPYRIGHT Muñoz e Sampaio/Quipos/ADS

continua



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o Processo n.º 1/2404, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Crato, de uma linha aérea a 30 kV, com 236 m, do poste n.º 11 da linha para o PT da Herdade Couto de Andreiros ao PT n.º 929 — Zona da Estação da CP.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Outubro de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

João Carlos Oudinot Larcher Nunes



CABELEIREIROS DE SENHORAS

MAIS RÁPIDO
E
MAIS ECONÓMICO

(ABERTO DE 2.ª A 6.ª, DAS 8 ÀS 20 HORAS)
SÁBADOS, DAS 8 ÀS 13 HORAS

CALÇADA DO SACRAMENTO, 38

LISBOA

GRATIFICAÇÃO ABOLIDA

Com o piso molhado
aumenta a distância
em relação
ao veículo da frente.

circula e viver.



2vezes mais atenção!

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa.
Por ano morrem cerca de 500 pessoas vítimas desses acidentes.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Nova temporada no Nacional

«A HISTÓRIA DO SOLDADO». Texto: Ramuz. Música: Stravinsky. Grupo: Marionetas de São Lourenço. Encenação e Cenografia: Helena Vaz. Tradução: Luísa Neto Jorge. Intérpretes: Virgílio Castelo, Fernando Serafim, José Alberto Gil, Guilherme Costa, Carlos Costa, Soledade Santos. Manipulação: Helena Vaz, Teresa Gata. Músicos: Carlos Passos, Artur Moreira, Nelson Rocha, Fernando Mendes, Brownia Parry, Emídio Coutinho, Catarina Latino. Direcção Musical: Leonardo de Barros. Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II. 3-11-1982.

A nova temporada do D. Maria II iniciou-se com várias cerimónias, a abertura de uma exposição e um espectáculo. Primeira cerimónia, o acto de posse dos membros da comissão consultiva, formada por António José Saraiva e Jorge Listopad, nomeados pelo ministro da Cultura, e por Rogério Paulo, eleito pelos elementos artísticos da companhia.

Brás Teixeira, director do Nacional, enunciou a filosofia da nova programação e chamou a atenção para o facto do teatro do Rossio, mais do que um mero produtor de espectáculo, pretender ser um centro vivo de cultura, criando laços de colaboração com os grupos independentes de Lisboa e recebendo grupos da província, além de convidar encenadores e outros artistas a colaborar nas suas criações.

Lucas Pires respondeu com um breve discurso de circunstância, desta vez com metáforas teatrais, como convinha. Seguiu-se a inauguração da exposição consagrada a António Patrício, autor da primeira peça da sala grande para esta temporada: «Pedro, o Cru». Exposição «reconhecidamente modesta»: Patrício merecia mais.

A noite, estreou-se na Sala Experimental a versão do grupo Marionetas de São Lourenço de «A História do Soldado», texto de

Ramuz e música de Stravinsky. Mesmo poucos, os lugares não estavam todos ocupados, o que levanta outra vez o problema do público, problema fulcral do teatro português, e em especial no Teatro Nacional. Um Teatro Nacional, a meu ver, deve ser a bitola da situação do teatro de qualquer país, mas só o será a sua actividade for acompanhada, apoiada, discutida. A burguesia portuguesa não se interessa pelo teatro, desde que este tenha um mínimo de qualidade (a revista é um caso especial), o que pode ter consequências desastrosas, sobretudo num momento em que a programação do D. Maria II parece dirigir-se a esse público, mais do que a público recrutado entre as massas trabalhadoras. Mas isso é assunto para outra conversa.

O grupo cria espectáculos de grande originalidade, como aqui tenho referido, e este não foge à regra. Utilizando, como de costume, bonecos manipulados por «auxiliares» vestidos de negro, servindo-se de um texto extremamente saboroso, excelentes figurinos um cenário muito engenhoso (embora o palco rolante nem sempre funcione convenientemente), o grupo contou ainda com a qualidade dos executantes e com três intérpretes notáveis: Fernando Serafim, Virgílio Castelo e José Alberto Gil, que faz a narração. Os achados da encenação (os elementos minúsculos como o carro de bois e o moinho, a marioneta que representa a mãe do soldado, a carruagem com os cavalos, e o fumo, a lua que se vai transformando, o anão com a pequena bicicleta) fazem o resto: o espectáculo funciona como um todo e consegue ultrapassar o problema de uma adaptação condicionada pelas estruturas das marionetas.

É curioso verificar as diferenças entre esta versão da «História do Soldado» e o espectáculo do TEP, com encenação de Moncho Rodriguez, prova da capacidade do teatro em fazer leituras diversas do mesmo texto.

Uma colectânea de obras de Camilo Castelo Branco acaba de ser publicada na União Soviética. Do volume, fazem parte as novelas «Comendador», o «Cego de Landim», «A Morgada de Romariz» e «Maria Moisés».

A colectânea baseia-se princi-

palmente nas «Novelas do Minho», escritas entre 1875 e 1877, e foi organizada por A. Liubimova, A. Bogdanovski e Z. Koss.

Referindo-se ao romancista, o crítico literário Serguei Poliakov, escreve: «As obras do clássico português cativam pela sua lin-

guagem viva na descrição das personagens e o seu profundo conhecimento do Minho do século passado. Camilo Castelo Branco põe a nu as estruturas caducas de uma sociedade da qual a mulher é um ser privado de direitos e uma falsa honra significa mais do

que a dignidade humana e até a própria vida.»

«Este livro — afirma Poliakov — será de grande interesse para os leitores soviéticos e abrir-lhes-á mais uma página da cultura e da história de Portugal.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“A Saudade de Veronika Voss” de Rainer Werner Fassbinder



Esta é a matéria da memória? (na foto: Rosel Zech e Eric Schumann em «A Saudade de Veronika Voss»)

quando filma Veronika Voss numa última canção de cabaret, convocados que foram todos os comparsas do melodrama. Morte do fascínio, dizia eu, porque nada ali descola, tudo se sabe com desfecho trágico.

«As recordações são feitas disto» — diz a canção de Veronika Voss — e isto seria um quotidiano pequeno-burguês, namoro, casamento, filhos, estreita felicidade, mediania, exactamente o que não há no filme. No filme o que há são sonhos de glória, projectores, manchetes e, em sussurro, impérios e soluções finais. Tudo coisas em grande, à medida da Alemanha.

A Saudade de Veronika Voss também é a triste oposição desses dois desejos, desses dois imaginários, um tão a propósito do outro, tão a jeito para serem

as duas faces de uma mentalidade dominante.

E há um negro que andar por ali. Soldado, americano suposto. Nunca sabemos ao que veio, porque está. Mas está, permanece, move-se sem receio de inconveniências. Ocupa?

É abusivo, eu sei, ligar este filme à morte de Fassbinder. Ele morreu (de cansaço, de droga, de inquietude, quem o saberá?) alguns meses após concluir A Saudade de Veronika Voss que no entanto, não foi o seu último trabalho. Mas ao ver este filme é-me impossível não pensar que é insustentável viver muito tempo com as obsessões que por ali passam. Tanta tristeza, e já sem raiva, mata.

Uma das coisas que gosto que o cinema faça é que não espartilhe o sentido, não se confine a

recados. Gosto que um filme se espraie e me deixe algo à deriva num mar de fantasmas. Quem é aquele jornalista e o que o fascina em Veronika Voss? A decadência, a carência, o mistério?

Quem é aquela fotógrafa e o que a leva a aceitar que Krohn, seu companheiro, se envolva, o que a leva a partilhar da sua busca? Quem é aquela médica que vicia as suas vítimas em morfina e o que quer? Dinheiro ou, sobretudo, poder?

Neste filme os únicos decors que não são sórdidos são o estúdio da Ufa, a casa de estilo nazi e a clínica. São lugares que não estão ligados ao real mas ao sonho: o cinema e a morfina. São lugares para onde se foge. De morfina morre-se, de cinema não sei.

FICHA:

Título original: Die Sehnsucht der Veronika Voss. **Realização:** Rainer Werner Fassbinder (RFA-1982). **Argumento:** Peter Märthesheimer e Pea Fröhlich. **Fotografia:** Xaver Schwarzenberger. **Música:** Peer Raben. **Cenários:** Rolf Zehetbauer. **Montagem:** Juliane Lorenz. **Interpretação:** Rosel Zech (Veronika Voss), Hilmar Thate (Robert Krohn), Annemarie Düringer (dr. Katz), Doris Schade (Josefa), Cornelia Froboess (Henriette), Eric Schumann (dr. Edel), etc. **Distribuição em Portugal:** Doperfilme. **Cinema:** Quarteto-Sala 3. **Classificação:** Não aconselhável a menores de 18 anos. **Duração:** 105 minutos.

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES SÓ ATÉ DIA 21

O Labirinto de Creta
de
António Yoxi da Silva
(O Judeu)



SEXTA E SÁBADOS ÀS 21.00H, DOMINGO ÀS 16.30H.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Hoje às 21,30

pedro,
o cru

António Patrício

ENCENAÇÃO
carlos avilez

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Caminhos odiosos

Durante toda a semana moeram-nos o bichinho do ouvido com a propaganda da nova série em substituição da «Hil Street». É entrar, meus senhores, é entrar, não percam esta oportunidade única de assistir a preços sensacionais, ao primeiro episódio da série nova, «Strike Force», que começa logo com um assassinio e desenvolve o tema do rapto de crianças, com outros temas de grande impacto! É entrar, meus senhores, é entrar!

Lá está o gajo com as brincadeiras dele — dirão meus leitores, compreensivos ou agrestes — mas faz mal, não se deve brincar com coisas sérias, o tipo tem um pó à televisão que até lhe atribui as coisas mais indecentes.

Juro pela minha saúde e pela saúde dos meus filhos, que eu fique sem a mão direita com que escrevo, se inventei alguma coisa. É a pura verdade, ou seja, e repetindo, a televisão fez durante a semana, e várias vezes, a publicidade do assassinio e dos raptos de crianças na «Strike Force». Desceram a isto. Desceram a um nível a que o fascismo nunca se atreveu. Uma infâmia.

Realmente, «Strike Force» — «Força de Intervenção» (brrrrrr!, cheira a Ângelo Correia!) percorre toda a gama da violência gratuita, como se quisesse esvaziar de um só trago o cálice do medo.

Aqui, não há nenhum interesse que motive a atenção do espectador — o envolvimento inteligente da história, a caracterização dos ambientes, uma certa realidade humana das personagens. Nada. Só a vertigem do crime, da angústia sempre à disposição no bengaleiro, da perseguição. A palavra que mais se emprega é a palavra «matar»...

Os responsáveis da RTP não ignoram que estão induzindo ao crime, como na publicidade estão induzindo à compra. Estão deliberadamente a empurrar muitos telespectadores para destinos odiosos. Já demora, já perigosamente demora a reacção concertada de pais, professores, educadores deste país.

O serão contou com o segundo episódio de «Gente Fina é outra Coisa». Confirma-se a afirmação de Varela Silva, expressa no programa da manhã, de que existem em Portugal condições para uma intervenção de interesse na televisão. Importa agora aproveitar, na realidade, essas condições.

Certo, há que ter os pés bem assentes na terra e não sonhar tão alto que acabemos por partir a cabeça contra o tecto. A insegurança de produção gera uma insegurança em cadeia que vai reflectir-se na realização, na interpretação, no ritmo da elaboração.

A realização teve, principal-

mente nos primeiros minutos, uma agilidade notável, uma excelente descontração na habilidade de nos dar o movimento sincopado da narrativa. A interpretação ressent-se de uma certa desigualdade de valores e de experiências mas a verdade é que, se há riscos a correr para o apuramento de valores, pois não se hesite. Mas pelas vossas alminhas, não donamarizem, nem porquemayerizem! E quanto ao ritmo de acção, assistimos, para além de momentos bem conseguidos, a certas imprecisões, que talvez se evitassem com melhoria de trabalho conjunto entre autores, realizador e actores.

Uma certeza: «Gente Fina», na RTP é mesmo «outra coisa». O seu lugar no interesse da audiência parece garantido, muito embora seja praticamente nulo o esforço para a sua divulgação dentro da própria RTP. Será, que, por lá, alguém se sintia directamente, ou proximamente, atingido?

Mudemos de assunto. Mudemos, dolorosamente. Para já, uma observação: não cuido de exigir tratamento de favor em nenhuma circunstância. Apenas me quero situar naquela zona em que, numa empresa estatizada como a RTP, a informação deve orientar-se por um rigoroso sentido da objectividade. O Telejornal não pode — não deve — prender-se a uma determinada subjectividade, pois não reflecte,

por inerência, uma linha ideológica específica: ele é sustentado por todos os portugueses e não por uma parte deles.

Ora o que se tem passado com a informação sobre a morte de Leonid Brejnev é absolutamente indigno. Que o Dia siga caminho semelhante, é lá com ele, com quem o paga e com quem o lê: pertence a alguns cidadãos, não pertence a todos. Ora a televisão é de todos. Não é do Governo, é do Estado. As normas a que devem obedecer são expressas na Constituição.

Nos noticiários referidos, pondera a subjectividade, a manipulação, a utilização abusiva. Não se trata já de informar pouco: trata-se de deformação, da intriga, da calúnia — e o sr. Fino, de Moscovo, atira habilidosamente umas achas para a fogueira da confusão e da especulação.

Mas a nota mais deprimente e mais... depravada veio no programa da manhã pela voz papinha de aççççorda do sr. Mário Crespo. Repugnante a todos os títulos.

Para já não falar da tráfalhece profissional. No Telejornal, por exemplo, sempre que falavam de Andropov, mostravam o retrato de Kirilenko...

Até quando teremos nós de suportar uma desinformação, esta desinformação de faca nos dentes?

TV MARCELO

Repara hoje em sua casa até as 24 horas todas as marcas com garantia. Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente incl. sáb. e domingos. Tel. 659118 - 659119 - 659110

Hoje



O programa desta noite, na RTP-1, Venha Tomar Café Conosco, tem como convidado o dr. Mário Soares

- 15.35 Festa é Festa — apresentação de Júlio Isidro.
18.50 «Galáctica»
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal — as notícias do País e do estrangeiro.
20.15 Boletim Meteorológico para a Agricultura
20.20 Semanário — o noticiário da semana em revista. Apresentação de Margarida Marante e de Mário Zambujal.
21.10 «Dallas»
22.10 Venha Tomar Café Conosco — convidado dr. Mário Soares.
23.20 Última Sessão — «Histórias de Crime e Mistério».



A rubrica Jazz Magazine, na RTP-2, apresentará a vida e a música de Charlie Parker (na foto)

2 RTP

- 20.02 Cabra Cega — apresentação de José Manuel Barroso.
22.15 Jazz Magazine — a vida e música de Charlie Parker.

Amanhã

1 RTP

2 RTP

10.17: 70X7; 10.40: Eucaristia Dominical; 11.30: Tempo dos Mais Novos; 13.10: Sumário; 13.20: TV Rural; 13.50: Já Cá Canta; 16.50: Vivamúsica; 17.35: «A História de Glenn Miller»; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.35: Cartaz TV; 21.05: Gira a Bola; 22.15: «Tocando Contra o Tempo»

18.30: (H)Ora Bem; 20.00: Os Grandes Desertos; 20.35: Top/2 — Heróis do Rock 'n' Roll; 22.30: «A Cidade dos Anjos»

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP

Venha Tomar Café Conosco (22.10)

2 RTP

Jazz Magazine (22.15)

2 RTP

20.00 CABRA-CEGA

«Os Fanáticos do Perigo»

«Os Fanáticos do Perigo» é um filme sobre algumas das mais espectaculares aventuras que todos os dias ocorrem, quer em cenas de filmes, quer mesmo no dia-a-dia, em que corajosos amantes do perigo o desafiam das mais diversas formas.

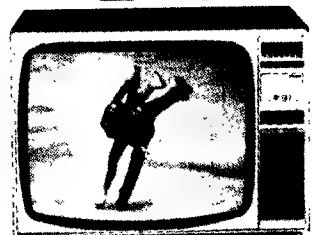
A primeira parte deste documentário será dedicada à velocidade. Acrobacias, corridas de carros, de motos ou de barco e tudo quanto é possível imaginar de mais louco em verdadeiro desafio ao perigo serão alvo de exibição. Numa segunda parte, veremos outro tipo de desafio: escaladas a prédios de dezenas de andares e vários «records», entre os quais o da permanência mais longa perto do fogo sem protecção.

Após esta série de curiosas exhibições, José Manuel Barroso e alguns convidados do programa de hoje conversarão sobre os motivos e glórias de «Os Fanáticos do Perigo».

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

TV côr



51cm
41.800\$
56cm
43.800\$

M. L. FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B

quarteto

6.ª SEMANA

FILME DE QUALIDADE

Int. men. 13 anos

PALMA DE OURO - CANNES 82
um filme de YILMAZ GÜNEY



YOL
Licença Precária

Uma história de amor gritante

realização de SERIF GÖREN
com TARIK AKAN HACIL ERGÜN NECMETTİN COBANÖĞLU

CAFE-TEATRO da
TEL 76 28 24 COMUNA

NAO FUI EU FORAM ELES! SEXTA E SABADO AS 23H
A PARTIR DE SABADO DIA 13 A PEDIDO DO PUBLICO
PRACA DE ESPANHA - SUB. SEC. 4.º MÊS

POUPE COMBUSTÍVEL
Não faça manobras desnecessárias.



DIRECCÃO-GERAL DE VIAÇÃO

os melhores
**ESPECTÁCULOS
DE NATAL**

uma organização

Lantarabril

- Palhaços
- Ilusionistas
- Ventriloquos
- Animadores
- Cantores
- Aparelhagens de som e luz

CONTACTE-NOS A TEMPO
telefone ou escreva
Av. EUA, 51-C ☎ 80 42 42
1700 Lisboa ☎ 80 02 46

roteiro cultural

Teatro

Está quase a terminar a carreira de «O Labirinto de Creta» que o Teatro da Cornucópia tem vindo a apresentar no Teatro do Bairro Alto em curta reposição. Foi a primeira vez que esta peça de António José da Silva (O Judeu) foi levada à cena. A encenação, de Luís Miguel Cintra, para além de dar a conhecer um dos textos menos divulgados, nas mais características, do estilo do autor, transforma-se numa pequena meditação sobre o próprio teatro. A cenografia, que respeita o ambiente de mutações e efeitos cénicos típicos da época, é de Cristina Reis. A música, tocada numa espineta por Irene Mello e cantada pelos actores, é de Paulo Brandão. O espectáculo estará em cena só às sextas-feiras e sábados, às 21 horas e ao domingo às 16,30 e só até ao dia 21 deste mês.

Cinema

A Casa de Cultura da Juventude de Torres Novas organiza uma pequena amostra de cinema francês dos últimos 20 anos. A iniciativa decorre até 28 de Novembro, todas as sextas, sábados e domingos, às 21.30 horas. Programa deste fim-de-semana: hoje, «A minha noite em casa de

Maud», de Eric Rohmer; amanhã, «O Joelho de Clair», do mesmo realizador.

Colóquios

Com início na próxima 2.ª feira, a Associação Portuguesa de Escritores (APE) vai realizar na sua sede um ciclo de colóquios semanais sobre «O último livro do autor».

«Paisagem com mulher e mar ao fundo», de Teolinda Gersão, será o tema do primeiro colóquio, conduzido por Eduarda Dionísio. No dia 22, sob a orientação de Júlio Conrado, «O Cais das Merendas», de Lídia Jorge, será o livro em debate. Finalmente, no dia 27, Maria Lucia Lepecki falará de «Ora Esguardae», de Olga Gonçalves. As sessões têm início às 21.30.

Música

Concertos na Gulbenkian. O coro e a orquestra Gulbenkian interpretam hoje, no Grande Auditório, às 18.30, o «Orfeu» de Monteverdi, em versão para concerto. Na 2.ª feira, também às 18.30, um quinteto de sopros, constituído por Heidi Bauer (flauta), Alfred Hertel (oboé), Edwald Wiedner (clarinete), Alois Schlor (trompa) e Werner Schulze (fagote e contrafagote), interpretam obras de



Luís Miguel Cintra e Gilberto Gonçalves em «O Labirinto de Creta»

Mozart, Rodrigues de Hita, Reicha, Beethoven e Ligeti.

As tardes de domingo com José Atalaya prosseguem amanhã no S. Luiz, às 15.30. Tema: Stravinsky e a sua obra. O duo Vasco Barbosa (violino) e Nella Maissa (piano) interpretará a «Suite

Italiana» do grande compositor.

Exposições

«A Arte Gráfica de Escher», exposição patrocinada pela Embaixada da Holanda, é amanhã inaugurada, às 16 horas, na Galeria do Museu José

Malhoa, nas Caldas da Rainha, onde ficará patente ao público até 12 de Dezembro. A visita inaugural será orientada pelo dr. Adriano de Gusmão.

Costa Brites vai expor pinturas e desenhos na Galeria do Posto de Turismo de Coimbra (à Portagem), de 15 a

30 de Novembro. O certame é uma iniciativa do «Movimento Artístico de Coimbra».

A Galeria Nova, cooperativa de comunicação e cultura de Torres Vedras, subsidiada pelo município local, abriu ao público no passado dia 11 (inauguração integrada nas comemorações do dia da cidade). A exposição inaugural apresenta obras de pintura e escultura de Hélder Baptista, Pedro Chorão, João Hogan, Graça Moraes, Eduardo Nery, Rui Oliveira, Rogério Ribeiro, Lurdes Robalo e Assunção Venâncio.

As exposições «Nova Escultura em Pedra» e «O Ballet Gulbenkian na Fotografia a Cor de João Meneses» serão amanhã inauguradas na Casa de Mateus, em Vila Real, por ocasião da sessão solene da entrega do prémio D. Diniz aos escritores Pedro Tamen e Virgílio Ferreira.

A Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito do seu programa de actividades culturais, organizou duas importantes exposições: uma, no Palácio Galveias, apresenta documentos do Fundo Histórico Municipal, desde o séc. XIII ao séc. XIX; outra, no Museu da Cidade, ao Campo Grande, sobre «Lisboa e o Marquês de Pombal». Ambas ficarão patentes ao público até ao fim do ano.

Associação do Nordeste Transmontano

Calçada da Estrela, 99-1.º, Esq. — 1200 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 8.º do Regulamento Interno da Associação do Nordeste Transmontano e para efeito da alínea a) do art.º 4.º (eleição dos corpos gerentes para o período de 1982/83), convoco uma assembleia geral extraordinária para o próximo dia 20 de Novembro (sábado) de 1982, na sede da Associação, na Calçada da Estrela, n.º 99 1.º, Esq. em Lisboa, a partir das 14.30 horas com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Eleição dos corpos gerentes.

Lisboa, 10 de Novembro de 1982.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

Eng. João Avelino da Rocha Cunha Serra



BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DAS NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	68\$20	74\$20	
ALEMANHA FED. (marco)	35\$05	36\$15	
AUSTRIA (xelim)	4\$90	5\$10	
BÉLGICA (franco)	1\$645	1\$845	
BRASIL (cruzeiro)	\$130	\$380	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	74\$15	76\$15	
(notas de 5 a 1000)	74\$65	76\$65	
DINAMARCA (coroa)	10\$00	10\$40	
ESPAÑA (peseta)	\$693	\$823	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	90\$85	92\$85	
(notas de 5 a 1000)	91\$35	93\$35	
FINLÂNDIA (marka)	16\$35	16\$95	
FRANÇA (franco)	12\$40	13\$10	
HOLANDA (florim)	32\$25	33\$25	
INGLATERRA (libra)	151\$00	155\$00	
IRLÂNDIA (libra)	120\$00	124\$00	
ITALIA (lira)	\$055	\$065	
JAPÃO (iene)	\$308	\$343	
NORUEGA (coroa)	12\$45	12\$95	
SUECIA (coroa)	12\$05	12\$65	
SUIÇA (franco)	40\$70	41\$80	
VENEZUELA (bolivar)	18\$50	19\$50	

Observações.

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

16.00: Banda magnética; 19.15: Música sem fronteiras; 20.00: Programa da noite - teatro radiofónico; 21.00: Lisboa, país, cidade; 23.00: Actualidade. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

14.30: Ciclo Marquês de Pombal; 17.30: Intérpretes portugueses; 18.00: Concerto sinfónico; 20.10: Música para piano de Schumann; 21.00: O violinista Wolfgang Schneiderhan e o cravista Karl Richter; 21.40: Sinfonia n.º 4, em sol, de Mahler; 22.40: Música de câmara portuguesa; 23.30: Intercâmbio musical; 00.45: «São Francisco de Paulo Sobre as Águas», de Liszt; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

14.00: Fim-de-semana alucinante; 20.00: Quando o telefone toca; 21.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Dançatlântico; 18.00: Country music - música da América; 19.00: Blues index; 20.00: As voltas da canção; 21.00: Baile mandado. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA OM e FM de Lisboa

16.00: Fim-de-semana; 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do tempo; 19.03: Saltitão; 20.00: Paju; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 17.00, 21.00 e 22.00 horas

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos. 16.00: Nós por cá; 20.00: 1.ª fila; 21.00: Portugal, experiência histórica; 21.30: Via Láctea.

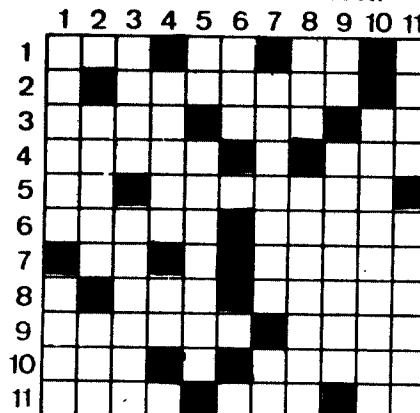
Tiragem média diária do mês anterior: 45 493. exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 577

HORIZONTAIS:

- 1 Pronome relativo. Concede.
- 2 Residuais.
- 3 Pronome pessoal. Rente. Vossa Alteza.
- 4 Sinal. Preposição.
- 5 Preposição. Empurram.
- 6 Arrancai. Soltar balidos.
- 7 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Impede.
- 8 Raer. Estripes.
- 9 Desgude. Inuigar.
- 10 Escudeiro. Uni por casamento.
- 11 Pronome demonstrativo. Rio de Portugal. Osmio (s.q.).



VERTICAIS:

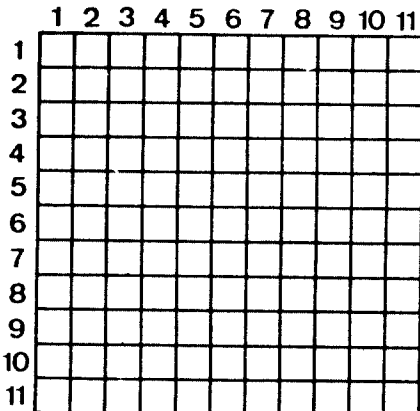
- 1 Tencionas. Estimai.
- 2 Sacerdotes budistas. Suspiros.
- 3 Aves pernaltas. Viaturas.
- 4 Aldeia de Itália. Era Cristã.
- 5 Doutor. O breve e décima quinta letra do alfabeto grego.
- 6 Rio da Suíça.
- 7 Apanhar. Cento e um em romano.
- 8 Sadias. Limparas com água.
- 9 Pertences. Vestimenta ou cobertura feita ou forrada de peles finas e macias (pl).
- 10 Jorranão.
- 11 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Aplinais.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9437

HORIZONTAIS:

- 1 Cunho. Rebento.
- 2 Em partes iguais. Aguçarias.
- 3 Patrão. Antes do meio dia.
- 4 Faz doação de. Antes de Crsto.
- 5 Capavam.
- 6 Avaliar. Acolá.
- 7 Freguesia do concelho de Barcelos. Artigo definido.
- 8 Ilha de Cabo Verde.
- 9 Ruído. Utensílios domésticos.
- 10 Arrendaram. Crómio (s.q.).
- 11 Romance de Eça de Queirós. Sensata.



VERTICAIS:

- 1 Cabelos brancos. Duzentos e cinco em romano. Figura que simboliza o povo americano.
- 2 Tempo do verbo haver. Rio de Portugal. Grude.
- 3 Prova. Muito.
- 4 O mesmo que bétete. Inflama. Gálio. (s.q.).
- 5 Azáfama. Zombar. Utensílios domésticos.
- 6 Soluça. Rogar.
- 7 Cidade do Sudão. Francês. Vossa Alteza. Sadias.
- 8 Clima. Petas. Pronome pessoal.
- 9 Filha de Labão. Móveis sobre os quais se come.
- 10 Tecido finíssimo de Bengala. Cento e um em romano.
- 11 Osmio (s.q.). Cálcio (s.q.). Larva das feridas dos animais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 576

HORIZONTAIS:

- 1 Sa Afro
- 2 Surraia A.
- 3 Am Moira Fr
- 4 Tamisa. Tom.
- 5 Atar. Caeté
- 6 Latir. Arcos.
- 7 ANA. Lai.
- 8 Do. Sinal. Co.
- 9 Aro. Aas. Ser.
- 10 Dala. Roga.
- 11 Ema. Batelão.

VERTICAIS:

- 1 FATALIDADE.
- 2 É. Mata. Oram.
- 3 Mata. Olá.
- 4 Sumarias.
- 5 Aros. Raia.
- 6 Ria. Nama.
- 7 Aar. Calas.
- 8 Fia. Aral. Re.
- 9 Rs. Teci. Sol.
- 10 Foto. CEGA.
- 11 Arnes. Orão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9436

HORIZONTAIS:

- 1 Sc. Pagas. Ar.
- 2 Aar. Mas. Ame.
- 3 Roa. Elam.
- 4 Restabelece.
- 5 Ata. Vós. Ris.
- 6 Sada. Patas.
- 7 Ar. Péra.
- 8 Anro.
- 9 Saida. Amues.
- 10 Afro. Armo.
- 11 Sias. Arais.

VERTICAIS:

- 1 Sá. Rasa. Sás
- 2 Careta. Safi.
- 3 Rosada. Ira.
- 4 AT. Irações.
- 5 Am. Ava. Na.
- 6 Garbo. PQT.
- 7 As. Espera.
- 8 El. Aromar.
- 9 Alerta! Ura.
- 10 Amacia. Temi.
- 11 Remessa. Sós.

Provérbio: A FATALIDADE É CEGA.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

As 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Para Todos
LOUCAMENTE APAIXONADO

SALA B

As 14.45, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a.
007 CONTRA GOLDFINGER
c/ Sean Connery

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
DR. JEKYLL GOSTA DELAS QUENTES

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 21.30
e 23.30 - Int. men. 18 a.
MONTENEGRO
Um filme de Dusan Makanejen
3ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CJAMANGO, O VINGADOR
1ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO
15ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para Todos
Festival Jacques Tati
PARADE

CASTIL 530194

Rua Castilho

N. a. m. 13 anos
As 15.30, 18.30 e 21.30
O CASAL TRAPALHÃO
As 24
OS ANJOS DA GUARDA
Int. m. 18 anos

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

As 21.30 - N. ac. men. 13 a.
AVENTURA É AVENTURA
As 24
O AMIGO AMERICANO

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
A FILHA DE ELISABETH
As 24.00
Int. m. 18 anos
OS MISTÉRIOS DA CIDADE MALDITA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
NUNCA DIGAS ADEUS
2ª Semana
As 24
MORTE NO NILO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ENTRE DUAS PAIXÕES
c/Shashi Kapoor, Sharmila
Tagore e Kahir Bedi (Sandokan)

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
PERIGO NA SOMBRA
3ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO
As 24.00
N. a. m. 18 anos
O BOXEUR DE KANGAI

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A ODISSEIA DO SUBMARINO 96

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O REGRESSO A BEM-AMADA
As 24
E A TERNURA... UMA OVA!

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
FIRE FOX
2ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
OS HOMENS QUE EU AMEI
4ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
STAR TREK II
As 24
CAPRICÓRNIO UM

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15, 18.15 e 21.30
N. a. m. 13 anos
O HOMEM DAS LENTES MORTAIS

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER
As 23.45
N. a. m. 13 anos
VIAGEM A ITÁLIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

As 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A FACE DA VINGANÇA
2ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ILHA AZUL
5ª Semana



A saudade de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- Int. men. 13 a.
YOL
As 23.30
A NOITE DO PECADO

SALA 2
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- Int. men. 13 a.
A FÚRIA DE VENCER

As 23.30
A LESTE DO PARAÍSO

SALA 3
As 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
A SAUDADE DE VERONICA VOSS

As 23.30
LAGRIMAS E SUSPIROS

SALA 4
As 14, 16.30, 19, 21.15
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

As 23.30
QUERES OU NÃO QUERES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O DIA DO PERDÃO
c/ Roger Hann, Clid Goldsmith
e J. L. Trintignant

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
GENTE SÉRIA É OUTRA COISA!

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO
3ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14, 16.30, 19 e 21.45
Para Todos
LOUCAMENTE APAIXONADO
5ª Semana

S. JORGE SALA 3

As 14.00, 16.15, 19.00 e 21.15
Int. m. 13 anos
CÍRCULO DE MENTIRA

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

As 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A VIDA CONTINUA

As 24
OS TRAIDORES

7.ª ARTE 730715

Av. República, e Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 88

As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO
Domingo às 11.15
OS 12 TRABALHOS D'ASTÉRIX

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
10ª Semana
As 00.00
MCQ - UM DETECTIVE ACIMA DA LEI

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
4ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
PINK FLOYD - THE WALL
3ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

As 14.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
2ª Ano

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FÚRIA DE VENCER
As 23.45
CHANTAGEM EM LONDRES

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - "Monte Negro", às 21.30 (18 anos)

ALFA 2 - "Os Salteadores da Arca Perdida", às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - "Pink Floyd - The Wall", às 21.30 (18 anos)

2000 - "Cortina de Fumo", às 21.30 (13 anos)

CITY CINE - "A Odisseia do Submarino 96", às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - "Firefox", às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - "Sexo Espacial" - Sessões permanentes (18 anos)

CAPITÓLIO - "Excessos Pornográficos", às 21.00 e 23.00 (18 anos)

RESTELO - "Rocky III", às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - "O Caminho da Esperança", às 21.30 (13 anos)

MUNDIAL - "O Homem que Veio do Espaço", às 21.30 (18 anos)

ROYAL - "Os 3 Indomáveis Malucos", às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - "O Clarim da Revolta", às 21.30 (18 anos)

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - "Os 5 Magníficos", às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - Oeiras-Cine - "A Amante do Tenente Francês", às 21.15 (18 anos)

PARADE - Royal-Cine - "O Leão do Deserto", às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Casino - "Nijinsky", às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Palácio - "A Corrida Mais Louca do Mundo", às 21.15 (13 anos)

CASCAIS - IMPALA - "Mercenários por Conta Própria", às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Oxford - "O Vingador da Noite", às 21.30 (18 anos)

Outra banda

COSTA DA CAPARICA - Silcine - "Arthur, o Alegre Conquistador", às 21.45 (13 anos)

ALMADA - Cine-Almada - "Esplendor na Relva", às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Incrível - "Estado de Guerra", às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - "A Semente da Inocência", às 21.15 (13 anos)

TRAFARIA - Pavilhão Jardim - "Apocalypse Now", às 21.15 (18 anos)

SETUBAL - Júpiter - "A Ilha Azul", às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - "A Fera", às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Cine-Plaza - "O Juiz Sou Eu", às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Lido - "Estado de Guerra", às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Cinestúdio - "Nijinsky", às 21.30 (13 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - "Os Comandos da Força Z", às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS - Cine-Chaby - "Guerreiros da Fórmula 1", às 21.30 (6 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - "Banana Joe", às 21.30 (13 anos)

Porto

TRINDEADA - "O Casal Trapalhão", às 21.30 (13 anos)

FOCO - "The Wall", às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - "Cocaina Cow-boys", às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - "Cães de Pálha", às 21.30 (18 anos)

TERÇO - "Ódio Velho", às 21.30 (13 anos)

BATALHA - "A Liceal Seduz o Professor", às 21.30 (13 anos)

ÁGUIA - "Madrugada Alucinante", às 21.30 (18 anos)

COLISEU - "Os 5 Magníficos", às 21.30 (18 anos)

OLIMPIA - "Prima eu Amo-te", às 21.30 (13 anos)

S. JOÃO - "Galaxina", às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - "Os Comandos de Sua Magestade", às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL - "Montenegro", às 21.45 (18 anos)

RIVOLI - "A Rainha Africana", às 21.30 (18 anos)

BEBÉ - "Três Irmãos", às 21.45 (13 anos)

LUMIÈRE-A - "Poltergeist", às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-L - "Viva James Bond", às 21.45 (13 anos)

PEDRO CEM - "A Homenagem", às 21.30 (13 anos)

Lisboa

HOJE

PERMANENTE

ALFAMA - SÃO TOMÉ - Ziller - Rua São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AV. D. RODRIGO DA CUNHA** - Aeroporto - Av. Alm. Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA** - 2.ª CIRCULAR - Benfite - Est. de Benfita, 444-A (T. 782606); **BOA-HORA** - AJUDA - Boa Hora - Rua dos Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAIS DO SODRÉ** - Central - Rua São Paulo, 108 (T. 320389); **JARDIM CONSTANTINO** - Portugal - Rua Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **ESTRELA** - Marques Freire - Rua St. Ant. à Estrela, 96; **LUMIAR** - OT. DAS MOURAS - Matos Viegas - Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MADRE DE DEUS** - Romana - Rua Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **OLIVEIRA** - Lemos - Rua Cid da Beira, 119 Lj. A (T. 331692); **PRAÇA DE LONDRES** - Algarve - Av. de Roma, 7-B (T. 882470); **MARQUÊS DE POMBAL** - Branco - Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PICHELEIRA** - Mariuz - Cç. da Picheleira, 140-B/C e Rua Prof. Mira Fernandes, 80703; **PENHA DE FRANÇA** - Carrondo - Rua Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **ALGÉS** - Branco - Av. Comb. Grande Guerra, 29 (T. 2112031); **AMADORA** - Central - Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210); **ODIVELAS** - Gonçalves - Rua Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662); **PONTINHA** - Pimentel - Az. dos Bezouros, Lt. 1-8 (T. 991328)

AMANHÃ - PERMANENTE

ALFAMA - Arnali - Rua Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO ST. AMARO** - RIO SECO - Dilema - Rua Aliança Operária, 49-A/B (T. 636620); **ALVALADE** - Sanex - Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO CEGO** - Providência - Rua D. Filipa Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA** - PORTAS BENFICA - Benfita - Est. Benfita, 678-E (T. 702532); **CAMPO D'OURIQUE** - Almeida - Rua Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **LUMIAR** - Nicolau - Cç

DL

PROPRIEDADE, IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO:
 DESEMPENHO GRÁFICO, S.A.
 Rua da Liberdade, 44 - 1200 LISBOA
 Telefone: 3211547 - 329271/223
 Telex: 305740

Serviço de noite (depois das 21)
 Rua da Liberdade, 44 - 1200 LISBOA
 Telefone: 3211547 - 329271/223
 Telex: 305740
 Distribuição de Portugal
 Rua da Liberdade, 44 - 1200 LISBOA
 Telefone: 3211547 - 329271/223
 Telex: 305740



O TEMPO
 MARES DE HOJE
 PREIA-MAR BAIXA-MAR
 1.19 3.9 m 7.04 1.2 m
 13.37 4.1 m 19.27 1.1 m
 Dia 14
 2.00 4.0 m 7.41 1.1 m
 14.18 4.1 m 20.00 1.1 m
 TEMPERATURA DO AR
 ÀS 9 HORAS

Viana do Castelo 12°
 Bragança 9°
 Vila Real 11°
 Porto 12°
 P. Douradas 7°
 Coimbra 13°
 C. Carvoeiro 15°
 Portalegre 14°
 Lisboa 17°
 Évora 16°
 Beja 15°
 Sagres 17°
 Faro 14°
 P. Delgada 18°
 Funchal 18°

últimas

Campo Maior: vila romana descoberta por operários

PORTALEGRE, 13 - Operários que procediam a escavações descobriram uma vila romana em Campo Maior, no Alto Alentejo.

Um elemento do Centro Elvense de Arqueologia, entidade a quem foi revelada a descoberta, disse à ANOP que a vila romana é constituída por uma casa de lavoura do século II da nossa era.

As escavações, inicialmente destinadas à construção de fundações para um bairro social, prosseguem no local com o apoio da Câmara Municipal de Campo Maior e o Instituto Português do Património Cultural.

GIOVANI SPADOLINI demitiu-se perante o Parlamento italiano. À hora de encerrarmos o jornal, o presidente do Conselho, Spadolini, encontra-se reunido com os membros do Governo para comunicar formalmente a sua intenção e deslocar-se à sequência ao Quirinal para entregar a sua demissão e a do Governo ao chefe do Estado, Sandro Pertini.

NOVENTA E CINCO ARMAS APREENHIDAS pela PSP durante o mês de Outubro nas áreas urbanas que lhe estão confiadas. São 22 de calibre proibido ao comum dos cidadãos, 27 de defesa, 24 de caça e 22 de lâmina (armas brancas). Foram ainda entregues à Polícia 10 granadas e 224 munições diversas.

EMBARCAÇÃO ESPANHOLA EM DIFICULDADES ao largo de Matosinhos, arredores do Porto, conseguiu no entanto atracar ao porto de Leixões pelos seus próprios meios, embora com água aberta.

Os quatro homens da tripulação nada sofreram para além do susto.

JOVEM DELINQUENTE MORTO A TIRO esta madrugada no Bairro da Urmeira a Benfca, movimentou de imediato os investigadores criminais da Judicária, em especial os peritos em homicídio. Trata-se de Jorge Manuel Gonçalves Martins, de 23 anos, que pela 1 hora e 30 teria sido alvejado mortalmente com um tiro no peito por alguém e em circunstâncias que a Polícia procura identificar e esclarecer.

A DELINQUÊNCIA JUVENIL manifesta-se por várias formas mas a de mais incremento é o roubo de valores praticado por adolescentes a crianças. Esta noite e mais uma vez no Jardim da Estrela, um estudante de 14 anos, Pedro Rodrigues da Silva, viu-se ameaçado com uma navalha por um jovem de apelido Ferreira, e despojado do relógio. Só que alguns populares, obedecendo a um sentido cívico, acorreram aos gritos do garoto e prenderam o nóvel assaltante.

REFÉNS LIBERTADOS pelos rebeldes moçambicanos estão indecisos entre continuar a trabalhar em Moçambique ou regressarem a Portugal. São três casais e uma criança, de 5 anos.

Soares nega envolvimento com Capucho e Proença

O dr. Mário Soares negou ontem, durante a conferência de imprensa que decorreu no Largo do Rato, que tivesse tido qualquer encontro com António Capucho e Proença de Carvalho para combinarem os debates televisivos sobre as autárquicas e nos quais apenas aparecem representantes do PS e da AD, com exclusão da APU.

Esta afirmação do dr. Mário Soares, que pareceu ficar muito agastado com os factos ontem relatados com relevo pelo «DL», surgiu na sequência de várias questões postas por este jornal na referida conferência de imprensa - questões que ficaram sem resposta, pois o dr. Mário Soares, com a naturalidade que lhe é habitual, passou-lhes ao lado.

Repetimos, pois, essas questões ainda sem resposta: quem contactou o PS para participar nos debates do canal 1 da RTP, no programa «1.ª Página»?; que critérios foram estabelecidos e entre quem, uma vez que a responsável do programa disse e repetiu que nada teve a ver com eles? Quem convidou o eng. Eduardo Pereira a participar no próximo dia 25 num debate sobre Lisboa, tendo como «adversário» o eng. Krus Abecasis? Por que razão um debate anteriormente combinado, à revelia da APU, sobre Setúbal, foi posteriormente substituído por um debate sobre Coimbra? E quem foi que primeiramente decidiu um debate sobre Setúbal sem que a APU tivesse sido ouvida sequer, apesar de ser, de longe, a primeira força nesse concelho? Considera o dr. Mário Soares e o PS que o pluralismo de Informação a que a RTP constitucionalmente está obrigada é respeitada com este tipo de debates em que APU está deliberadamente excluída? O PS está disposto a dar cobertura, com a sua presença em tais debates, à política informativa da TV-//Proença?

O dr. Mário Soares limitou-se a dizer que se os candidatos do PS são convidados não têm que saber quem mais vai à televisão. **Aceitam ou não - é tudo** - rematou, adiantando de seguida que se o «DL» lhe pedir uma entrevista não tem que saber se o dr. Álvaro Cunhal (sempre o fantasma do secretário-geral do

PCP a dominá-lo...) também vai ser entrevistado pelo «DL» ou não. No mesmo sentido se pronunciou o eng. Eduardo Pereira, que referiu que ainda há dias foi entrevistado pela Rádio Renascença e não curou de saber se lá ia gente da AD ou da APU...

...Só que um e outro confundem, deliberadamente ou não, a RTP, com um estatuto bem definido e um poder que pode ser decisivo em termos eleitorais, com órgãos de Informação privados como a RR ou o «DL».

E já agora, pomos outra questão ao dr. Mário Soares e ao PS: que assuntos importantes terão estado na agenda para que o dr. Proença de Carvalho tenha telefonado várias vezes para o Rato, na quinta-feira, como o «DL» soube junto de círculos internos da RTP onde todas estas questões se sabem?

Aliás, as relações de Mário Soares com Proença de Carvalho, e o tratamento carinhoso que este dirigente da «oposição» vem tendo no principal órgão de Informação do País, especialmente depois de iniciada a guerra interna com o ex-Secretariado, é um tema de tal significado político que merece, por si só, um tratamento à parte. Para já, no entanto, vamos aguardar com muita curiosidade o programa de logo à noite, no Canal Um de RTP, onde o dr. Mário Soares vai tomar café depois do dr. Lucas Pires e talvez antes do dr. Marcelo Rebelo de Sousa.

CDS de Cascais protesta

Entretanto o «DL» pode adiantar um outro facto que nos parece da maior relevância: o dr. Carlos Rosa, do CDS, actual presidente da Câmara de Cascais, cargo a que concorre de novo, enviou um telex à Comissão Nacional de Eleições levantando dúvidas quanto à legalidade dos debates televisivos sobre as autárquicas, nos quais umas Câmaras são marginalizadas em relação a outras.

O dr. Carlos Rosa pediu uma intervenção em «tempo útil» da CNE, e, em declarações ao «DL», mostrou também a sua discordância com o critério de serem convidadas apenas as duas forças mais votadas em cada concelho para aparecerem nos «ecrans» - «que têm a força que se sabe» - a dizerem de sua justiça.

No entanto, fez questão de esclarecer, esta sua posição é apenas de princípio, e ao torná-la pública, não quer fazer qualquer crítica à televisão. «Penso, contudo, que devemos pensar em todas as consequências que estes debates podem ter» - disse ainda, lembrando que tem muitas dúvidas quanto ao processo seguido.

Requerimento do PCP

Toda esta questão das negociações, que na televisão se fazem sobre a informação que é ministrada ao povo português, ainda vai no adro.

Ontem o PCP apresentou na mesa da Assembleia da República um requerimento ao governo onde são feitas as seguintes perguntas (e cujas respostas aguardamos com muito interesse):

1. Como é possível compatibilizar esta decisão da RTP com as disposições constitucionais e legais de defesa do pluralismo, da independência e da igualdade de tratamento das diferentes forças políticas concorrentes a actos eleitorais?

2. Como sabe a RTP, **a priori** e acerca de um mês das eleições autárquicas quais são, **neste momento** as principais forças políticas do distrito de Coimbra ou de qualquer outro distrito ou concelho do País?

3. A ser efectuado tal programa da forma prevista, tenciona a RTP generalizar tais critérios - aberrantes, antidemocráticos e ilegais - a outros distritos e concelhos?

4. Se esta forma intolerável de manipulação da opinião pública for por diante, tenciona a RTP aplicar iguais critérios a outros distritos e concelhos, como por exemplo o de Lisboa, em que as duas principais forças são a AD e a APU, marginalizando assim discriminatoriamente o PS (terceira força na cidade e no distrito) o que desde já igualmente repudiamos?

5. Não acha o Governo que a escolha dos concelhos de Coimbra, Porto e Lisboa não passa de uma manobra para, a pretexto da eventual discussão de problemas de interesses meramente local, utilizar a RTP - órgão de Comunicação Social de características nacionais - para debates de profundas implicações nacionais?

2. Como sabe a RTP, **a priori** e a cerca de um mês das eleições autárquicas quais são, **neste momento**, as principais forças políticas do Distrito de Coimbra ou de qualquer outro Distrito ou Concelho do País?

3. A ser efectuado tal programa da forma prevista, tenciona a RTP generalizar tais critérios - aberrantes, antidemocráticos e ilegais - a outros distritos e concelhos?

4. Se esta forma intolerável de manipulação de opinião pública for por diante, tenciona a RTP aplicar iguais critérios a outros Distritos e concelhos, como por exemplo o de Lisboa, em que as duas principais forças são a AD e a APU, marginalizando assim discriminatoriamente o PS (terceira força na cidade e no Distrito) o que desde já igualmente repudiamos?

5. Não acha o Governo que a escolha dos Concelhos de Coimbra, Porto e Lisboa não passa de uma manobra para, a pretexto da eventual discussão de problemas de interesse meramente local, utilizar a RTP - órgão de comunicação social de características nacionais - para debates de profundas implicações nacionais?

1. Como é possível compatibilizar esta decisão da RTP com as disposições constitucionais e legais de defesa do pluralismo, da independência e da igualdade de tratamento das diferentes forças políticas concorrentes a actos eleitorais?

2. Como sabe a RTP, **a priori** e acerca de um mês das eleições autárquicas quais são, **neste momento** as principais forças políticas do distrito de Coimbra ou de qualquer outro distrito ou concelho do País?

3. A ser efectuado tal programa da forma prevista, tenciona a RTP generalizar tais critérios - aberrantes, antidemocráticos e ilegais - a outros distritos e concelhos?

4. Se esta forma intolerável de manipulação da opinião pública for por diante, tenciona a RTP aplicar iguais critérios a outros distritos e concelhos, como por exemplo o de Lisboa, em que as duas principais forças são a AD e a APU, marginalizando assim discriminatoriamente o PS (terceira força na cidade e no distrito) o que desde já igualmente repudiamos?

5. Não acha o Governo que a escolha dos concelhos de Coimbra, Porto e Lisboa não passa de uma manobra para, a pretexto da eventual discussão de problemas de interesses meramente local, utilizar a RTP - órgão de Comunicação Social de características nacionais - para debates de profundas implicações nacionais?

6. Como explica o Governo serem as três Câmaras escolhidas todas presididas pela AD? Ou terão sido escolhidas estas três Câmaras face à gestão completamente desastrosa que as caracterizou no último triénio de responsabilidade da AD? Ou ainda porque em duas delas houve necessidade de substituir

o cabeça de lista, face exactamente a esta desastrosa gestão, sendo agora as listas encabeçadas por figuras completamente desconhecidas das respectivas populações e que a RTP do senhor Proença de Carvalho «milogrosamente» ajudaria, tornando-os subitamente «populares»? Ou será ainda porque a RTP, com a cumplicidade e a cobertura do Governo, pretende generalizar a falsa ideia de que os resultados nestes três concelhos - interpretados à maneira da AD - seriam o reflexo da vontade de **todo** o eleitorado nacional?

7. Por que razão a RTP não tomou qualquer iniciativa no sentido de informar a Aliança Povo Unido sobre estes debates, quando o já tinha feito, e há muito, em relação às outras forças políticas?

8. Finalmente, não pensa o Governo que a marginalização de uma força política fundamental como a Aliança Povo Unido, representativa de mais de 20 do eleitorado nacional, que tem a presidência de 50 Câmaras Municipais, que administra a vida de cerca de um milhão e setecentos mil portugueses, numa área correspondente a cerca de um terço do território nacional, é uma medida atentatória das liberdades fundamentais (e consequentemente inconstitucional), censória (ao procurar esconder da opinião pública uma força política como a APU que obteve mais de um milhão de votos nas últimas eleições autárquicas) e consequentemente inadmissível, ilegal e intolerável?

A atenção do PS

Por fim, uma pequena nota quanto à conferência de Imprensa: o PS tem que as preparar com mais cuidado e seriedade. Dizemo-lo com serenidade: não é aceitável que a sala onde os jornalistas se encontram com os dirigentes partidários esteja, como é habitual, cheia de funcionários partidários, amigos ou simples curiosos, que passam a vida a gritar «muito bem, muito bem», quando Mário Soares, Eduardo Pereira ou Almeida Santos respondem aos jornalistas. Aquilo, às vezes, até mais parece um clube de donas de casa ou um centro de convívio da terceira idade, a quem foi dado um espectáculo para ocupar os seus tempos livres.

Além disso, ontem aconteceu que, no final da conferência de Imprensa, a esposa do dr. Jorge Campinos (ao que me disseram, porque eu não tinha o prazer de a conhecer, a não ser pelo telefone, onde a sua voz, com um engraçadíssimo toque francês, é inconfundível) dirigiu-se a este representante do «DL» dizendo para quem quis ouvir, de dedo em riste: «O senhor, se fosse em França, já estava erra preso. É preciso não ter vergonha de dizer o que disse no jornal. É uma vergonha!».

De facto, é mesmo uma vergonha.

Ribeiro Cardoso

Naufrágio na costa africana

Nove pescadores de Peniche desaparecidos

Naufragou no dia 6 do corrente mês quando pescava entre as Canárias e a Mauritânia o pesqueiro «Altar de Deus» com 15 tripulantes a bordo, dos quais nove estão dados como desaparecidos: José Bem Murraças, Rufino dos Santos Junior, António Patrício Caldas, Arlindo Miguel Arsénio, Casimiro Lúcio Ângelo, Olivério dos Santos Ribeiro, Luís Filipe Cruz, Carlos Manuel Garcia e Osvaldo João Antunes.

Salvos, depois de andarem catorze horas à deriva numa balsa, por um petroleiro dinamarquês, os restantes tripulantes seriam desembarcados em Cabo Verde e regressaram a Lisboa ontem de avião. São eles: o motorista Inácio Bagos Carlinhos e os pescadores: Gregório José Melro

Henriques, Leonel José Silva Candeias, Eurico Dias Germano e Vasco Bonifácio Miranda dos Santos.

A paragem do motor associada a excesso de peso, depois de dois dias e meio de viagem iniciada em Peniche, teria estado na origem da tragédia. As vagas altísimas, com cerca de cinco metros de altura fizeram soçobrar a embarcação em menos de dois minutos. Eram 20 horas e 15 minutos, já de noite quando tudo se consumou, sem possibilidades de aguardar auxílio. Há mesmo dúvidas se o mestre Oliveira Ribeiro teria conseguido pedir socorro pelo rádio.

Só ontem com o regresso dos sobreviventes se tomou conhecimento do naufrágio, e mesmo

em Peniche pouco mais havia que uns simples rumores, o que é pelo menos muito estranho.

O «Altar de Deus», um barco novo construído há três anos, era propriedade do mestre Olivério. Tinha 21-83 metros de comprimento e sessenta toneladas de arqueação. Nesta viagem dirigia-se a Las Palmas nas Canárias onde esperava chegar dentro de dia e meio antes do naufrágio. Levava no convés 330 redes e 45 bidões de gasóleo, peso que terá contribuído para o trágico desfecho.

É grande a consternação em Peniche pois são remotas as hipóteses de qualquer dos nove pescadores vir a ser encontrado com vida.

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ A PROXIMA SEXTA-FEIRA

SABADO 6 DE NOVEMBRO DE 1962

Brasil: uma campanha alegre

PAULINHO É GOLDMAN

"Se morasse em São Paulo, meu voto seria para Alberto Goldman. O PMDB representa nacionalmente a alternativa de conquista da democracia. Precisamos nos unir para enfrentar a crise econômica e evitar que o Brasil desapareça como Nação. Precisamos eleger homens inteligentes, corajosos e que tenham a vocação da unidade."

"Não é casual que Alberto Goldman seja o Secretário Geral do PMDB em São Paulo — é exatamente o Estado em que o PMDB tem mais força, organização e expressão para ser uma alternativa de governo democrático. Não tenho dúvidas. Em São Paulo, meu voto seria para Goldman."

Paulinho da Viola, músico

PARA DEPUTADO FEDERAL
ALBERTO GOLDMAN - N.º 553 PMDB

WILSON ABDALLA
Deputado Estadual
PDS N.º 1106

O candidato do motociclismo

WILSON ABDALLA
Pres. da Federação
Paulista de
Motociclismo

Dep. Federal
PAULO MALUF N.º 111
Governador
REYNALDO N.º 1

MULHER, MÃE, ATRIZ, AVÓ, GUERREIRA
— ela é um barato.



Pela Mulher Do Brasil - eleja RUTH ESCOBAR P. DEP. ESTADUAL - 5240 - comitê de apoio: 287-1639

NA PÁGINA 4

Tati,
o
inventor
fulminado

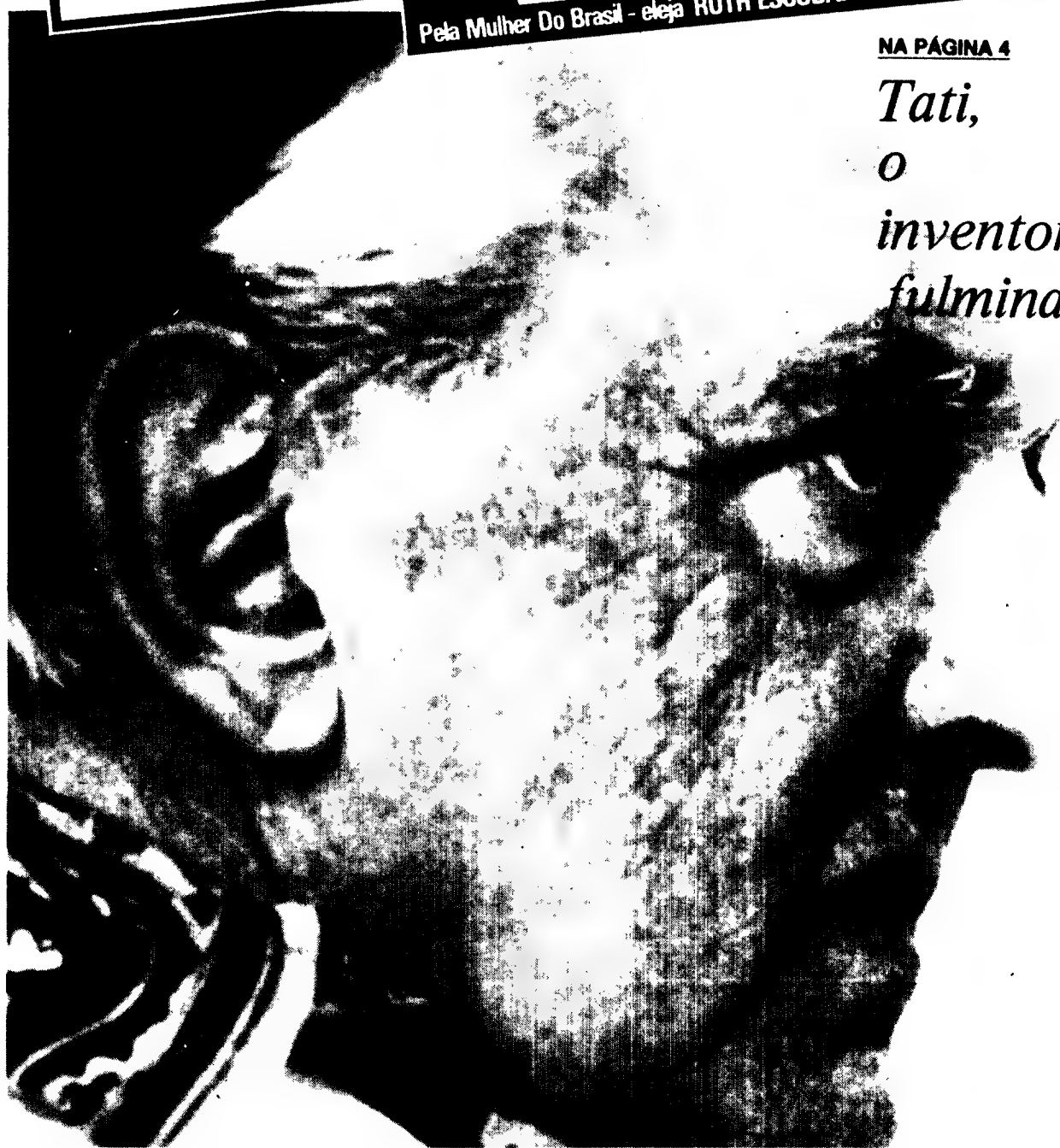
NA PÁGINA 7

Uma Imprensa
só para homens



No dicionário de Cinema:

Isabel
de Castro



Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

- A saudade de Veronika Voss de Rainer Werner Fassbinder (RFA-1982)

O cinema é, dizem, uma fábrica de sonhos. A morfina também. De cinema e morfina fala este filme. E de morte. E de sonhos de grandeza, à medida da Alemanha. E de impiedade, cupidez, poder, à medida da Alemanha.

Ninguém vive muito tempo entre a saudade e a fuga.

Cinema Quarteto — sala 3 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h) (não acons. men. 18 anos)

- A guerra do fogo de Jean-Jacques Annand (França — Canadá — 1981)

A pré-história, os alvares do homem, num filme arriscado e inteligente. Como quem constrói um imaginário, como quem faz luz onde só havia negrume. Jean-Jacques Annand produz, com **A guerra do fogo**, uma das surpresas do ano.

Cinema Borna (14, 16.30, 19 e 21.30 h) (não acons. men. 13 anos)

- Os saltadores da arca perdida de Steven Spielberg (USA-1981)

O tandem Lucas-Spielberg produziu um sucesso histórico e uma máquina de entretenimento sem falhas. Todos gostam de voltar ao imaginário adolescente da aventura, nem que seja pelo tempo de um filme.



Hilmar Thate e Cornelia Froboess em **A Saudade de Veronika Voss** de Fassbinder

Cinema Alfa 2 (13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h) (não acons. men. 13 anos)

- A face do poder de Alan J. Pakula (USA — 1981)

O dinheiro, o jogo da finança, o apocalipse e o amor. Embora fundado na ignorância (mantida) do espectador e na sua insegurança quanto aos mecanismos que o podem levar à prosperidade ou ao desemprego. **A face do poder** consegue navegar por outros territórios, onde ignorar é o balanço de um risco e o risco a única coisa que faz funcionar a adrenalina: o amor.

Cinema Nimas (14, 16.15, 18.30 e 21.30 h) (interdito a men. 13 anos)

- Yol de Yilmaz Güney e Serif Goren (Turquia — Suíça — 1982)

A sequência da neve vale o filme. Tanta dor, tanto amor, tanta impotência que o écran quase se estilhaça de agressiva beleza, de gritos, de silêncio.

O resto do filme é bem menos surpreendente. Mas, apesar de desequilibrado, **Yol** é uma película a merecer séria atenção.

Cinema Quarteto — sala 1 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h) (interdito a men. 13 anos)

- Poltergeist de Tobe Hooper (USA — 1982)

Escrito, produzido, concebido por Spielberg, **Poltergeist** é um filme que junta uma ideia genial à quinquilharia da vulgata do cinema de terror (caixões e exorcismos, & etc...). Excepcionais efeitos especiais e alguma ironia não o fazem, porém, ser mais que uma desilusão.

AS ESTRELAS

A saudade de Veronika Voss	★★★★★
A guerra do fogo	★★★★
Os saltadores da arca perdida	★★★★
A face do poder	★★★
Yol	★★
Poltergeist	★★
Noites escaldantes	★
Uns e... os outros	★
The wall	★

~ A «chave»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar

Cinemas S. Jorge 1 (15.15, 18.30 e 21.30 h) e 7.ª Arte (14.45, 17, 19, 21.30 e 23.30 h) (não acons. men. 18 anos)

- Noites escaldantes de Lawrence Kasdan (USA — 1981)

Quando o filme negro é repescado sem nervo nem inventiva, o resultado soa falso, o espectador arrisca-se ao bocejo da previsibilidade. É o que acontece nesta estreia de Kasdan como realizador.

Cinemas Quarteto — sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h) e Terminal (11, 13, 15, 17,

19, 21.30 e 23.30 h) (não acons. men. 18 anos)

- The wall de Alan Parker (G.B. — 1982)

Toda a atenção, todos os aplausos para a funda raiva, para a intensidade do som dos Pink Floyd (a que a amplificação do Tivoli dá justa reprodução). Todas as reservas, todas as resistências, todo o desprezo para a imagética de Parker.

Cinemas Alfa 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h) e Tivoli (14, 16.30, 19 e 21.30 h) (nã acons. men. 18 anos)

Ciclo Buñuel: o fim

E andando, andando sempre, cá chegamos à fase inicial do Ciclo Luis Buñuel que a Cinemateca Portuguesa e a Fundação Calouste Gulbenkian vêm apresentando. Fase final que vai desenrolar-se no grande Auditório da Fundação, fase final em que cada filme é, uma obra-prima.

(É verdade, já saiu o catálogo, é soberbo, comprem depressa que não lamentarão os 500\$00 desembolsados. João Bénard da Costa afiou o estilo — mas não tanto quanto em Hitchcock — e aborda Buñuel com entusiasmo, inteligência mas — porque será? — sem paixão.)

Bom, mas vamos aos filmes. Hoje à tarde (18.15h), ainda na Cinemateca, repete-se **The young one**. Antes disso (às 15.30h), no regresso ao grande Auditório, chega **Viridiana**.

Viridiana é um dos filmes mais célebres de Buñuel. Mas, pelo que me diz respeito, não é dos que situo em primeiro lugar na espera da perturbação erótico-sacriléga que os seus filmes sempre (?) me produzem. O escândalo que o acompanhou na estreia em 1961 (com o «Observatore Romano», roxo de raiva, a chamar-lhe blasfemo) parece-me ter contribuído mais para a aura do filme do que o que está no écran. Se quiserem, acho o filme violento mas tão explícito, tão óbvio, que a perturbação não chega, o que surge é um certo sarcasmo. Como o Cristo sadiano de **L'âge d'or**: agride mas não põe, verdadeiramente em causa. A ferocidade cósmica que, um dia, julguei



Delphine Seyrig e Paul Frankeur em **A Via Láctea** de Buñuel (a exhibir dia 15, às 21.30 h.)

ver nele não se confirmou numa revisão posterior.

Que isto não leve, porém, o leitor a menosprezar **Viridiana**. É indiscutível que vale a pena vê-lo. Quer dizer, se o leitor nunca teve hipótese de a ele aceder vá, mas se é daqueles que o «esqueceram» quando passou no Apolo 70 em 1976, escusa de se «lembrar» só porque agora passa na Gulbenkian. Aquilo não é, propriamente, um chá de caridade e garanto-lhe que vai

haver uma quantidade de gente que queria mesmo ver o filme e não tem bilhete...

Logo à noite (21.30h) há **El angel exterminador**, outra estreia absoluta em Portugal, outro filme mítico de Buñuel, uma das últimas descobertas que o ciclo permite.

Amanhã, domingo, prepare-se para passar o dia na Gulbenkian. À tarde (15.30h) o fabuloso **Diário de uma criada de quarto** e o encontro com

Simão do deserto (inédito em Portugal), justificam a presença.

Diário de uma criada de quarto, com uma Jeane Moreau capaz de ser objecto de desmedidas sugestões eróticas e com Buñuel a olhar a França dos alvares dos anos 30 com um desgosto e uma ironia sem limites, é um daqueles filmes cuja revisão sempre melhora a impressão com que deles ficamos, um bom critério de aferição.

Mas, à noite, que se cale tudo o que a antiga musa canta, etc., que vem ao cume do génio de Buñuel. Chama-se **Belle de jour** e apetece perguntar, com Catherine Deneuve, aos que torçam o nariz, o que é que vocês sabem disto? Vão ver, já, e se não saírem da sala com a sensação de que estiveram no sítio exacto onde se intersectam o céu só imaginam coisinhas cor-de-rosa com querubins e do inferno só se lembram de incêndios.

E se o céu e o inferno, Deus e o Diabo, o pecado e a graça, o alfa e o ómega, o rigor e o silício, a prece e o êxtase, a estrada de Damasco e as inquisições, só vos fazem lembrar coisas chatas da catequese (e se ao menos não se recordam se a catequista era carnuda ou magricela) também não está indicado que vejam **A via láctea**, filme que passa segunda-feira, às 21.30h. Não há filme mais intrinsecamente católico em toda a História do Cinema. E é o expoente da vertente religiosa da obra de Buñuel.

Vale a pena fazer uma volta para falar das actrizes de Buñuel nos seus filmes «franceses» dos anos 60. Todas bonitas mas louras, algo frias, todas senhoras que depois se transformam na fogueira do desejo. Jeanne Moreau, a sempre amada Delphine Seyrig (que outra voz acorda em nós dolências e mistérios?), Catherine Deneuve (a impossível, a que se pode temer?). Temos não sei se é palavra que seja adequada a **Tristana**, que passa no dia 16 às 21.30h. Pensando melhor acho que não. É uma palavra de quem se retém

e **Tristana** é um filme de vertigem.

No dia 17 (às 21.30h) entramos na trilogia final de Buñuel. Há quem a considere genial, eu parece-me que é, talvez, um brilhante (sem dúvida) chover no molhado do símbolo e do irrisório. Nunca consegui apaixonar-me pelos avestruzes a entrar no quarto. Eu sei que não estão lá para fazer sentido, mas creio que uma espécie de escrita automática no cinema não é coisa particularmente interessante.

E se **O charme discreto da burguesia** (que passa a 17) ainda tem alguma chama (pelo objecto em causa e pelas coisas por que o põem a passar), **O fantasma da liberdade** (que vem a 19) é algo que me deixa indiferente e perplexo. Problema meu, é claro, que toda a gente não o apelida de nada menos que genial.

A obra de Buñuel acabaria, para mim, em baixo, se não houvesse **Esse obscuro objecto do desejo** (que também é exibido a 19, às 21.30h em sessão conjunta com **O fantasma da liberdade**). Aí a mulher é duas mulheres (todas as mulheres) e o desejo não é mais que o interminável adiar de uma conclusão. Jogo perverso (delicioso?) com que Buñuel encerra uma carreira com a mesma insuportabilidade com que a começou. Em **Um chien andalou** uma navalha de barba cortava um olho, castrava a visão. Aqui, o **voyeurismo** é uma única satisfação. Afinal é só isso o que resta a um espectador de cinema.

J.L.R.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Jorge Leitão Ramos

CASTRO, ISABEL DE

Isabel Maria Bastos Osório de Castro e Oliveira nasceu em Lisboa, a 1 de Agosto de 1931.

Frequenta o liceu apenas até ao 3.º ano porque, com treze anos de idade, participa num concurso aberto pela revista «Eva» para arranjar meninas colegiais para o filme **Ladrão precisa-se**. Ganha um dos papéis e assim entra no cinema.

Em 1945 estreia-se no palco, no Teatro Estúdio do Salitre; nesse ano ingressa no Conservatório, faz o 1.º ano mas não acaba, então, o curso, já que, em 1946, vai a Espanha fazer dois filmes. Contratada pela Doperfilme — então com actividade produtora — a conclusão do curso do Conservatório em 1947 (um acto de «Zilda» de Alfredo Cortez) não a levou para o teatro. Escreve um romance («Antes da vida começar...») que só publica em 1951.

Em 1949 vai para Espanha (onde ficará até 1956) e roda 15 filmes nesse país. Só no seu regresso a Portugal inicia verdadeiramente uma carreira teatral: «Amor de perdição» de Camilo Castelo Branco/Marcelino Mesquita (enc. Samwel Diniz) no Teatro da Trindade.

A partir daí (e sem nunca abandonar o cinema) o teatro ocupa-a preferencialmente.

De 1957 a 1960 está no Teatro Nacional Popular onde ingressa para «Noite de reis» de Shakespeare (enc. Ribeirinho).

Em 1962, está numa tournée por Angola e Moçambique numa Companhia de Giuseppe Bastos, naquela que foi a sua única experiência em teatro de revista.

Nesse princípio dos anos 60 trabalha sobretudo para Vasco Morgado: «A idiota», «O sedutor», «Boeing-Boeing», «O comprador de horas» são algumas das peças em que entra.

Em 1964 assinalamo-la em «Antígona» de Jean Anouilh (enc. Jacinto Ramos), em 1965 em



Isabel de Castro no seu mais recente papel: a avó de **Sem Sombra de Pecado** (foto de rodagem)



Isabel de Castro, cancerosa, desesperada e lasciva, em **Domingo à Tarde**

«Desculpe se o matei» de Alex Coppel (enc. Artur Ramos), em 1966 em «A guerra do espanador» de Neil Simon (en. A. Ramos). Nesse ano vai para o Teatro Experimental do Porto: «A estalajadeira» de Goldoni (enc. Rogério Jacobi), «O tempo e a ira» de Osborne (enc. Fernando Gusmão).

Regressa ao Teatro Nacional Popular por duas épocas. Referenciam-se as peças «A esposa trocada» de Thomas Middleton (enc. Ribeirinho) em 1967 e «Não se sae como» de Pirandello (enc. Costa Ferreira) em 1968.

Transita para o Teatro Estúdio de Lisboa onde, sob a direcção de Luzia Maria Martins, faz: 1969 — «Anatomia de uma história de

amor» de Luzia Maria Martins, «As mãos de Abraão Zacut» de Luís de Sttau Monteiro; 1970 — «Victor ou as crianças no poder» de Roger Vitrac; 1971 — «A cozinha» de Arnold Wesker. Entretanto (em 1970) faz uma curta experiência jornalística no «Diário de Lisboa».

Depois de uma breve passagem pela Casa da Comédia faz a experiência frustrada de «Dura lex sed lex» ao lado de Vitor Espadinha e ingressa no Teatro Experimental de Cascais para «Fuenteovejuna» de Lope de Vega (enc. Carlos Avilez). Com o TEC faz diversas digressões e várias outras peças. Refira-se «Cerimonial para um combate», em 1974, «Despedimento sem justa causa» de Júlio Maurício (enc. Rogério

Paulo) em 1976, «A ópera dos três vinténs» de B. Brecht (enc. Carlos Avilez).

Depois de «A invenção do amor» de Daniel Filipe (enc. Filipe La Faria) na Casa da Comédia, vamos encontrá-la na Cornucópia: «Casimiro e Carolina» de Odón von Horváth (encenação, dramaturgia e cenografia de Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Melo e Cristina Reis) e «Auto da Família» de Fiamma Hasse de Pais Brandão (enc. L.M. Cintra) em 1977, «Música para si» de Franz — Xaver Kroetz (enc. L.M. Cintra e J.S. Melo) em 1978 e «E não se pode exterminá-lo?» de Karl Valentin (enc. J.S. Melo) em 1979, são as peças em que participa.

Em 1980 escreve a peça infantil «Eva ou renascer» que monta com uma companhia que funda (Teatro à beira da estrada) e com a qual percorre o país.

Mas em 1980 está também em «Conceição ou o crime perfeito» de Jaime Salazar Sampaio (enc. Rogério de Carvalho) no Teatro S. Luiz e, em 1981, reincide com o mesmo autor e o mesmo encenador em «O desconcerto».

Em 1982 encontram-na em «O processo de Jesus» de Diego Fabri (enc. António de Cabo), no Teatro da Trindade.

FILMOGRAFIA: **Ladrão, precisa-se!**... de Jorge Brum do Canto (1945); **Viela — rua sem sol (Barrio)** de Ladislav Vajda (Espanha — 1946); **Amanhã como hoje (Mañana como hoy)** de Mariano Pombo (Espanha — 1947); **Heróis do mar** de Fernando Garcia (1948); **Fogo!** de Arthur Duarte (1948); **Brigada criminal** de Ignacio F. Iquino (Espanha — 1950); **Bajo el ciclo de Asturias** de Gonzalo Delgrás (Espanha — 1950); **La danza del corazón** de Ignacio F. Iquino e Raul Alfonso (Espanha — 1951); **Dulce Nombre** de Enrique Gomez (Espanha — 1951); **El sistema Peligrin** de Ignacio F. Iquino (Espanha — 1951); **Almas en peligro** de António Santillan (Espanha — 1951); **Persecucion**

em Madrid de Enrique Gómez (Espanha — 1951/52); **Mercado prohibido** de Xavier Seto (Espanha — 1952); **Bronce y luna** de Xavier Seto (Espanha — 1952); **La hija del mar** de António Momplet (Espanha — 1952/53); **La montaña sin ley** de Miguel Lluch (Espanha — 1952/53); **un camino a la derecha** de F. Rovira — Beleta (Espanha — 1953); **El golfo que vio una estrella** de Ignacio F. Iquino (Espanha — 1953); **El presidio** de António Santillan (Espanha — 1953/54); **O dinheiro dos pobres** de Artur Semedo (1954); **El cerco** de Miguel Iglesias (Espanha — 1955); **As pupilas do senhor reitor** de Perdigão Queiroga (1960); **Sexta-feira, 13 (Martes y 13)** de Pedro Lázaga (Espanha — 1961); **Fado corrido** de Jorge Brum do Canto (1964); **Domingo à tarde** de António de Macedo (1965); **A porta de número errado (?)** de Miguel Lluch (Espanha — 1966); **O destino marca a hora** de Henrique Campos (1969); **Brandos costumes** de Alberto Seixas Santos (1973); **Eusébio, a pantera negra (Eusébio, la pantera negra)** de Juan de Orduña (1973); **Lerpar** de Luis Couto (1975); **O rei das Berlengas** de Artur Semedo (1975/77); **Música para si** MM de Solveig Nordlund (1978); **Passagem ou a meio caminho** de Jorge Silva Melo (1980); **Tiaga** MM de Noémia Delgado (1980); **Conversa acabada** de João Botelho (1980); **Francisca** de Manoel de Oliveira (1980); **Sem sombra de pecado** de José Fonseca e Costa (1982).

Há quem diga que esta mulher «queimou» uma carreira. E, de facto, se olharmos para a sua filmografia, ficamos espantados não só com o número de filmes mas, sobretudo, com a profunda disparidade das películas em que entrou. Há o muito bom e o muito mau, o sofrível, o aceitável, o satisfatório, toda a gradação de qualificativos possíveis.

Da sua fase espanhola não conheço nenhum filme. «Beleza radiante» lhe chama Fernando



Isabel de Castro («beleza radiante») e Raul de Carvalho em **Fogo!**

Mendez-Leite na sua «História del cine español», onde destaca dois filmes em que Isabel de Castro entrou: **Hay un camino a la derecha** e **Persecucion** em Madrid. Mas, tendo abandonado a Espanha no preciso momento em que aí se começava a produzir um cinema interessante, que a vemos fazer por cá?

Domingo à tarde, um pouco literato nos diálogos, mas onde Isabel de Castro chega a ser impressionante no cansaço e no desespero com que compõe a rapariga cancerosa; **O destino marca a hora** onde, apesar de se apaixonar por Tony de Matos e ter um texto impossível, consegue não envergonhar; **Lerpar** onde não resiste

à derrocada geral: **Brandos costumes** onde tem uma cena antológica; **Música para si** onde é rigorosamente fabulosa... E tantos mais.

Em cinema ela passou por quase tudo. Não incólume, que a vida dá tombos, mas sempre saltou para a vaga seguinte. Não creio que haja outra actriz no recente cinema português que tenha sido vedeta e quase figurante, jovem apaixonada, mulher lasciva, senhora solitária e avó, que tenha sabido encontrar em cada momento (e em meio avaro) não só papéis de subsistência mas filmes em que a gente a recorda. Rodou muito, aprendeu bastante, é um verdadeiro «animal de cena». Vai continuar.

POUPE COMBUSTÍVEL
Não faça manobras desnecessárias.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccoes

Av. João XXI, 8-D 1000 (metro Arroios) Rua Intinerária, 16-56 C - 1300 LISBOA

EMPREGO PRECISA-SE

Reformado, com 55 anos, precisa emprego, compatível com a sua idade.
Resposta pelo telefone n.º 605318

Sociedade Sete Ponto Sete

Homenagem a Jacques Tati

O inventor fulminado

Foi um cineasta de que muitos viram os filmes mas que não tantos amaram. Na nossa cabeça todos os seus filmes se misturam, todos os seus «gags» simpáticos se cruzam, às vezes não se saberia dizer a que filme pertencem. Boa coisa para um cineasta em que cada novo filme (e tantos anos ele os demorava a criar!) era sempre envolvente do anterior com a única excepção do seu trabalho terminal, (*Parade*), um circo de perplexidade para quem esperava uma outra volta. Era em vídeo e, em 1974, pouca gente se apercebeu que essa volta para um outro material ia ser a volta da década.

Seis longas metragens nos deixou Tati quando, na semana passada, morreu. E porque é que, ao contrário de tanta outra gente do cinema (1982 tem sido ano fatídico), a sua morte impressiona menos? Porque Hulot nunca foi uma pessoa? Porque o cinema de Tati sempre tratou os humanos como uma espécie em movimento e nunca como gente? Porque os seus filmes colaram tão bem ao seu tempo que sempre recusaram ser algo mais que uma extensão (ia a dizer tecnológica, talvez seja melhor dizer mediática) da época moderna?

Entre a mensagem que se perde em *Jour de fête* e o riso (infantil? inquieto?) que o burro que não se deixa montar, em *Parade*, provoca, o cinema de Tati jogou ao lado do humor consagrado e criou a diferença: não rimos do desajeitado, nem da «comédia da vida», rimos com a perturbação de reconhecermos a vacilação do homem ante uma organização social-tecnológica que não o esmaga, não o serve, mas o muda.

Dai o som ser tão marcante no cinema de Tati, ele que foi um cineasta do som antes deste se tornar matéria em moda. O som e a sua ausência. O mundo de Hulot é inumano.

Não há outro cineasta maior da História do Cinema que tenha toda a sua obra — em longa metragem — a ser distribuída comercialmente em Portugal. Esse facto dá origem a que seja possível a um distribuidor organizar rapidamente uma «Homenagem a Jacques Tati» que, desde ontem, está a acontecer no cinema Caleidoscópio. Homenagem que inclui cinco filmes e que tem o seguinte calendário:

Ontem passou *Sim, sr. Hulot* (*Traffic*), de 1971. Hoje exhibe-se *Parade*, de 1974. Amanhã é a vez de *As férias do sr. Hulot* (*Les vacances de M. Hulot*), de 1953. Segunda e terça-feira passa *O meu tio* (*Mon oncle*), de 1958. Finalmente, na quarta e quinta-feira, *Vida moderna* (*Play time*), de 1967, talvez a sua obra de topo.

Resta dizer que as sessões são às 14, 16.30, 19 e 21.30 h e constatar que a distribuição/exibição já se não limita à clássica rotina. Pena que não avancem mais vezes para este tipo de acções.

J.L.R.



Empoleirado na sua bicicleta modelo Peugeot 1911, François, correio rural, de bigodes, desengonçado, incomodado pela sua grande altura, faz a distribuição habitual numa aldeia de Indre-et-Loire, onde se prepara a festa anual.

Depois de ter assistido à projecção de um documentário sobre o serviço postal nos Estados Unidos, onde é utilizado o helicóptero, deixa-se convencer por dois feirantes brincalhões a aderir ao modernismo. Então, François, sempre na sua velha bicicleta, dá início a outra «volta», ultra-rápida, «à americana».

OS risos espontâneos que em 1949 receberam *Dia de Festa* consagram o êxito de um actor e cineasta de quarenta anos. Jacques Tati, formado pela escola da mímica e do «music-hall» nos anos 30 e admirado pela grande Colette.

O filme vinha de longe. Primeiro os produtores não tinham querido aceitar o tema concebido por Tati quando, durante a guerra, estivera refugiado em Sainte-Sévère-sur l'Indre. Depois fora montado em cooperativa, graças ao apoio financeiro de Fred Orain, e filmado em 1947 em cenários naturais na aldeia de Sainte-Sévère.

Durante quase dois anos não conseguiu distribuidor. Mas logo que este surgiu, o seu êxito popular valeu-lhe ser apresentado em 1949 na Bienal de Veneza, onde obteve o prémio do melhor argumento, enquanto que a sua originalidade e a sua novidade eram devidos aos «gags» visuais, à encenação. Em 1950 o Grande Prémio do cinema francês pôs felizmente as coisas no seu lugar.

Descoberto, coroado, saudado como um génio, Jacques Tati será sempre um fenómeno. Depois de *Dia de Festa* as pessoas apressaram-se a descobrir nele influências dos precursores do burlesco francês, Jean Durand, Max Linder, depois de René Clair. O chauvinismo

nacional manter-se-á muito tempo cego perante o que Tati deve a Buster Keaton.

Na verdade, o cineasta que acaba de se revelar é um inventor metido no seu universo, um artesão que fará surgir maravilhas de coisas sem importância, ideias humorísticas e poéticas que germinaram na sua cabeça cheia de sonhos e que tudo devem à inspiração, à investigação.

Podemos imaginá-lo preparando experiências em retortas que estoiram antes de sair delas, um belo dia, a pedra filosofal ou algo de incrível, de inédito.

É certo que os filmes não se fazem com retortas. Mas Tati pertence a essa raça de investigadores para os quais a ideia científica não é mais do que um modo de ter razão contra o acaso e o material técnico.

No decurso dos anos 30, os filmes cómicos franceses (à excepção dos de René Clair) estavam cheios de situações que tinham sido encontradas no teatro, de frases de autores que os actores lançavam uns aos outros como bolas de pingue-pongue. Com a bicicleta do correio François, Jacques Tati muda tudo. Ele prefere a mímica, o gesto, a expressão visual, à palavra.

Claro que não pode suprimir-se a palavra, recusá-la como dantes o fez Charles Chaplin. Então ele, Tati, faz delas sons, ruídos, pedaços de frase, murmúrios que não invadem a imagem, que se submetem a ela, a

acompanham, reforçam o seu poder burlesco.

De resto, Tati é um realista. Ele tem um sentido agudo da observação social, dos comportamentos. O que ele mostra em *Dia de Festa* e o que mostrará depois disso é o quotidiano filtrado por um olhar que capta o jogo das aparências, o que há para além delas e que nem sempre se sabe ver devido aos hábitos sociais.

Em *As férias do senhor Hulot*, Tati é o primeiro a fazer aparecer aquilo que ainda só está em germe em França, no início dos anos 50: as atitudes estívais da classe média em localidades à beira-mar, as praias baratas, como então se dizia. Quando os viajantes, carregados de malas, e embrulhos se precipitam de um cais para outro, seguindo as indicações inaudíveis dos alfaiates, a fim de subir para um comboio, a França que faz férias é como se se visse ao espelho.

Nesta segunda longa metragem produz-se um acontecimento: Tati actor despiu o fato de correio rural. Ele transformou-se em senhor Hulot, pequeno burguês francês, obrigado a inclinar-se devido à sua altura de 1 metro e oitenta, e que caminha em bicos de pés com um andar dançante e sacudido, fuma cachimbo, tira amavelmente o chapéu de palha para saudar os estivantes e comete, com a maior inocência, inépcias que perturbam a ordem e a tranquilidade de um hotel calmo. Tati será, de futuro, inseparável do senhor Hulot, testemunha que, nos seus filmes, substitui o cineasta para fazer nascer a sátira, a poesia. Tati surge à frente do cinema moderno da nova vaga devido à liberdade da sua escrita (argumento sem acontecimentos, estudo de comportamento, utilização pessoal do som, diálogos escamoteados) e a direcção de actores não profissionais. Hulot, o inocente, optimista, o desajeitado, já não é um herói cómico como o era, simplesmente, François, mas um homem que afirma a sua individualidade perante uma sociedade cujos ritos, manias, conformismos, dados sem maldade através de gags desopilantes, se tor-

nam quadros de costumes de uma época. Vejam o que acontece quando Hulot entra numa sessão de ginástica na praia, onde faz explodir uma peça de fogo-de-artifício.

Tati prepara longamente, minuciosamente, os seus filmes. Mas no écran tudo parece improvisado logo que Hulot se mostra, atravessa uma rua, sobe uma escada. O personagem não muda ao envelhecer. Ele será testemunha das transformações da sociedade francesa. Seis anos decorrem entre *As Férias* e *O meu tio* (o primeiro filme a cores de Tati), onde Hulot dá uma lição de vida livre e lúdica ao seu jovem sobrinho, filho de um industrial apertado pelo conforto moderno. Em 1958 a França ainda não entrou na sociedade de consumo mas já se começam a deitar abaixo velhos edifícios para construir no seu lugar bairros residenciais destinados à classe mais favorecida. Hulot prefere a sua casa bicoirne de um bairro popular à vivenda do cunhado Arpel, em que tudo é automatizado, mesmo o peixe encarnado. Hulot não recusa o progresso técnico, como se disse em consequência de um mal-entendido que ainda dura. Ele opõe-se, isso sim, ao conformismo alienante do progresso, ele semeia a desordem e a confusão para conservar a liberdade de viver, escapando à desumanização.

O fracasso de Playtime

Dessa concepção do mundo nascerá *Playtime* no qual Tati trabalha durante anos e que custa uma fortuna: é um fracasso retumbante que arruína o inventor. Teria ele a loucura das grandezas? Não. Os cenários imensos da cidade moderna semelhante àquelas que se viam nascer, em 1967, nos antigos arredores da periferia de Paris, marcam a enorme distância entre as dimensões de um novo modo de habitação e as formigas humanas que para lá devem ir. O estilo burlesco de Tati toca então o absurdo kafkiano. No dédalo de *Playtime*, os personagens, turistas e outros, perdem o seu livre arbítrio, à excepção de Hulot que defende — antes de isso ser

moda — a «qualidade de vida», ao mesmo tempo que semeia a balbúrdia. O cineasta utiliza técnicas requintadas (filmagem em 70 mm, não estereofónica) para construir o seu pequeno universo no seio da implacável ordem desumana, criada pela civilização moderna. Em 1967, ainda se está na euforia do progresso industrial. O cómico da observação de Tati acha-se reforçado, renovado, pela visão de um mundo asséptico, mecanizado, uniforme e glacial.

Os espectadores recusam *Playtime*: é o drama do inventor. Os seus filmes precedentes deram dinheiro. Este deixa atrás de si um défice de 8 milhões que o arruína. Empenha todos os seus bens. Alguns anos mais tarde os filmes produzidos pela sociedade em falência serão vendidos em leilão. Entretanto, Tati pôde, apesar de tudo, filmar *Traffic*, um filme barato, em que Hulot, sempre igual a si próprio, segue, como uma testemunha funambulesca, as dificuldades da circulação automóvel na estrada Paris-Amsterdão, com choques de viaturas, sonhos, incitação à felicidade natural. Voltou o êxito, embora efêmero. *Traffic* é o canto do cisne de Hulot. Sempre perseguido por problemas financeiros, Tati vai trabalhar para Estocolmo, onde realiza um espectáculo de variedades num circo, com o sistema de vídeo.

É *Parade*, em que Hulot se tornou Monsieur Loyal, para oferecer uma festa terna e cómica às crianças e aos adultos. O inventor fez-se saltimbanco. E eis que os seus antigos filmes regressam ao cinema e à televisão. Concerto de louvores, redescoberta. O inventor fulminado dedica-se a um novo projecto, *Confusion*, que se preparava para realizar. Agora morreu e vai ser saudado como um monumento, as pessoas vão celebrar o seu génio, lamentar o seu desaparecimento, deplorar que tenha sido afastado da criação cinematográfica. Um dia, mais tarde, será preciso reexaminar serenamente a sua obra. Hoje dizemos simplesmente: e com emoção: «Obrigado, senhor Hulot».

Jacques Siclier

Roland Barthes, filho livre e inventivo de Sartre

«Um escritor ainda mais imenso do que o afirmam os seus admiradores mais fervorosos, virtuosismo de cortar a respiração», «inventiva espantosa», «poderes extraordinários», «a obra, estou disso persuadida, mais capaz de durar». Querida Susan Sontag! Quem deseja subjugar fazendo tão esmagadoras afirmações logo nas primeiras linhas do seu breve ensaio sobre Roland Barthes? De tinado ao público americano (apareceu primeiro sob a forma de artigo no *New Yorker*) arrisca-se aqui a ter um efeito contrário perante leitores que a reputação de grande escritor feita a um intelectual e a um crítico, mesmo sendo ele o primeiro da sua geração, causa espanto e exaspera.

SE, neste século, o «grande escritor» francês, é Proust, Gide, Céline, Malraux, ou Montherlant, Sartre ou Camus, quem não vê que a obra de Roland Barthes por mais alto que a coloquem, é outra coisa? Teria ele próprio desejado que lhe fosse atribuída essa representação social herdada da cultura escolar? Hoje só Jean-Edern Hallier pode disputar esse título e apresentar ao mesmo tempo

a triste caricatura de um mito e talvez a sua certidão de óbito.

Roland Barthes foi, de início, uma presença intelectual que seria também uma higiene e uma moral das letras. Susan Sontag observa muito justamente: **O terrorismo intelectual é uma forma central, respeitável, da prática intelectual em França — forma tolerada, encorajada, recompensada: é a afirmação «jacobina» da afirmação brutal e da reviravolta ideológica desavergonhada; a missão de julgar incessantemente, de dar**



uma opinião, de lançar o anátema ou de exaltar desmedidamente; o gosto pelas posições extremas que ocorrem segundo as circunstâncias e a provocação deliberada.

Contra este terrorismo, a que Susan Sontag, uma americana muito parisiense, também sucumbe, pelo menos através da sua exaltação, Roland Barthes escolheu, segundo ela, o egoísmo. A discreção, a civilidade profunda do egoísmo. (Ele não gostava da ordem mas não gostava da desordem. Gostava da civilidade, escreve Edgar Morin a propósito da atitude distante de Barthes perante Maio 68). Uma questão de temperamento, de certo. O seu foi o menos estalinista de toda a «intelligentsia» francesa, numa época em que um superego feroz agia na cabeça da maior parte das pessoas como um secretário-

geral de partido ou um juiz de tribunal revolucionário, mesmo e principalmente quando só se tratava de ideias e de literatura.

Moral da escrita

Mas questão de moral também, e de prática. Aplicado em «destruir o Pai», Barthes nunca falava em nome de outro (Deus, o povo, o proletariado, os oprimidos, a ciência, a literatura, o escritor) e não se envolvia numa escrita a fim de pousar como estátua da moral. Ele era segundo Sontag, a **própria escrita**: progressivamente a sua prática acabou por não se basear senão na sua subjectividade, ou como ele próprio o diria, no seu «corpo». Abriu assim, visando simplesmente a forma, aquilo a que chamava o «significante», melhor: a «significância», a **possibilidade de uma escrita absolutamente ética**, como o sublinha Eric Marty, no belo número de Critique, que lhe presta amigavelmente homenagem.

Eis-nos longe do semiólogo frio ou do hermeneuta delirante retratado pelos seus adversários durante as grandes querelas da nova crítica. Essa moral da escrita mostra-a Antoine Compagnon, como **teimosia de escrever**, trabalho, tenacidade, ardor, firmeza, aplicação, obstinação, capacidade: **Barthes era teimoso; ele não largava a escrita antes de ela estar acabada, perfeita (...). A ideia de escrita que lhe devemos é a menos ideal possível: ela é o real da escrita.**

No número mais desigual mas igualmente caloroso que a revista *Communications* lhe consagra, Françoise Gaillard e Jacques Lenhardt mostram, principalmente como a *Chambre claire* representa a finalização do movimento que afastou a pouco e pouco Barthes de uma posição teórica sobre a meta-linguagem e a crítica da doxa (a opinião comum que se baseia nas pseudo-evidências e nas tautologias), para o levar a uma fenomenologia da emoção e a uma moral da piedade.

Assim, a «Nota sobre a fotografia», como modestamente se apresenta, é o seu livro mais conseguido, a sua obra-prima, mais que não seja devido à sua posição terminal, já que a morte impediu Barthes de realizar o seu projecto derradeiro, um romance, de que a *Chambre claire* era, devido ao seu lado proustiano (oposto ao seu lado cartesiano de «*Parcours de la méthode*») o anúncio e o moderno substituto. Porque se pode pensar que a ficção barthesiana, como começa a surgir nos *Fragmentos d'un discours amoureux* já fora escrita por Proust.

A série de artigos intitulada pelo editor L'Obvie et l'Obtus, segundo uma distinção feita pelo próprio Barthes acerca dos sentidos contidos num fotograma de Eisenstein, permite-nos percorrer o caminho crítico que o levou de uma teoria da escrita a uma escrita da paixão, aplicada desta vez às artes visuais e

à música. Assim reunidos, estes artigos (sobre «a mensagem fotográfica»), Erté, Arcimboldo, «a linguagem da pintura», o cantor Panzéra, Schumann, entre outros, suscitam no leitor o mesmo tipo de júbilo intelectual que as primeiras *Situations* de Sartre, o Sartre que Barthes admirava e que a *Chambre claire* (dedicada a l'Imaginaire) prolonga.

É notável que o objectivo de Barthes, essa moral da piedade que uma reflexão sobre a fotografia da mãe em criança faz surgir, em conclusão da obra como um choque no «acordar da realidade intratável» foi o longínquo ponto de partida de Sartre, tal como este aparece nos textos inéditos de juventude. Mais ainda que um filho de Proust, de Gide, de Brecht, muito mais, em todo o caso, mais que um filho de Sussure, Barthes foi um filho de Sartre, um filho inventivo e livre.

Seria pena que a ratoeira maquinada por uma época que não consegue desprender-se da mitologia do «grande escritor», esta ratoeira a que Sartre dera, embora contravontade, a mão, também se fechasse sobre Barthes. A sua obra é, evidentemente, menos ampla do que a de Sartre. Isto valeria, pelo menos a Barthes ficar simplesmente aquilo que se tornara: um escritor a ler sem referências, um escritor livre de tudo o que mais detestava, a autoridade.

Michel Contat

A canção dos balões

Canção e banda desenhada, que têm em comum? Um texto, que esculpem e aprisionam nas malhas do seu discurso específico: a música e o desenho.

E que dizer das relações recíprocas que estabelecem? Um inquérito realizado há cerca de três anos por uma revista francesa, permitiu recolher as mais diversas e curiosas respostas.

«A única coisa que me faz falta verdadeiramente, na banda desenhada, é o som, que as onomatopéias não substituem», desabafou Jean-Claude Forest, o famoso autor de «Barbarella».

E a sua solução — impossível para o problema, é apenas esta: «Consolo-me em encontrar fórmulas, expedientes, em suma, para introduzir um ritmo, ou mesmo uma melodia nas minhas bandas desenhadas, através da versificação fácil...»

Claire Bretécher, a quem se deve uma série popularizada pela revista «Nouvel Observateur» («Les Frustrées»), insiste em que não se deve misturar as coisas:

«A música, é forçosamente um trabalho diferente! Para mim a música é um mistério de tal natureza, que sou obrigada a considerar forçosamente que não tem nenhuma relação... Com efeito, é mesmo muito diferente, porque o tipo que canta obedece a um desejo diferente

daquele que escreve bandas desenhadas: quando desenhamos, fechamos-nos».

Um caso à parte, é o do americano Robert Crumb, pai espiritual do «underground».

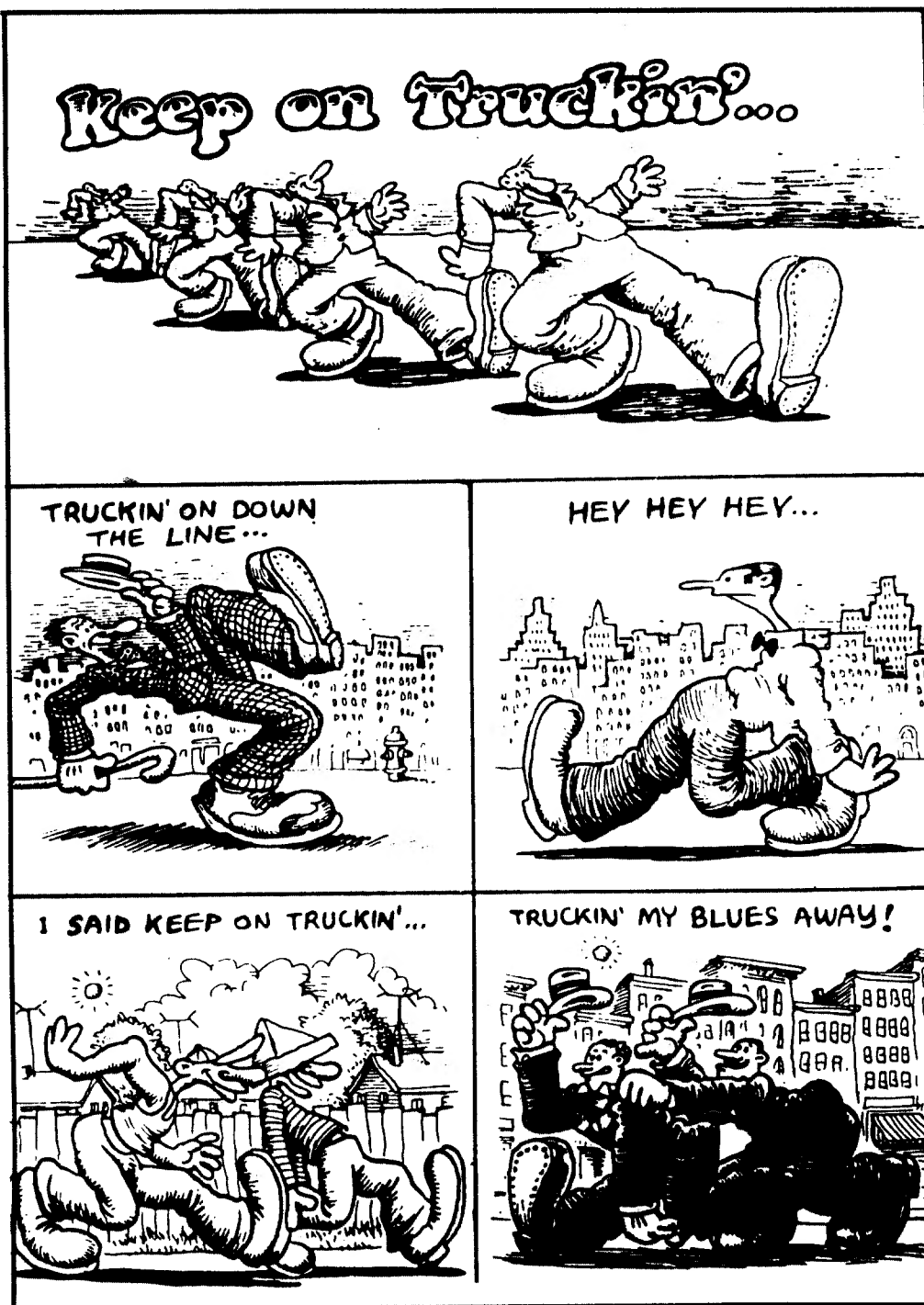
Em toda a sua obra, é possível detectar sinais da canção americana, em particular dos velhos «blues» negros.

É o próprio autor, de resto, a afirmar que a canção lhe fornece frequentemente momentos de inspiração:

«Limito-me a retomar as velhas canções que só estão à espera de serem transformadas em «cartoons»; basta que eu ouça o fim de uma canção na Rádio, e cerca de um ano mais tarde, tudo estará no devido lugar».

Talvez por isto, exuberantemente ilustrado pelas suas criações, Philippe Truffault afirmava, no quadro do referido inquérito:

«Quer faça bandas desenhadas ou cante, Crumb é o autêntico apaixonado pelo som puro, pela voz áspera e por uma certa verdade de uma América demente, onde tudo é possível e onde nada tem importância, em virtude dessa época passada em que as canções desempenhavam verdadeiramente a sua função social, para um povo desenraizado pela escravatura».



Uma página de «ZAP»: quando Crumb cantava uma certa América

Banda Desenhada

Para o cantor Serge Gainsbourg, apenas existe a beleza oculta das onomatopéias.

«Não gosto das bandas desenhadas que se pretendem eróticas» afirmou a propósito de Barbarella, Jodelle e Pravda. «Prefiro os heróis assexuados, prefiro Mickey com a sua cauda no traseiro, aos que a trazem à frente».

E há o caso de Fred, criador de Philémon e desse admirável poema em banda desenhada, «Le Petit Cirque»:

«Em Philémon, existe um Arthur Rimbaud, antigo poeta que se tornou traficante de armas, que só conseguia falar em verso. Não quero utilizar os versos como um truque poético-merdoso, mas apenas em situações como essa, com uma intenção paródica».

«No escrever canções, que Dutronc interpretou, Fred descobria, porém, «a voz dos seus personagens e as possibilidades dinâmicas e humorísticas da rima e do ritmo».

«De qualquer modo, conclui, a canção é, para mim, uma coisa ocasional... Mas quando escrevi canções, no meu espírito, desenrolavam-se como bandas desenhadas, e quer eu faça uma ou outra, continua a ser o mesmo universo».

Recordemos, por fim, «O homem de Harlé», de Guido Crépax, sobre o pequeno mundo de um cantor negro de «jazz»: que pena a banda desenhada não ter banda sonora! Como diria alguém, só lhe falta falar...

Carlos Pessoa

Infernos Sete Ponto Sete

O auto-de-fé como espectáculo

Na sequência da reflexão que vínhamos fazendo a propósito do espectáculo como componente social englobante, e que abordámos numa primeira etapa, ao nível da Festa Oficial, vamos agora reflectir sobre a dinâmica inquisitorial numa das suas manifestações mais claras em termos de teatralização assumida: o «Auto-de-Fé».

A O nível da documentação, servimo-nos fundamentalmente do «Regimento da Inquisição» de 1640, verdadeiro manual cénico da arte de impressionar, e cujo uso era reservado, como é evidente, aos mais altos dignitários do Santo Offício.

A execução pública da pena de morte foi, até não há muito tempo, um espectáculo que os diversos poderes constituídos parecem ter encontrado na sua campanha «educativa». Com efeito, a morte lenta e o mais horrível, possível perturbava a imaginação dos povos convidando-os ao «melhor» caminho a seguir.

A Inquisição, através dos seus «Autos-de-Fé», conseguiu dar a este tipo de espectáculos o seu cunho pessoal que, a todos os níveis, é por si só elucidativo.

I — O espectáculo como acto consciente: os preparativos

Em primeiro lugar, e pela preocupação obsessivamente demonstrada pelos inquisidores, é possível concluir que estes faziam depender da seriedade da ocorrência os bons resultados da sua actuação. Ora, a própria noção de público em si é bastante clara, bem assim como a necessidade de aparentar uma rigorosa severidade. O que é conseguido de duas maneiras: na observação da disciplina ao nível da tecnicidade (tudo tem de estar pronto para que nada falte) no seio da própria instituição e, consequentemente, no reflexo junto do público que reúne as preocupações dos in-

quisidores: «(...) verão os inquisidores as sentenças em meza, para que não aconteça dizer-se nellas algua couza que não convenha, ou não conste dos autos; e muito menos as que podem causar escandalo ou mover a rizo os ouvintes» (1). Nada pode falhar.

Por outro lado, são bastante curiosos os motivos que movem os receios dos inquisidores. O Padre António Vieira, referindo-se «aos que morrem a gritos confessando a fé católica», manifesta o seu mais vivo repúdio pela reacção popular. Ora, como se refere ele a tal reacção dos populares em relação à figura dos condenados? «e assim por nenhum caso se devia permitir nas igrejas o que só provoca risos, galhofas, infâmias e ódios» (2). Estranha reacção, diremos prontamente.

Torna-se efectivamente insólito falarmos nestes termos quando não raras vezes nos referimos a um espectáculo que tem como denominador comum a tortura, a humilhação, a morte.

Atitude perante a morte

À primeira vista, seremos levados a imaginar, da parte da assistência, rostos em que o terror seria a marca dominante. Tal parecer-nos-á tanto mais evidente quanto tentarmos imaginar este tipo de espectáculos à luz dos nossos olhos e sentidos do século XX.

No entanto, e parece-nos ser esta uma questão fundamental, seria nos séculos XV e XVI de facto assim?

Remetendo-nos para a questão da sensibilidade, não poderemos deixar de observar, se bem que a outros níveis, a ma-



neira como se convivia com a morte: «dos séculos XV a XVIII, inúmeros temas quer na arte quer na literatura se associam à morte e ao amor (...) Temas erótico-macabros, ou simplesmente temas mórbidos que revelam uma abertura extrema aos espectáculos da morte, do sofrimento, dos suplícios» (3).

Pelo menos ao nível onírico, como o amor, físico ou não, a morte parece arrastar o ser humano para o mundo das paixões e, consequentemente pode ser ligado a um acto de fuga e portanto de ruptura com a monotonia da vida quotidiana. Não deixa de ser sintomático que, por exemplo, inventores italianos desse tempo criem máquinas de tortura com a mesma facilidade com que criam maquinaria para o teatro. Ambas servem sem sombra de dúvida para criar ilusão se se considerar, no caso da tortura, elementos que não se esgotem na simples tecnicidade da lei e dos seus métodos.

Quanto à assistência, a assiduidade é demasiado notória para que possamos nela não reparar. Se por um lado são conhecidos os mecanismos oficiais de estímulo à participação colectiva, por outro a propaganda não esgota de forma nenhuma o verdadeiro problema: o que procuravam os homens e as mulheres que acorriam aos Autos-de-Fé?

O espectáculo inquisitorial

Quando, ao fim de uma longuíssima semana de trabalho, em certos domingos, o estranho cortejo sai à rua, a multidão aglomera-se para o ver passar. O horror acaba finalmente por fazer circular o sangue nas veias.

A técnica é, digamos, para além de sugestiva, bastante clara. «(...) o inquisidor mais antigo tomará sobrepoliz, estôla, e capa roxa». O vestuário é aqui entendido fundamental-

mente ao nível da linguagem. Em relação aos acusados, como veremos, os acessórios mostram claramente o que custa sair fora do dogma e, mais do que isso, não manifestar um convencido arrependimento.

Tendo em vista que o fim prático da Inquisição radica, para além do castigo e combate ao «crime», na tentativa de arrancar (e conhecemos os seus sinistros métodos) ao condenado o arrependimento, aos olhos do público interessava-lhe fazer ver a importância de não pecar e, em segundo lugar, a atenuante que é o arrependimento. Para tal tarefa encontrou a Santa Inquisição duas vias que se completam: o jogo dramático de persuasão e ligado a este, um poderoso instrumental simbólico ao nível dos acessórios e vestuário.

Os símbolos de horror, associados à visão dicotomizante entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, entre a benção de Deus e a figura esmeradamente asquerosa do Diabo têm um lugar principal.

O fogo é um elemento plástico por excelência ao nível das representações nas vestes. A seu lado, a figura execrável do demo: «e se forem muitos os presos que estiverem para relaxar, que com tempo chame o pintor para fazer os retratos e os hábitos affogeados» (4). A simbólica do vestuário refere-se à gravidade das penas.

Quer ao nível da procissão, julgamento ou execução, a tensão pretendida é alcançada através de um poderoso jogo de elementos que se desenrolam em espaços e tempos rigorosamente determinados. O «guião» inquisitorial fornece-nos a indicação precisa dos bastidores do espectáculo. Personagens principais (inquisidores e réus) e figurantes movem-se nos diversos espaços cénicos adquirindo uma espantosa totalidade funcional. O protocolo, se assim se pode dizer, desenrola-se num jogo múltiplo de tensões evoluindo para um mesmo objectivo: a execução pública: «Depois de acabarem de sair do carcere, os penitenciados, sahirá o Capellão do carcere da penitencia (...) com o Crucifixo, levand-

tado nas mãos, acompanhado de seis familiares, ou clérigos, com tochas, (...) e detrás do crucifixo hirão os relaxados com os Religiosos que lhe assistirem e ministros da justiça que os defendão da gente» (5).

A passagem da procissão assenta, por um lado, na capacidade de temor que consiga causar e, por outro, na forma como assenta na própria sensibilidade estética da época. Se compararmos a procissão do Auto-de-Fé com, por exemplo, a parada no cais da Ribeira por ocasião do casamento de D. Catarina, filha de D. João IV, espantar-nos-emos com um semelhante ambiente estético.

A integração do indivíduo no seio da comunidade através da participação e comunhão no rito assume no Auto-de-Fé circunstâncias, no entanto, particulares. A participação pode mesmo, em certos casos, chegar a ser excessiva.

A multidão, aglomerada, grita perante o exorcismo da sua falta.

Elegeu um representante. Será ele, o réu, que, através do seu suplício, acalmará a justiça divina. Ao injuriá-lo, a multidão livra-se simultaneamente de uma falta individual e colectiva.

Como executores, os membros do Santo Offício realizam assim os desígnios colectivos. Meio mágicos meio padres, a meio caminho entre a salvação e os Homens, os Santos Padres alimentam a alucinação colectiva.

Assim, entre o sagrado — os padres — e o profano — a multidão —, entre os actores e os assistentes, desenvolve-se um fluxo energético que agrupa, explode, realizando a substância colectiva.

Clara Freyão Camacho

José Manuel Vilhena

- (1) — Regimento da Inquisição, 1640, pp. 142-143
- (2) — Pe. António Vieira, obras escolhidas, Lisboa, 1951
- (3) — Philippe Ariès — Essais sur l'histoire de la mort en Occident du Moyen
- Âge à nos jours, Paris, 1980
- (4) — Regimento da Inquisição
- (5) — Idem

Uma campanha alegre

«E M política, feio é perder», afirmou Agamenon Magalhães, famoso político brasileiro, cacique pernambucano que chegou ao governo do Estado, na crista da revolução de 1930 e de lá só saiu em 1952, vítima de um ataque cardíaco.

«Rouba mas faz», esse formidável slogan promocional foi atribuído (e nunca desmentido) a Adhemar de Barros, famoso político brasileiro, cacique paulista que chegou ao governo do Estado, na crista da revolução de 1930 e de lá só saiu em 1965, vítima da revolução de 1964 que, por ironia, foi um dos principais líderes civis.

Hoje, mais de 50 anos depois, nos mesmos Estados de Pernambuco e São Paulo, dois políticos, Roberto Magalhães e Reinaldo de Barros são candidatos a governador. Segunda-feira próxima, dia 15, serão submetidos ao veredictum dos eleitores. Ambos têm uma coisa

em comum, são sobrinhos dos citados Agamenon e Adhemar.

Por aí se vê como é devagar a política brasileira. Os mesmos de sempre. Como nas Capitânias Hereditárias. As mesmas famílias, os mesmos processos. Os mesmos objectivos. As mesmas práticas. A mesma oligarquia.

Aliás, é engraçadíssimo o processo eleitoral brasileiro. Como os partidos são feitos nas coxas, o nível ideológico é mínimo. Os partidos apenas emprestam a sigla, que pode ser PDS, PT, PMDB, PTB ou PDT, para que os candidatos possam se inscrever no pleito. Daí para a frente é por conta de cada um. Quem for bom de voto, ou possa dispor de alguns milhões de cruzeiros, está capacitado a ser eleito.

Como os partidos, repito, emprestam apenas a sigla, o resto é por conta do candidato, repito.

Não há, por lei, tempo de antena, nem na Rádio nem TV. Para ser conhecido, os candidatos têm de veicular suas plataformas nos jornais. Provar que é bom. Quanto

mais dinheiro tenham para comprar espaços na imprensa, mais conhecidos serão. Aí, então, que a imaginação passa a ser elemento determinante. O espaço é curto. O dinheiro é para «economizar», desdobrar. Além dos jornais há os «out-doors», os panfletos, as pichações de paredes, os comícios e a política boca-a-boca, ouvido-a-ouvido.

Tenho à minha frente alguns jornais brasileiros onde estão estampados anúncios de candidatos, vendendo as suas virtudes e qualidades. Confesso que ficaria em dúvida se tivesse de votar e ter que escolher entre tanta gente virtuosa e qualificada.

José Yunes apresenta-se «Combativo, Atuante, Vigilante. Merece a Reeleição. Prestígio Quem Trabalha», postulando uma vaga na Assembleia Legislativa de São Paulo, pelo PMDB. Edith Veiga também é candidata ao mesmo posto, é do PDS, e apela ao eleitorado: «Vote em quem você já conhece, vote na mulher brasileira porque o amor existe — Ame». Já

Wilson Abdalla, PDS, intitula-se «O CANDIDATO DO MOTOCICLISMO». Theodosina Ribeiro quer ser reeleita deputada estadual, achando-se merecedora, pelo que já fez nesta actual legislatura, destacando que «Elaborou Moções em Defesa da Comunidade Afro-Brasileira».

Gígia Júnior cita a Bíblia: «Se Deus é por nós, quem será contra nós?» — Romanos, 8:31 — e quer ser deputado federal. Julianelli afirma-se como o «Criador da Merenda Escolar no Brasil», que também é reivindicado por Emil Razuk que se autoproclama «O Homem da Merenda Escolar» — entre os dois, meu coração balança. Argumentos convincentes apresenta Hairo Shimomoto, contabilista, professor e advogado, além de «Preletor, Conferencista e Conselheiro da Seicho-No-Ie no Brasil». Não é pouco...

Fauze Carlos, «Sob inspiração do seu irmão Emilio Carlos, continua defendendo as conquistas democráticas», pede aos eleitores

que «ajude-o a defender a saúde do povo».

«Davi foi cassado por falar a verdade. Poe ele lá de novo. Ele ainda não disse tudo», é o «slogan» de Davi Lerer, que viveu exilado cá em Portugal e agora pleiteia regressar a Brasília. Se Davi quer regressar, Márcio Braga quer ir pela primeira vez, por isso solicita aos cariocas que o eleja, dando como aval dos seus méritos a passagem pela presidência do Flamengo Futebol Clube, onde realizou, em menor escala, «o que sempre desejei fazer na vida pública: substituir a incompetência por uma administração fecunda».

A vasta colónia portuguesa residente no Brasil, composta de muitos eleitores e candidatos, são enviados meigos apelos, como o de Moura Correia: «Do País de nossos pais para o País de nossos filhos, às urnas no dia 15 de Novembro». Num anúncio de meia página, Moura Correia afirma: «Ao escolher as páginas da VOZ DE PORTUGAL, faço-o em homenagem

aos meus pais, a vocês e às minhas origens. A você eleitor amigo, peço o seu VOTO, de seus familiares, de seus empregados, de seus conhecidos. Por convicção, por idealismo e respeito a todos vocês, sou candidato a Deputado Estadual».

«UM PORTUGUÊS NA ASSEMBLEIA», informa Benjamin Barreira. «Um português do norte Legislativo Fluminense», comunica Fernando Leandro, tentando sensibilizar os portugueses lá do sítio. Outra portuguesa, a actriz e empresária Ruth Escobar, lança-se como «Mulher, Mãe, Atriz, Avó, Guerreira — Ela é um barato — Pela Mulher do Brasil eleja Ruth Escobar».

Mas há um anúnciozinho que não percebi. Leia e veja se percebe: «SRS. POLITICOS — Urgente. Dou todo apoio político até o dia das eleições em troca de apoio financeiro com retorno». Confesso que esse misterioso anúncio transcende-me.

Duda Guennes

Paraísos

Sete Ponto Sete

Em preparação cada vez mais magazines "só para homens"

Mais preocupados com a forma e com a aparência do que com o êxito social, eles teriam, como as mulheres, necessidade de uma imprensa «sua». As tentativas multiplicam-se embora o registo seja o mesmo.

O homem é igual à mulher! A frase faz sorrir, de tal modo estamos à espera do contrário. Mas o seu autor fala a sério. Em volta dele, no seu escritório alcatifado de bege, revistas, dossiers, o jornal diário, e pilhas de *JI* por toda a parte: em cima da secretária, da alcatifa, das cadeiras. Sylvain Slama é o director, o chefe de redacção, o animador, o grande repórter, enfim, o homem dos sete instrumentos dessa «revista do homem cosmopolita», com uma tiragem de 75 000 exemplares e uma venda de 44 700 nos seus quatro anos de existência. Publicitário que então se voltou para a imprensa, ele acha que «os homens precisam de uma imprensa «diferente» que lhes fale tanto da sua beleza como dos seus problemas sexuais». Exactamente como no que diz respeito às mulheres...

Sylvain Slama não é o único a utilizar esta linguagem.

Em comparação com a imprensa feminina, os títulos da masculina podem contar-se até há pouco tempo pelos dedos da mão.

Hoje o sector está em efervescência. No dia 27 de Novembro, o *Nouvel Homme magazine* fará o seu aparecimento nos quiosques. Este mês, o segundo suplemento *Cosmo-Hommes* do ano é oferecido juntamente com o *Cosmopolitan* de Novembro. Os responsáveis de *Biba*, outro mensário feminino, ainda estariam a reflectir mas sentiram-se, ao que parece, tentados por um suplemento masculino. Se Jean-Louis Servan-Schreiber interrompe a publicação do suplemento trimestral *Les Hommes*, vendido com *L'Expansion*, e decide, devido à conjuntura económica, não «transformar» o ensaio previsto no início de 83, ele afirma, no entanto, «que se trata de um problema passageiro». Na sua opinião, «chegou a altura de realizar um suporte masculino». E dá-se a entender que outros projectos estão em curso no maior segredo...

Um produto como qualquer outro

No seu escritório bastante impositivo de Neuilly, Daniel Bernat d'Anglésias, o homem de negócios que lança o *Nouvel Homme magazine*, mostra-se sereno, tal como o seu colaborador Thierry Leneuf. Para eles, «um jornal é um produto como qualquer outro, con-

cebido em função de cálculos estatísticos, conclusões de investigação, sondagens, parâmetros, etc». Tal como a maquette, cada uma das rubricas é objecto de estudos muito precisos. Solicitados há seis meses por um jornalista desempregado para lançar uma versão «hard» de *Lui*, eles hesitam: em parte reticência moral, em parte reflexo de financeiro. Antes de se atirarem à água interrogaram o computador e mergulharam em quilos de dossiers e de relatórios sociológicos...

A sua conclusão: existem leitores potenciais para uma imprensa masculina feita à imagem da imprensa feminina. Produtos dos anos prósperos, os carreiristas mais preocupados com o seu êxito social do que com o equilíbrio da sua vida social ou conjugal estão em vias de desaparecimento. A difusão ao retardador das ideias de 68 («viver de outro modo»), as repercussões da crise económica, as inquietações causadas pela «vaga cor-de-rosa» e o feminismo, fizeram dos «aventureiros» de outrora «homens recetrados»: homens que recusam «perder a vida de tanto a querer ganhar».

Depois da «nova mulher», eis o «novo homem»: apreciador do bem-estar e dos prazeres da vida, sensível às alegrias da vida familiar, menos agarrado ao seu futuro profissional, mais céptico no que respeita à sociedade, eis como nos é, em suma, descrito. Mais preocupado com a sua forma do que com a sua virilidade, cuidando a sua aparência, ou até o seu físico, para não dizer a sua beleza.

A progressão espectacular do volume de negócios dos produtos destinados aos homens são prova disso.

Consumidores sem complexos

Quatro milhões e oitocentos mil franceses são, ao que se diz, compradores potenciais de revistas para homens. Um milhão e quinhentos mil gostariam de encontrar no quiosque «um jornal que não se limitasse a explorar os seus fantasmas ou a fazê-los sonhar». As suas expectativas, as suas necessidades, aproximam-se muito das das mulheres. Consumidores descomplexados eles querem conhecer moradas de boutiques e de salões de cabeleireiro. Por outro lado esperam receitas de cozinha ou conselhos de sexologia — domínio que já não é tabu — tanto para educar os

filhos como para manter o equilíbrio da sua vida conjugal.

Resultado: com um formado «newsmagazine», com uma tiragem de 140 000 exemplares, uma dosagem de «política ficção», de actualidade «sociocultural» e de guia prático, de moda, de turismo e de «boa forma». Tudo isto num estilo «vivo».

A equipa dos *Hommes* de *L'Expansion* levou dois anos e vários milhões de francos para chegar praticamente às mesmas reflexões e às mesmas conclusões.

Foi Cristiane Collange, irmã de Jean-Louis Servan-Schreiber, quem, após o êxito do seu último livro, *Ça va les hommes?*, inquérito feito entre os homens, lhe sugeriu a ideia. Seguiram-se estudos e mailings vários a fim de avaliar o número de assinantes e calcular a publicidade, ao mesmo tempo que enquanto se esperava por um mensário autónomo, eram lançados suplementos trimestrais em *L'Expansion*. O último a aparecer associava sob uma aparência clássica, preocupações narcísicas («Construir o próprio corpo», a moda de inverno, a «forma» e a gastronomia) a breves inquéritos de sociedade e a preocupações de leitura. Mas, como Jean-Louis Servan-Schreiber o confessou, os anunciadores não apareceram *Exit les Hommes*.

Os anunciadores não faltaram à chefe de redacção de *Cosmo-Hommes*, Juliette Boisrivaud: «Por assim dizer foram eles que nos incitaram a realizar o suplemento», afirma ela. Este propõe ao leitor moda, gadgets, conselhos para se reciclar depois do divórcio. Venderam-se 321 450 exemplares, quando os números precedentes só tinham vendido 280 000. Não era, no entanto, o suficiente para se prever a publicação de mais de dois por ano. Se, na verdade, os homens se sentem frustrados, que escrevam. Na verdade estes suplementos são «operações brancas» que servem para a promoção do jornal. Mais nada. Uma ideia que talvez seja retomada.

Juliette Boisrivaud não tivera um tal sucesso em 1968, quando exercia o seu talento na chefia de redacção de *Adam*. «Demasiado vanguardista para o tempo», afirma ela. *Adam*, criada em 1960, Bíblia dos alfaiates franceses na sua primeira fórmula publicada pelas edições Condé — Nast, quis depois, sob a direcção de Claude Perdiel, misturar moda, literatura e consumo.

Morto anos depois não ficou sem posteridade. *Vogue — Hommes* o seu concorrente *L'Officiel Hommes*, que, tanto um como o outro, difundem à volta de 40 000 exemplares, mantiveram a sua primeira

fórmula em intenção dos profissionais da moda e de boutiques diversas, que constituem a maioria dos seus leitores. *Vogue — Hommes*, que primeiro foi suplemento, tornou-se mensário em 1977. Gérard Asaria, seu chefe de redacção, define o seu leitor como «Um homem top, requintado, diferente, em busca de outra arte de viver». «Homem novo», decerto, mas «homem-objecto»: uma publicidade para uma amostra de creme para a cara recebeu, em Novembro de 1981, e para grande espanto do fornecedor, 3 500 respostas. Moda, beleza, viagens: um cocktail muito sofisticado, destinado antes de mais a fazer sonhar.

O luxo e a elegância

Uma vocação que o jovem director de *L'Officiel — Hommes*, Laurent Jalou, tweed e Cachemira inglesa, Davidoff nos lábios, também não esconde. Mas ele «faz força sobre o luxo e a elegância»: um catálogo de bonitas imagens acrescido de um pouco de actualidade mundana.

Sylvain Slama, esse tenta captar leitores e anunciadores com outros atractivos. O que faz correr os homens dos anos 80? «O poder, as mulheres, o dinheiro», responde

Sylvain Slama. Como não pode dar aos seus leitores poder e dinheiro, ajuda-os a encontrar mulheres. Faz o repertório dos melhores «terrenos de caça», ensina mil astúcias para descobrir as egérias das diversas causas, antes de mais as feministas, e fugir delas. Ou ainda, propõe a bom «modo de emprego» de infidelidade. Cem páginas por mês, formato «news»: numa maquette um tanto acinzentada as mesmas rubricas de actualidade cultural, moda, «forma» e vida sexual. E ainda por cima um horóscopo. E, sobretudo, uma grande abundância de fotografias muito sugestivas de jovens superficialmente vestidas: Sylvains Slama sabe ilustrar muito engenhosamente os seus temas.

Com efeito, a presença feminina, nua de preferência, continua a ser uma constante desses jornais. Quase todos eles têm o olhar fixo nos dois gigantes do sector: *Lui* e *Playboy*.

Há vinte anos que *Lui* prospera. Quando Daniel Filipacchi e Frank Ténot se lançam, em 1963, a ideia não é nova, pelo menos nos Estados Unidos onde Hugh Hefner construiu uma fortuna com *Playboy*. O primeiro número de *Lui* não causou grande agitação. Mas, no sétimo uma foto de Valérie Lagrange causa escândalo e dá origem a uma proibição — temporária — do jornal pelo Ministério do Interior. É o êxito. Em três anos *Lui* atinge os 466 000 exemplares de hoje. Os anunciantes já não se interrogam. Em 1981 o jornal realizou um volume de negócios de 44 milhões de francos. Um negócio de ouro como *Playboy* fórmula francesa (difusão: 181 000), que Hugh Hefner confiou aos mesmos indivíduos.

«É impossível encarar o êxito de um magazine masculino sem uma presença feminina», diz Jean-Francis Held, ex-grande repórter, que realizaria o mensário «masculino» de *L'Expansion*. «Os encantos femininos é um trunfo muito importante para o êxito de um jornal de conotação masculina», concluem Daniel Bernat d'Anglésias e Thierry Leneuf, depois de múltiplos estudos. «As mulheres fazem parte da descontração dos homens», sublinha Laurent Jalou. São todos eles unânimes. E as rubricas que se encontram em toda a parte, inseridas nos jornais masculinos mas sem nenhuma originalidade em relação com a imprensa feminina, estão sempre lado a lado com a tradicional rubrica «charme» — o das mulheres, naturalmente.

«Há dez anos era pessimista. Pensava que estávamos a vender a uma geração de frustrados: como iam reagir os jovens, na época da pílula!», diz Frank Ténot. E termina sorrindo: «Nenhuma mudança. Os vinte e cinco trinta anos são uma franja importante dos nossos leitores.» «Recentrado», o novo homem continua um homem.

Maryse Wolinski

Ultima página Sete Ponto Sete



Vários museus europeus têm mostrado desde há 60 anos parte dos tesouros que acompanhavam Tutankamon no seu túmulo



De momento, só faz cheques a sua mulher Hannelore, e esta parece preferir que seja assim

Esteve escondido durante três mil anos

«A calma reinante fez-me tomar consciência de que tinha acontecido algo de extraordinário». É o arqueólogo inglês Howard Carter, o autor da frase.

A 4 de Novembro de 1922, passaram agora seis décadas, trabalhadores egípcios descobriram no Vale dos Reis, a 30 quilómetros do Cairo, no sétimo ano da busca do túmulo do faraó Tu-Tanq-Amon por encargo de sua senhoria George Edward Stanhope Herbert, quinto conde de Carnavon, a entrada da última morada daquele que, três mil anos antes, dominara o vale do Nilo.

Foi Carter que, ao contrário de outros egiptólogos contemporâneos seus, insistiu longamente para que a busca continuasse. Diversos indícios tinham-no persuadido de que o túmulo teria de estar precisamente ali onde veio a ser encontrado naquele dia de Novembro de há 60 anos.

Carter escreve a este respeito: «a 5 de Novembro, ao pôr do Sol, tornou-se visível, depois de cinco horas de trabalho no subsolo, uma porta selada e coberta com argamassa».

Carter desejava seguir para diante, mas pareceu-lhe mais correcto chamar Lord Carnavon, que se encontrava na Grã-Bretanha, e que patrocinava há longos anos aquela busca, iniciada de forma sistemática no limiar do século. Carnavon já desistira desanimado, mas Carter conseguiu convencê-lo a fazerem uma derradeira tentativa em 1922.

Lord Carnavon mudara-se para o Egipto no princípio do século para se curar da asma que o afligia. Activo, como qualquer membro da

«rulling class» britânica o era então, interessou-se pela egiptologia sem olhar a gastos, mas teve de esperar 20 anos até que Carter, que trabalhava no Museu Cairota de Egiptologia, lhe oferecesse o êxito que ele perseguia.

Foi na manhã de 24 de Novembro de 1922 que apresentaram ao Governo egípcio e à opinião pública mundial a sua descoberta. O selo colocado na porta há 3000 anos foi retirado, revelando um legado que, desde então, não mais cessou de cativar milhões de pessoas.

Carnavon e Carter penetraram previamente na tumba e apoderaram-se de objectos que mais tarde vieram a aparecer na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Mas o número das peças ali encontradas ultrapassa as sete mil, a maior parte das quais foi devidamente recuperada...

O que surgiu à luz do dia, há 60 anos (cerca de 50 milhões de europeus tiveram a possibilidade, nos últimos tempos, de ver uma pequena parte de tais tesouros) foi uma colecção inolvidável, que unia os homens da nossa época aos que viveram há 3000 anos.

Nunca antes se tinha visto nada comparável. E não se pode estranhar que a série de mortes de pessoas que trabalharam na descoberta do túmulo — todas medicamente explicáveis — tenha dado lugar a algo que passou a ser conhecido como «a maldição do faraó».

Edgard Wallace, autor inglês de histórias misteriosas que viveu entre 1875 e 1932, deixou-nos uma obra que se chama exactamente assim, e que apenas tem o defeito de carecer de base real.

Siegfried Niebuhr DPA

A galeria de «estadistas veteranos» da República Federal da Alemanha está desde há muito tempo mais rica com a entrada de Helmut Schmidt, «retirado mas não arrumado», e que depois de ter perdido o poder continua a ser muito popular no país.

Desde a sua criação em 1949, a RFA produziu três chanceleres a que ninguém regateia o estatuto de «grandes»: Konrad Adenauer (que foi chanceler federal de 1949 a 1963), Willy Brandt (de 1969 a 1974) e Helmut Schmidt (de 1974 a 1982).

Com 63 anos, Schmidt foi derrubado no Parlamento de Bona no dia 1 de Outubro passado por um voto de censura que se seguiu a uma mudança das alianças do Partido Liberal, agora no Governo em coligação com os democratas-cristãos.

Há dias, depois de semanas de luta consigo mesmo, Schmidt anunciou ao país que não se recandidatará a chanceler pelo seu partido nas legislativas antecipadas de 6 de Março próximo. Em vez dele, será o ex-ministro da Justiça Hans-Jochen Vogel que encabeçará as listas dos sociais-democratas.

Foi aconselhado seriamente pelos seus médicos e a pedido de sua esposa Hannelore que Schmidt, animal político por excelência, renunciou a ser outra vez a «locomotiva

eleitoral» do seu partido. Isto não exclui, no entanto, que também considerações políticas tenham pesado na decisão do ex-chanceler.

O SPD, onde o veterano hurguês milita desde 1946, anotou a decisão de Schmidt com profundo pesar, embora respeitando-a, sobretudo porque é público que os médicos garantiram a Schmidt que ele não sobreviveria a mais quatro anos de governo.

Nos dez últimos anos, Schmidt foi vítima de três doenças graves: em 1972 uma alteração das funções da glândula tireóide, em 1980 uma inflamação muscular do coração e em 1981 uma taquicardia aguda.

Na Alemanha Federal de 1949, que ressurgia das ruínas da Segunda Guerra Mundial (1939/1945), provocada pela Alemanha Nazi de Hitler, foi Adenauer quem desempenhou a tarefa de assentar as bases do novo Estado democrático. Adenauer reintegrou o seu país na comunidade dos povos do Ocidente, reconciliando-se com os seus inimigos da véspera.

Esta tarefa seria completa mais tarde por Willy Brandt, que estabeleceu trabalhosa e uma política de cooperação e de razoável vizinhança com os países do Leste vítimas da agressão bélica nazi.

Em 1974, quando Schmidt chegou à chefia do governo de Bona, a obra básica de edificação da República Federal da Alemanha estava praticamente concluída. Agora fal-

tava consolidar o alcançado, fundir numa só as políticas da RFA para o Oeste e o Leste e converter o país num interlocutor válido para o mundo inteiro.

Schmidt foi «o homem certo para o momento certo». Com grandes doses de pragmatismo, sentido da medida e do possível, conseguiu converter o seu país numa potência média e fiável. O seu lema foi o seguinte: «Em política não há lugar para paixões e para a emoção, excepto no que toca à paixão pela sensatez».

Ele guiou a RFA com a mão segura por entre os redemoinhos da crise económica internacional, mantendo-se afastada da ameaçadora confrontação Leste-Oeste e conseguindo que as superpotências voltassem a dialogar. A RFA de Schmidt converteu-se num «bastião de continuidade», reconhecido como tal tanto a Oeste como a Leste.

Nos últimos três anos, porém, começaram a fazer-se sentir no Governo de Schmidt sintomas de cansaço e de travagem. A política externa continuou a «boiar», mas Schmidt não conseguiu reduzir os gastos da caríssima política social e de subvenções estatais, que inclusivamente aumentaram enquanto a economia mundial não cessava de se deteriorar, o que produziu um tremendo endividamento estatal. Ao que parece, a saúde do chanceler ressentiu-se directamente deste fracasso.

Embora sabendo-se já elevado ao estatuto de «estadista veterano», com direito a um merecido repouso, Schmidt não deseja, de modo algum, converter-se num cidadão com uma vida sobretudo individual, e passiva. Como vice-presidente do seu partido e deputado no parlamento de Bona, Schmidt continuará a ser um personagem influente. E já o disse claramente quando largou o «leme» do poder: «Não tenho a menor intenção de converter em segredos de Estado a minha opinião sobre as questões políticas».

Schmidt pretende agora escrever dois livros. Num relatará os seus encontros com personalidades mundiais. O outro será um tratado de filosofia política e chamar-se-á «Em torno da Alemanha».

O ex-chanceler federal instalou-se no edifício do Parlamento, num «escritório» pessoal de 110 metros quadrados. Dois auxiliares e uma secretária ajudam-no no seu trabalho. Há que examinar e responder a uma infinidade de convites para visitas a diferentes pontos do país e ao estrangeiro, entrevistas, conferências e outros compromissos. Mas, dois decênios depois de lutas diárias no «céu» da política, Schmidt advertiu os seus colaboradores de que não deverão impor-lhe calendários demasiado apertados. Não quer andar «de língua de fora», agora que está «retirado». «Penso ir muito a concertos, ao teatro, viajar, ler livros, falar com as pessoas» passou a ser a sua divisa.

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

AVISO AO PUBLICO

28/82 CONCURSO

Até às 17 horas do dia 15 de Novembro de 1982, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de uma dependência para venda de jornais, livros e revistas, na estação de Pedrouços.

A anuidade mínima a oferecer é de 12000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 2000\$00, e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa de concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Lisboa (Cais do Sodré)
- Pedrouços
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar Lisboa

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP, Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de uma dependência na estação de Pedrouços.»

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a parar sempre no passeio antes de atravessar a rua.

PREVENÇÃO RODOVIARIA PORTUGUESA

motociclista

ACENDA OS MÉDIOS

mesmo durante o dia

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO-DSR